



PRISCILA HANAKO ISHY DE MAGALHÃES

**UMA ANÁLISE FONOLÓGICA DA LÍNGUA KANAMARI
(KATUKINA)**

**CAMPINAS,
2012**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

PRISCILA HANAKO ISHY DE MAGALHÃES

**UMA ANÁLISE FONOLÓGICA DA LÍNGUA KANAMARI
(KATUKINA)**

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

**Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do Título de Mestra em Linguística.**

**CAMPINAS,
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Is3u Ischy, Priscila Hanako, 1986-
Uma análise fonológica da língua kanamari (Katukina)
/ Priscila Hanako Ischy de Magalhães. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2012.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua indígena. 2. Língua kanamari. 3. Língua
kanamari (Katukina). 4. Língua kanamari - Fonologia. 5.
Índios da América do Sul - Amazonas – Línguas. I. Corbera
Mori, Angel H., 1950-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: A Phonological Analysis of the Kanamari Language
(Katukina).

Palavras-chave em inglês:

Indigenous Language

Kanamari language

Language kanamari (Katukina)

Kanamari language – Phonology

Indians the South America – Amazon - Languages

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestra em Linguística.

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Maria Bernadete Marques Abaurre

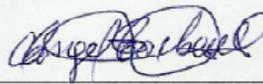
Waldemar Ferreira Neto

Data da defesa: 12-12-2012.

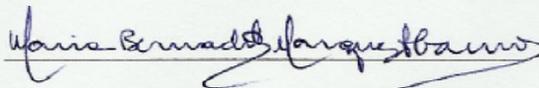
Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori



Maria Bernadete Marques Abaurre



Waldemar Ferreira Neto



Maria Filomena Spatti Sândalo

Gláucia Vieira Cândido

IEL/UNICAMP
2012

À memória de meu pai, Tomita, e ao povo
Kanamari

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Angel Corbera Mori, por seus conselhos, sugestões e críticas, que serviram de aperfeiçoamento tanto da dissertação, como do meu conhecimento em teorias e análises. Além de sua exigência e esmero comédidos, que me impulsionam na busca pela excelência, fazendo-me amadurecer em muitos aspectos da vida acadêmica.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa por meio da bolsa de mestrado (Processo 2010/03116-1) e pela Reserva Técnica, que foi de grande importância para a realização do trabalho de campo.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pela autorização de entrada na Terra Indígena Kanamari / Igarapé Mamori – AM (nº 47/AEP/11 – Processo 3222/2010).

Ao Prof. Dr. Wilmar D'Angelis por aceitar participar da banca de qualificação da dissertação, contribuindo, assim, com sugestões valiosas na análise dos dados, e levantando questionamentos a ser considerados nessa pesquisa e em outras futuras.

À Prof^a. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre pela participação na banca de qualificação e na de defesa da dissertação, pelos seus comentários e sugestões, que se fazem verdadeiros ensinamentos, sempre manifestos de modo modesto e instrutivo.

Ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Neto por aceitar prontamente em participar da banca de defesa e colaborar no progresso dessa pesquisa, não apenas destacando erros ou inconsistências da dissertação, mas propondo novas percepções às análises dos dados, que embora não sejam demonstradas nessa fase, serão proveitosas para a continuação da pesquisa.

À Prof^a. Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo por aceitar participar como suplente na banca examinadora de defesa da dissertação e por dispor de seu tempo para a leitura da mesma.

À Prof^a. Dra. Gláucia Vieira Cândido por aceitar fazer parte da banca examinadora como suplente e, especialmente, por ter mostrado ser possível o estudo científico de línguas indígenas e ter me iniciado nessa área. Por isso e por suas aulas excelentes, tenho grande carinho e guardo boas recordações.

Aos professores e colegas da Universidade Estadual de Goiás, especialmente à Nayara e Waleska, pelos tempos de conversas e trabalhos durante a graduação, e ao Raphael, que tem sido colega de estudos até hoje.

Aos funcionários e colegas do Instituto de Estudo da Linguagem que contribuem para fazê-lo um centro de excelência na área da Linguística.

À Missão Novas Tribos do Brasil, nas pessoas de Christa Groth e Sérgio Botileiro pelo fornecimento de materiais linguísticos, tais como cartilhas, gramática, dicionário e artigos sobre a língua Kanamari. À Maria do Carmo Revoredo por todo o apoio no contato com os indígenas e na ajuda da escolha dos informantes, além da amizade durante minha primeira viagem a Eirunepé. A Adnor e Antonina Brito pelo apoio na comunicação com os indígenas Kanamari e em toda a viagem à aldeia Mamori, tanto no percurso de canoa, como durante a estadia. Certamente a ajuda de todos foi essencial na concretização da coleta dos dados.

Ao meu querido marido, Elom, que tem me acompanhado nessa etapa da minha vida desde os primeiros passos, quando ainda estava me candidatando ao mestrado, e cujo apoio e conselhos foram fundamentais para continuar a trilhar esse caminho, sempre me incentivando, quando o ânimo me faltava.

Aos meus avós, Raimundo e Maria, por toda a ajuda que me deram durante o mestrado, além de tudo o que fizeram por mim ao longo de minha vida. E pelo exemplo que são para todos da família.

À minha mãe, Solange, grande exemplo em minha vida. Sou grata por todos os conselhos e auxílio dados sempre que necessários.

Aos meus irmãos Thiago, Letícia e Talita.

Aos meus tios, da família Ishy e da família Santana, por todo tipo de ajuda que me ofereceram, em forma de palavras de incentivo, de conselhos e de disposição para o que fosse preciso.

Aos tios de coração, Clésio e Francis, que se prontificaram a cuidar de mim em uma fase difícil, mesmo não pertencendo a sua família. E se prontificaram novamente, durante o mestrado.

À Marli Reis e sua família, que se ofereceram a me receber assim que me mudei para Campinas e sempre estiveram dispostos a ajudar. Sou muito grata por tudo que fizeram por

mim.

Aos meus sogros, Daniel e Maristela, pelo apoio e orações.

Aos meus amigos de infância e de outras etapas da vida, que mesmo não mantendo a amizade de antes, para mim, todas têm algum valor. Tenho um carinho especial por cada um e guardo boas memórias de todos.

Enfim, a Deus a quem reconheço ter sido meu alicerce em todos os momentos.

RESUMO

Este trabalho analisa a fonologia da língua Kanamari, cujos falantes habitam a região sudoeste do estado do Amazonas, distribuídos em aldeias ao longo dos rios Japurá, Juruá, Xerua, Itucumã, Jutai, Tarauaca, Itacoai, Javari e Jandiatuba. Para essa pesquisa, os dados foram obtidos de indígenas oriundos de aldeias do Rio Juruá. Os objetivos foram descrever os sons da língua e analisá-los, primeiramente conforme os procedimentos fonêmicos, a fim de definir fonemas e alofones, e posteriormente, segundo modelos não lineares, com o intuito de examinar os processos fonológicos, a estrutura silábica e o acento. Como resultados, concluiu-se que o grupo de sons velares [k], [kʷ] e [g] formam o fonema /k/, os sons [ts] e [tʃ], bem como [dʒ] e [dʃ], estão em variação livre constituindo, respectivamente, os fonemas /tʃ/ e /dʒ/. As consoantes nasais [m], [n] e [ɲ] são neutralizadas em posição final de sílaba quanto ao ponto de articulação, realizando-se foneticamente como o som velar [ŋ], o que implica na postulação do arquifonema /N/. As vogais posteriores [o] e [u] constituem o fonema /u/. E as vogais anteriores [i], [ɪ], [e] compõem o fonema /i/. Através das teorias autosegmental e métrica, os processos fonológicos de assimilação e de inserção foram analisados e representados pela geometria de traços, os moldes silábicos foram definidos e, a partir destes, interpretou-se algumas ambiguidades fonéticas. Percebeu-se que o acento tende a ser previsível, ocorrendo na última sílaba. Apesar disso, em alguns dados também apareceu na penúltima sílaba, o que foi explicado pela regra de extrametricidade, ou seja, nesses casos, o afixo da palavra é extramétrico e o acento permanece na palavra gramatical. Foi apresentada a hipótese de que a palavra mínima tende a ser bimoraica e, por fim, exemplificou-se que o acento em Kanamari não é definido pela duração.

Palavras-chave: Línguas Indígenas, Kanamari, Família Katukina, Fonologia.

ABSTRACT

This dissertation presents a phonological analysis of the language Kanamari, spoken in the southwestern region of the Brazilian state Amazonas. The Kanamari indigenous villages are dispersed along the Japurá, Juruá, Xeruã, Itucumã, Jutaí, Tarauaca, Itacoaí, Javari and Jandiatuba Rivers. Data has been collected from native speakers of the Juruá River. The purposes were describe the sounds of the language and analyze them, firstly according to the phonemic procedures, so that phonemes and allophones could be defined, and then, by the non-linear model, with a view to examine some phonological processes, the syllable structure and the stress. As results, it were concluded that the velar sounds group [k], [k^h] and [g] form the phoneme /k/, the sounds [ts] and [tʃ], as well as [dʒ] and [dʒ^h], are in free variation constituting the phonemes /tʃ/ and /dʒ/ respectively. The nasal consonants [m], [n] and [ɲ] articulation point are neutralized in final syllable position, being pronounced as the velar sound [ŋ], it implies the designation of the archiphoneme /N/. The back vowels [o] and [u] constitute the phoneme /u/. And the front vowels [i], [ɪ] and [e] make up the phoneme /i/. By means of the autosegmental and metrical theories, it was analyzed the phonological processes of assimilation and insertion, the syllable patterns and through them some phonetic ambiguities. Also, it was realized that the stress tends to be predictable, occurring in the last syllable. However, in some data the stress occurred in the penultimate syllable. These exceptions were explained by the extrametricality rule, that is, the affix of the word is considered extrametrical and the stress remains in the grammatical word. Futhermore, it was presented the hypothesis that the minimum word tends to be bimoraic. And at last, it was exemplified that stress in Kanamari isn't defined by length.

Key words: Indigenous Languages, Kanamari, Katukina Family, Phonology.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Localização dos Grupos Kanamari	27
Figura 2 - Vista aérea da aldeia Mamori	29
Figura 3 - Foto de algumas casas em uma aldeia Kanamari	29
Figura 4 – Mapa de Localização da Família Linguística Katukina	36
Figura 5 – Mapa da Localização da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de <i>Djapas</i> e Suas Localizações	31
Quadro 2 – Fones Consonantais	43
Quadro 3 - Fones Vocálicos Breves	53
Quadro 4 - Fones Vocálicos Nasais	55
Quadro 5 - Fones Vocálicos Longos	57
Quadro 6 - Pares Suspeitos do Inventário Fonético Consonantal	59
Quadro 7 - Fonemas Consonantais	75
Quadro 8 - Pares Suspeitos do Inventário Fonético Vocálico	76
Quadro 9 - Fonemas Vocálicos	81
Quadro 10 - Interpretação das Ambiguidades Fonéticas	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 – Primeira pessoa
- 2 – Segunda pessoa
- 3 – Terceira pessoa
- A – Ataque
- AM – Amazonas
- C – Consoante
- Cd – Coda
- CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- COMIN – Conselho de Missão entre Índios
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio
- FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
- IPA – International Phonetic Alphabet
- MNTB – Missão Novas Tribos do Brasil
- N – Núcleo
- NOM – Nominalizador
- PL – Plural
- R – Rima
- SG – Singular
- TI – Território Indígena
- V – Vogal

LISTA DE SÍMBOLOS

- [] Representação fonética
- // Representação fonológica
- { } Representação morfológica
- < > Representação Ortográfica

:	Alongamento
~	Variação
‘ ’	Glosas
#	Fronteira de palavra
-	Juntura de morfema
*	Formas agramaticais
σ	Estrutura silábica
.	Fronteira silábica
'	Acento primário
,	Acento secundário
μ	Mora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
1.1 O POVO E A LÍNGUA KANAMARI	26
1.1.1 O Povo Kanamari	26
1.1.1.1 Localização	26
1.1.1.2 Modo de Vida	28
1.1.1.3 Djapás	30
1.1.1.4 Eventos Culturais	32
1.1.1.5 Problemas Sociais Atuais	33
1.2 A FAMÍLIA LINGUÍSTICA KATUKINA	34
1.2.1 O Uso da língua Kanamari	37
1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA	39
1.3.1 Trabalho de Campo	39
1.3.2 Análise Teórica dos Dados	40
1.3.3 Objetivos	41
2 DESCRIÇÃO FONÉTICA DA LÍNGUA KANAMARI	43
2.1 FONES CONSONANTAIS	43
2.1.1 Quadro Fonético Consonantal	43
2.1.2 Ocorrência dos Sons Consonantais	44
2.1.2.1 Sons Oclusivos	44
2.1.2.2 Som Fricativo	47
2.1.2.3 Sons Africados	48
2.1.2.4 Sons Nasais	49
2.1.2.5 Som Vibrante	51
2.1.2.6 Sons Aproximantes	51
2.2 FONES VOCÁLICOS	52
2.2.1 Sons Vocálicos Breves	52
2.2.1.1 Ocorrência dos Sons Vocálicos Breves	53

2.2.2 Sons Vocálicos Nasais	55
2.2.2.1 Ocorrência dos Sons Vocálicos Nasais	55
2.2.3 Sons Vocálicos Longos	57
2.2.3.1 Ocorrência dos Sons Vocálicos Longos	57
3 ANÁLISE FONÊMICA DA LÍNGUA KANAMARI	59
3.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS	59
3.1.1 Sons Bilabiais	60
3.1.2 Sons Alveolares	61
3.1.3 Sons Pós-Alveolares	62
3.1.4 Sons Alveolares e Sons Pós-Alveolares	62
3.1.5 Sons Nasais	62
3.1.6 Sons Palatais	63
3.1.7 Sons Aproximantes	64
3.1.8 Som Fricativo e Som Aproximante	64
3.1.9 Som Fricativo e Som Velar	64
3.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	64
3.2.1 As Velares [k], [k ^ʷ] e [g]	65
3.2.2 As Africadas Alveolar [ts] e Pós-Alveolar [tʃ]	68
3.2.3 A Africada Pós-Alveolar [dʒ] e a Oclusiva Pós-Alveolar [d ^ɰ]	69
3.2.4 As Nasais	69
3.2.4.1 As Nasais Velares [ŋ] e [ŋ ^h]	71
3.2.5 A Fricativa [h]	72
3.2.6 A Oclusiva Glotal	73
3.2.7 Quadro Fonológico dos Segmentos Consonantais	75
3.3 SEGMENTOS VOCÁLICOS	76
3.3.1 Os Segmentos Vocálicos Anteriores	76
3.3.1.1 Alofonia das Vogais Anteriores Breves	77
3.3.2 Os Segmentos Vocálicos Centrais	78

3.3.3 Os Segmentos Vocálicos Posteriores	78
3.3.3.1 Alofonia dos Segmentos Vocálicos Posteriores Breves [u] e [o]	79
3.3.4 Os Segmentos Vocálicos Nasais	80
3.3.5 Quadro Fonológico dos Segmentos Vocálicos	80
4. ANÁLISE FONOLÓGICA NÃO-LINEAR	83
4.1 GEOMETRIA DE TRAÇOS DOS SEGMENTOS	83
4.1.1 Geometria de Traços dos Segmentos Consonantais	84
4.1.1.1 Geometria de Traços das Obstruíntes	84
4.1.1.2 Geometria de Traços das Nasais	87
4.1.1.3 Geometria de Traços da Líquida /r/	87
4.1.2 Geometria de Traços dos Segmentos Vocálicos	88
4.1.2.1 Geometria de Traços das Vogais Breves	88
4.1.2.2 Geometria de Traços das Vogais Longas	90
4.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS EM KANAMARI	93
4.2.1 Assimilação	93
4.2.1.1 Nasalização Vocálica	93
4.2.1.2 Vozeamento	96
4.2.2 A Ocorrência do Segmento /h/ em Fronteira de Morfemas	99
4.3 A ESTRUTURA SILÁBICA	106
4.3.1 A Camada Esqueletal	106
4.3.2 Os Constituintes da Sílabas	107
4.3.2.1 O Ataque	107
4.3.2.2 A Rima	108
4.3.2.2.1 Núcleo Simples	108
4.3.2.2.2 Núcleo Longo	109
4.3.2.2.3 Núcleo e Coda	109
4.3.3 Os Moldes Silábicos em Kanamari	110
4.3.3.1 Análise de Sequências Ambíguas	113
4.3.3.1.1 Vogais Altas e Glides	113

4.3.3.1.2 [j] e [w] em Posição de Ataque	116
4.3.3.1.3 Vogais Longas	119
4.3.3.1.4 Oclusiva Glotal [ʔ]	120
4.3.3.1.5 Transições Fonéticas	121
4.3.3.1.6 Interpretação das Ambiguidades Fonéticas	121
4.3.4 Silabificação	122
4.3.4.1 Inserção da Glotal [ʔ] em Juntura de Morfemas	122
4.3.4.2 Alongamento Vocálico	124
4.3.4.3 Alomorfes Possessivos Presos	126
4.3.5 Ressilabificação	129
4.3.5.1 Formação de Ataque	129
4.3.6 Peso Silábico	132
4.4 O ACENTO	136
4.4.1 Análise Métrica do Acento	137
4.4.1.1 Acento Morfológico	141
4.4.2 Palavra Mínima	143
4.4.3 Duração e Acento	144
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	149
BIBLIOGRAFIA	151
APÊNDICE – Lista de Palavras	153

1 INTRODUÇÃO

A região amazônica possui uma vasta quantidade de etnias que carregam consigo uma rica diversidade cultural e linguística. Contudo, muito dessa riqueza tem se perdido ao longo dos anos, por falta de registros e pesquisas que documentem suas culturas e suas línguas.

Alguns motivos para essa falta de documentação podem ser: a) o difícil acesso à região em que se localizam tais etnias; b) o pouco auxílio financeiro às pesquisas de campo, em oposição ao enorme custo das viagens; c) o pouco interesse ou falta de informação por parte da sociedade brasileira em relação aos povos indígenas do Brasil. Essas motivações somadas à forte influência da sociedade não indígena e da língua portuguesa, tendem a enfraquecer a identidade dessas etnias, assim como a propagação de sua cultura.

Como tentativa de amenizar esse quadro, procuramos, por meio dessa pesquisa, levantar dados sobre a etnia Kanamari e registrar alguns aspectos linguísticos da língua falada por esse povo. Esperamos assim, que esse trabalho contribua para a divulgação dessa comunidade aos não indígenas, colabore com o estudo linguístico da pequena família Katukina e forneça instrumentos para a realização de materiais didáticos e paradidáticos nessa língua, a fim de que leiam e escrevam em sua própria língua, bem como propaguem suas histórias, sua cultura e seu idioma aos seus descendentes.

No âmbito acadêmico, acreditamos que quanto mais registros e estudos das diversas línguas do mundo, mais ferramentas existirão para auxiliar o desenvolvimento, a comprovação ou até mesmo como contraprova de teorias linguísticas.

Esse trabalho estrutura-se em cinco capítulos. O primeiro apresenta algumas características do povo Kanamari, a família linguística Katukina e a metodologia da pesquisa. O segundo capítulo descreve os aspectos fonéticos da língua. O terceiro demonstra a análise fonêmica dos sons da língua e no quarto capítulo, interpretamos alguns processos fonológicos, a estrutura silábica e o acento por meio de preceitos da Fonologia Não-Linear. Finalmente, concluímos o trabalho no quinto capítulo com algumas considerações finais.

1.1 O POVO E A LÍNGUA KANAMARI

1.1.1 O Povo Kanamari

1.1.1.1 Localização

A etnia Kanamari encontra-se, primordialmente, na região sudoeste do estado do Amazonas, com aldeias em territórios indígenas diferentes ao longo dos rios Japurá, Juruá, Xeruã, Itucumã, Jutaí, Tarauaca, Itacoaí, Javari e Jandiatuba.¹ Segundo dados do censo feito pela FUNASA em 2010, o número total de índios Kanamari é de 3.167 (FUNASA *apud* Costa, 2012). E de acordo com o Instituto Socioambiental (2012), as Terras Indígenas (TI) em que existem Kanamari são: Kanamari do Rio Juruá com 496 habitantes, Maraã/Urubaxi (região do Solimões) com 185 habitantes, Mawetek (região dos rios Juruá/ Jutaí/ Purus) com 207 habitantes, Paraná do Paricá (região do Solimões) com 34 habitantes, Patauá (região dos rios Tapajós/ Madeira) com 47 habitantes, e Vale do Javari².

Estima-se que o motivo pelo qual o povo Kanamari habite três áreas indígenas diferentes seja devido às invasões seringalistas ocorridas na região do Juruá no início da década de 1940 (CEDI, 1981). Provavelmente, a região de origem dos Kanamari tenha sido a do rio Juruá e, posteriormente, muitos migraram para as regiões do rio Jutaí e das bacias do Javari. Essa hipótese pode ser reforçada pelos relatos do Padre Tastevin que menciona a existência dos Kanamari na região do Juruá na década de 1920 (Tastevin, 1924).

A etnia mais próxima geograficamente ao povo Kanamari do Juruá é a dos Kulina, contudo, a relação entre os dois povos é distante. Em geral, os Kanamari dizem não serem amigos dos Kulina, pois estes jogam feitiço neles, de acordo com relatos de alguns ajudantes no trabalho de campo. Ninguém soube explicar o motivo dessa crença que parece vir de longas datas, já que, em 1920, Paul Rivet relata que os Kanamari são inimigos mortais dos Kulina (Rivet, 1920). Ainda assim, é possível encontrar casais formados por Kulina e Kanamari.

1 No rio Jandiatuba, encontra-se o grupo Tsomwuk *Djapa*, que alguns estudiosos consideram ser uma etnia diferente dos Kanamari. Nesse trabalho, consideramos que ambos fazem parte da mesma etnia.

² Não foi especificado o número de habitantes Kanamari no TI Vale do Javari.

1.1.1.2 Modo de Vida

O povo Kanamari se autodenomina *Tukuna* [tukuu 'na?] e é considerado seminômade, pois os indígenas costumam viajar para outras aldeias da mesma etnia e passam um mês ou mais vivendo com seus parentes.

As casas nas aldeias são construídas sobre palafitas, com paredes parciais e cobertura de palha. Em uma mesma casa pode haver mais do que uma família do mesmo parentesco. As vestimentas atualmente usadas pelos Kanamari são as mesmas do povo da cidade. As pinturas faciais registradas em fotos de anos passados são pouco usadas hoje em dia. O comum atualmente são tatuagens de nomes ou desenhos, como de estrela e animais, feitas de jenipapo e usadas tanto no corpo, quanto no rosto.

As mulheres confeccionam potes de barro (*moro*) e cestos de palha (*tom*) ou de cipó (*tori*). O *moro* é feito com uma mistura da casca de uma árvore (*wamdak*) e um tipo de barro (*wahmim*). Esses potes de barro são usados para a preparação de alimentos, porém hoje já é comum o uso de panelas, pratos e copos de alumínio ou plástico. De acordo com uma ajudante da aldeia Mamori, quase não se faz mais esse tipo de pote, pois a técnica de confecção é conhecida apenas pelas mais velhas e a maioria já morreu, além disso, hoje em dia, as mulheres preferem as panelas de alumínio compradas na cidade. Alguns rapazes também confeccionam miniaturas de canoas e aviões em madeira de cedro.

Como forma de subsistência, os Kanamari cultivam pequenas roças de mandioca, batata doce e milho. Esses alimentos estão presentes em suas alimentações, juntamente com carne de peixe, jacaré, cutia, anta, paca, tracajá, tatu, porco do mato e macaco, dentre outras caças. Da mandioca preparam o beiju e a caiçuma. Também colhem frutas como banana, abacaxi, caju, limão, mamão, *mara* e outras.

A seguir apresentamos duas foto da aldeia do Igarapé Mamori:



Figura 2: Vista aérea da aldeia Mamori (foto: Hulda M. Knigge, 2005)



Figura 3: Foto de algumas casas em uma aldeia Kanamari (Foto: Hulda M. Knigge, 2005)

1.1.1.3 *Djapas*

Entre o povo Kanamari há a divisão por clãs, denominado *djapa*. Cada *djapa* possui o nome de um animal. Segundo relatos de alguns Kanamari durante a pesquisa de campo, cada *djapa* parece denominar um grupo local. Estes são patrilineares, herdados dos pais. Não há problemas na união entre pessoas de *djapas* diferentes, o que confere uma característica endogâmica e exogâmica aos *djapas* (Labiak, 1997). No caso da mulher que se casar com um homem de outro *djapa*, passa a pertencer ao clã do marido assim como seus filhos. Percebe-se que, conforme alguns *djapas* perderam seus territórios, uniram-se a outro *djapa* aliado⁴.

Linguisticamente, há algumas variações que servem para que se diferenciem principalmente no âmbito lexical. Esse fato, porém, não impede que os Kanamari se comuniquem, conforme os mesmos relataram. Pôde-se perceber, durante o trabalho de campo, que algumas palavras eram diferenciadas entre *djapas* distintos, cada forma usada especificamente por um *djapa*⁵. Há também casos em que um *djapa* utiliza uma palavra na língua Kanamari e outro usa o emprésimo da língua portuguesa. Alguns ajudantes diferenciaram alguns *djapa* pela forma de falar, disseram que “os *Bim Djapa*, os *Potso Djapa* e os *Kadjikiri Djapa* falam bem rápido, enquanto que os *Wiri Djapa* falam devagar”.

Há vários anos, o povo denominado *Tsomwuk Djapa* tem sido caracterizado como um povo diferente do Kanamari. Contudo, conforme a divisão de *djapas* da etnia Kanamari e os relatos dos ajudantes do trabalho de campo, é possível que esse grupo pertença à mesma etnia, assim como os *bim djapa* e os *hom djapa* que foram considerados etnias diferentes⁶ e, atualmente, o primeiro é reconhecido como um dos grupos pertencentes ao povo Kanamari e sobre o segundo não há informações, mas certamente constituiu-se um desses *djapa*.

4 Labiak (1997) exemplifica com o caso dos *Om Djapa*/Gente do Sapo, que são considerados extintos pelos Kanamari. No entanto, pessoas desse *djapa* podem ser encontradas entre os *Pidah Djapa* (Katukina do Biá), os Kanamari do rio Itacoaí e do ig. Matrinchã, no rio Juruá.

5 Alguns exemplos são a palavra que designa 'arroz', para os *Bim Djapa* é *wiribi* e para os *Wiri Djapa* é *hai pararanim*, e, para a designação de 'agulha', os *Potso Djapa* usam *awihpi*, enquanto os *Bim Djapa* utilizam *tsopi nanim*.

6 Loukotka (1963) considerava que esses dois grupos falavam duas línguas diferentes que pertenciam à família Katukina.

Durante a segunda viagem para a pesquisa de campo, encontramos alguns indígenas na Casa do Índio em Eirunepé (AM), que se denominavam *Tsomwuk Djapa*. Alguns Kanamari, que também estavam ali, chamavam esses indígenas de parentes e comunicavam-se normalmente com eles. Em português, diziam que eram os Tucanos, que é o significado de *tsomwuk*⁷.

Alguns *djapas* registrados são apresentados a seguir⁸:

<i>Djapa</i>	Localização
<i>amunah djapa</i> (espécie de macaco branco)	Rio Juruá (Ig. São Vicente e Ig. Mamori)
<i>bim djapa</i> (mutum)	
<i>hitsam djapa</i> (porquinho do mato)	
<i>im djapa</i> (piranha)	
<i>kadjikiri djapa</i> (tipo de macaco pequeno)	Rio Javari (P.I.São Luiz, Ig. Irari e Rio Itacoaí)
<i>kamoja djapa</i> (macaco barrigudo)	
<i>kotsiah djapa</i> (lontra)	Rio Jutaí
<i>om djapa</i> (tipo de rã)	Rio Juruá(Ig. Matrinxã)
<i>pidah djapa</i> (onça)	Rio Jutaí (Rio Biá)
<i>potso djapa</i> (tipo de pássaro)	Rio Juruá (Ig. Mawetek, Ig. Sta. Rita, Ig. Três Bocas)
<i>tsomwuk djapa</i> (tucano)	Rio Jandiatuba
<i>wadjo paranim djapa</i> (macaco da noite)	Rio Jutaí
<i>wadjo tignim djapa</i> (tipo de macaco preto)	Rio Jutaí, Rio Japurá, Rio Juruá (Ig. Sta. Rita)
<i>wiri djapa</i> (queixada)	Rio Juruá (afluente Rio Itucumã,Ig. Três Bocas, Rio Xeruã, Furão/Curab, Flexeira/Foz)

Quadro 1 – Lista de *Djapas* e Suas Localizações

⁷ Não possuem relação com o povo Tucano da família linguística Tucano Oriental.

⁸ Os dados foram coletados durante a pesquisa de campo e nos trabalhos de CEDI (1981), Labiak (1997) e Groth (1995).

1.1.1.4 Eventos Culturais

De acordo com Labiak (1997), alguns eventos culturais do povo Kanamari são *Kiriwino*, *Mara*, *Tsiri*, *Mokdak*, *Warapikom*, *Haihai*, *Kohana*, *Pidah* e *Pidah Nhanim*⁹. Com base na mesma autora, descrevemos sinteticamente tais rituais.

Kiriwino é uma simulação de uma visita à aldeia. A pessoa que se fantasia de *Kiriwino* usa máscaras feitas de uma espécie de cuia, prato ou cerâmica, contendo orifícios para os olhos e a boca. Essa pessoa traz notícias do lugar de onde veio e das pessoas de seu grupo, isso é feito por mímica, pois não pode falar para que os demais não descubram quem está por detrás da máscara.

No *Mara*, uma pessoa desafia outra do sexo oposto a lhe tomar uma haste de cana-de-açúcar que tem nas mãos, se o desafiado aceitar lutar pela haste de cana, segura as palhas e as puxa em sua direção. Na medida em que uma das pessoas começa a perder terreno, outras do mesmo sexo ajudam-na a dominar a situação.

O *tsiri* consiste em um jogo entre homens ou mulheres que trazem frutas do mato ou do roçado e oferecem-nas à pessoa do sexo oposto. Assim como o *mara*, quem oferece a fruta, oferece também resistência em entregá-la. Durante o trabalho de campo, uma ajudante denominou esse tipo de brincadeira como *pakahki*, que também é o nome da fruta que os homens colhem para esse jogo. Enquanto os homens saem para buscar essa fruta no mato, as mulheres cantam para conseguir pegar a fruta na brincadeira, quando os homens voltam com a fruta, as mulheres devem tomá-las deles de qualquer jeito.

O *mokdak* é um ritual que tem por finalidade resolver uma situação de tensão social. Uma pessoa desafia outra, geralmente do mesmo sexo. O desafiante açoita o desafiado com chicote de couro de anta o quanto a pessoa suportar. Quando este não aguentar mais, alteram-se as posições. Depois da disputa, retorna-se à normalidade e vigência da vida social.

O *Warapikom* é um evento que pode durar alguns dias ou até pouco mais de um mês. Para que essa cerimônia seja realizada, é necessário que haja o momento propício,

9 Tendo em vista o objetivo dessa pesquisa, não nos aprofundaremos sobre os aspectos culturais desses eventos, para maiores informações sobre esses rituais, ver Labiak (1997).

relacionado a três fatores básicos: o ambiental/econômico, que pressupõe a existência de fartura; o social, que se dá através das visitas e alianças entre grupos locais; e o cosmológico, onde sem situações de enfeitiçamentos e mortes, existam relações harmônicas entre humanos e entidades espirituais.

O *haihai* é um evento em que todas as pessoas que estão na aldeia dançam, sem personificação, sem máscaras. É comum enfeitarem-se com dois tipos de tiara, o *kita* e o *towahnim*, feitos com folha de murumuru. Dançam em forma de roda, de mãos ou braços dados, homens de um lado e mulheres de outro do círculo. As crianças unem-se aos adultos, seguindo a mesma ordem. Os cantos no *haihai* falam do cotidiano, de fatos que estão acontecendo ou que já aconteceram há mais tempo.

Na coleta dos dados, também informaram sobre uma brincadeira, parecida com uma luta em que se utiliza um chicote de couro de anta (*mokdak*), denominada *omamkom*. E sobre o *Koni ohimnim*, um tipo de dança em que "só a mulher canta e depois só o homem canta". Sobre o *rami* (cipó-uasca) informaram que "bebem para cantar e para ver a cidade, onça, jacaré e outras coisas".

Certamente, cada aldeia, ou cada *djapa*, possui suas próprias tradições e rituais, em algumas é comum esses tipos de rituais, em outras muitos desses já não se praticam mais.

1.1.1.5 Problemas Sociais Atuais

Se na época da borracha os "patrões" dos Kanamari foram os seringalistas (CEDI, 1981), atualmente seus "patrões" são os comerciantes da região que exploram o dinheiro que muitos passaram a receber do governo em forma de aposentadorias e outros benefícios, como o salário-maternidade, ou como salário de agente de saúde e professor.

Há relatos de que os comerciantes da cidade se aproveitam do dinheiro que os indígenas possuem ao cobrar um valor muito mais alto nos produtos consumidos por eles. Outros os deixam pegar algumas mercadorias e, como pagamento, ficam por três ou mais meses com os cartões de banco e as senhas dos indígenas, esses comerciantes são chamados de "patrões" pelos Kanamari.

Outro problema é que muitos, principalmente os homens, estão viciados em álcool,

e na falta deste, há casos de indígenas que já beberam gasolina, e outros, hipoclorito (que é distribuído para limparem água). No caso das mulheres, muitas querem engravidar para poderem receber o salário maternidade. A consequência disso é que várias correm risco de saúde, pois engravidam sem acompanhamento médico, mesmo as que possuem histórico de vários abortos espontâneos ou dificuldades durante a gestação.

Esses problemas sociais demonstram a necessidade urgente de uma educação efetiva e constante entre as comunidades Kanamari, para que haja informações quanto à prevenção de doenças, combate ao alcoolismo, higiene pessoal, saneamento básico, administração do dinheiro, bem como a própria alfabetização.

1.2 A FAMÍLIA LINGUISTICA KATUKINA

A língua Kanamari pertence à família linguística Katukina. Sobre essa família existem três classificações: a de Loukotka (1968 *apud* Dos Anjos, 2005), a de Rodrigues (1986) e a reclassificação de Dos Anjos (2005).

A primeira classificação dessa família foi de Loukotka (1963), no registro é apresentada uma lista de vocábulos de algumas línguas e dialetos sul-americanos divididos por famílias ou semelhanças linguísticas, dentre eles encontram-se dados da família linguística Katukina, subdividida em Parawa (ou Hon-*Djapa*), Bendiapa e Katukina, que de acordo com o autor possuem semelhanças incontestáveis. Posteriormente, Loukotka (1968 *apud* Dos Anjos, 2005) classifica a família Katukina baseado em critérios geográficos, de acordo com Dos Anjos (2005, 2011).

Assim, a família foi subdividida em Línguas do Sul e Línguas do Norte. As Línguas do Sul seriam compostas por Catuquina (ou Wiri-*Djapa*), Parawa (ou Hon-*Djapa*), Tucundiapa (ou Mangerona), Bendiapa, Tawari (ou Kodekili-*Djapa*, ou Kayarára) e Buruá. E nas Línguas do Norte estaria o Catauxi (ou Catosé ou Hewadie ou Canamari Katawishi ou Quatausi). No entanto, ao ponderarmos que os Kanamari dividem-se em clãs (ou *djapa*) podemos considerar que cada “língua” mencionada por Loukotka, seja na verdade, tais divisões, ou dialetos desses *djapa*. Assim, todos esses dialetos pertenceriam à língua Kanamari.

Rodrigues (1986) divide a família Katukina em quatro línguas: Katukina do Biá, Tsomwuk *Djapa*, Kanamari e Katawixi¹⁰. Mais recentemente, Dos Anjos (2005; 2011) propõe uma reorganização da classificação dessa família, que seria composta por apenas duas línguas: Katawixi e Katukina-Kanamari (composta pelas variedades Kanamari – incluindo o *Tyohon dyapa* – e pelo Katukina do Biá)

Queixalós e Dos Anjos (2006) afirmam que, na verdade, o Kanamari e o Katukina do Biá são um dialeto de uma mesma língua, fato este que leva os autores à conclusão de que a família linguística Katukina, encontrada exclusivamente em território brasileiro, seria composta por apenas duas línguas, se levarmos em conta que ainda existam falantes da língua Katawixi, cujos dados existentes são poucos e datam da década de 1920 (Tastevin, 1920 *apud* Dos Anjos, 2005).

Sobre os Katukina do Biá (*Pidah Djapa*), alguns Kanamari do Juruá, com quem coletamos dados, informaram que entendem algumas palavras da língua deles. Outros disseram que não conseguiam entender, só o pajé os entendia, porque conhecia aquela língua. Um deles fez uma comparação com o caso dos Kulina e os Deni, assim como os falantes dessas línguas, os Kanamari com os Katukina do Biá não são o mesmo povo, mas conseguem entender algumas coisas da outra língua.

Na segunda viagem de campo, realizada na aldeia Mamori, composta pelo *Bim Djapa*, alguns ajudantes relataram que uma vez receberam a visita de alguns Katukina do Biá, a quem denominam *Pidah Djapa*. Sobre a comunicação entre eles, disseram que conseguiram conversar pouco, pois não entendiam muito do que falavam e muitas palavras eram diferentes.

Quanto aos *Tsomwuk Djapa*, os Kanamari do Juruá consideram pertencer ao mesmo povo, mas quando falam rápido, relataram não entendê-los. De acordo com alguns informantes, os indígenas desse *djapa* são tímidos e pouco se relacionam com *Kariwa* (pessoa da cidade).

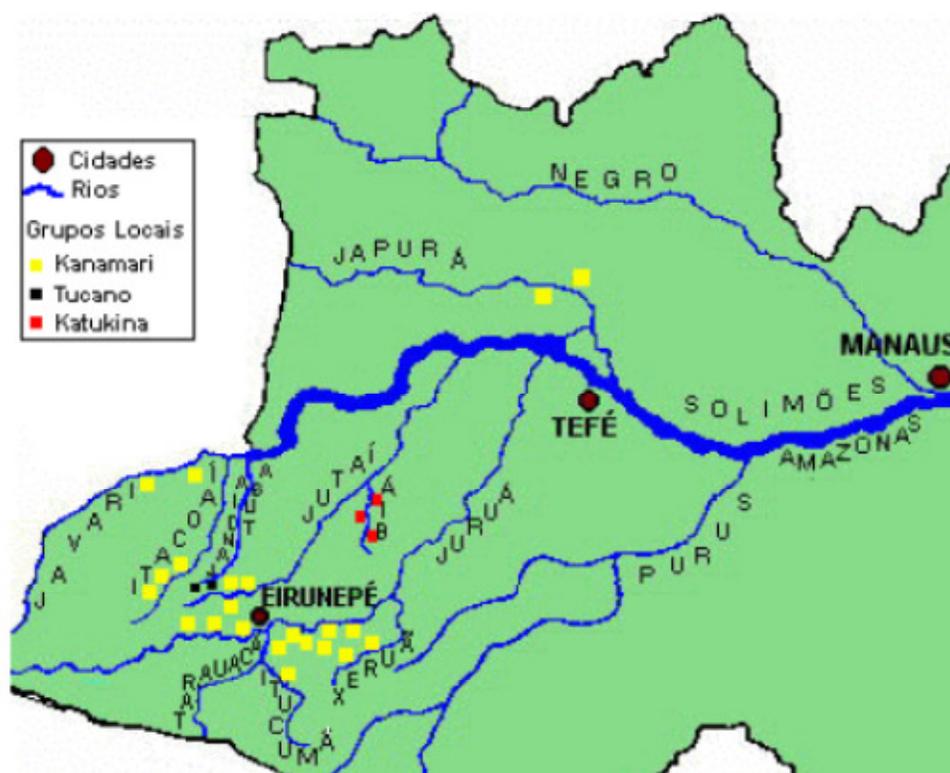
Possivelmente, as diferenças entre os dialetos procedem da distância entre os

¹⁰ O nome ‘tsomwuk *djapa*’ possui várias formas de escrita na literatura, tais como *Txunhuã-djapá*, *Tyohon dyapa*, *Txuhuã-djapá* e *tsohom djapá*. Nesse trabalho, optamos por usar o termo ‘tsomwuk’ ([tʃoŋ^hwuk^ɿ] /tʃoŋwuk/) de acordo com a ortografia que usamos e a análise fonêmica presente nessa pesquisa.

Kanamari do Juruá com os Katukina do Biá e os Tsomwuk *Djapa* ou pelo pouco contato entre os mesmos. Já que para os Kanamari do Jutá e os Katukina do Biá a língua que falam é a mesma, mas com algumas diferenças (Dos Anjos, 2005; 2011).

Neste trabalho nos referimos ao Kanamari como uma língua, sem nos deter, necessariamente, em defini-lo em um dialeto ou em uma língua diferente do Katukina do Biá, por considerar que questões referentes a essa classificação devem levar em conta não só fatores linguísticos, mas também socioculturais.

O mapa a seguir demonstra a localização das etnias pertencentes à família linguística Katukina:



Legenda: Família Linguística Katukina

Kanamari: Amarelo

Tucano: Preto

Katukina: Vermelho

Figura 4 – Mapa de Localização da Família Linguística Katukina

Fonte: Labiak, 1997.

1.2.1 O Uso da Língua Kanamari

Em geral, os Kanamari utilizam somente sua língua para a comunicação dentro de suas aldeias. Os homens são os que mais sabem a língua portuguesa, enquanto que poucas mulheres comunicam-se em português. As crianças e adolescentes raramente sabem português, exceto aqueles que são filhos de pai ou mãe não índia.

Apesar de se comunicarem entre si em Kanamari, muitas palavras já não são mais usadas na língua, ao invés disso, são utilizados empréstimos da língua portuguesa. Alguns falantes com quem trabalhamos tinham dificuldades em lembrar algumas palavras em Kanamari, pois só sabiam em português, afirmavam que precisavam perguntar para os mais velhos sobre aquelas palavras. Outros sabiam a palavra correspondente na língua deles, mas afirmavam que já não era mais usada, preferiam o empréstimo do Português.

Em várias aldeias já existe alfabetização na língua. Uma ortografia, cartilhas de aprendizagem, um dicionário e alguns livros já foram desenvolvidos para os Kanamari da região do Juruá pela organização Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). Há também a assistência do Conselho de Missão entre Índios (COMIN) em algumas aldeias Kanamari do Médio Juruá, nas áreas de saúde, educação, organização e diálogo inter-religioso. Dessa forma, vários índios escrevem e lêem em sua própria língua em algumas aldeias da região do Juruá. Para o Katukina do Biá também foi criada uma ortografia por Dos Anjos e Queixalós (Dos Anjos, 2011). Para esse trabalho utilizamos, quando necessário, a ortografia usada pelos Kanamari do Juruá.

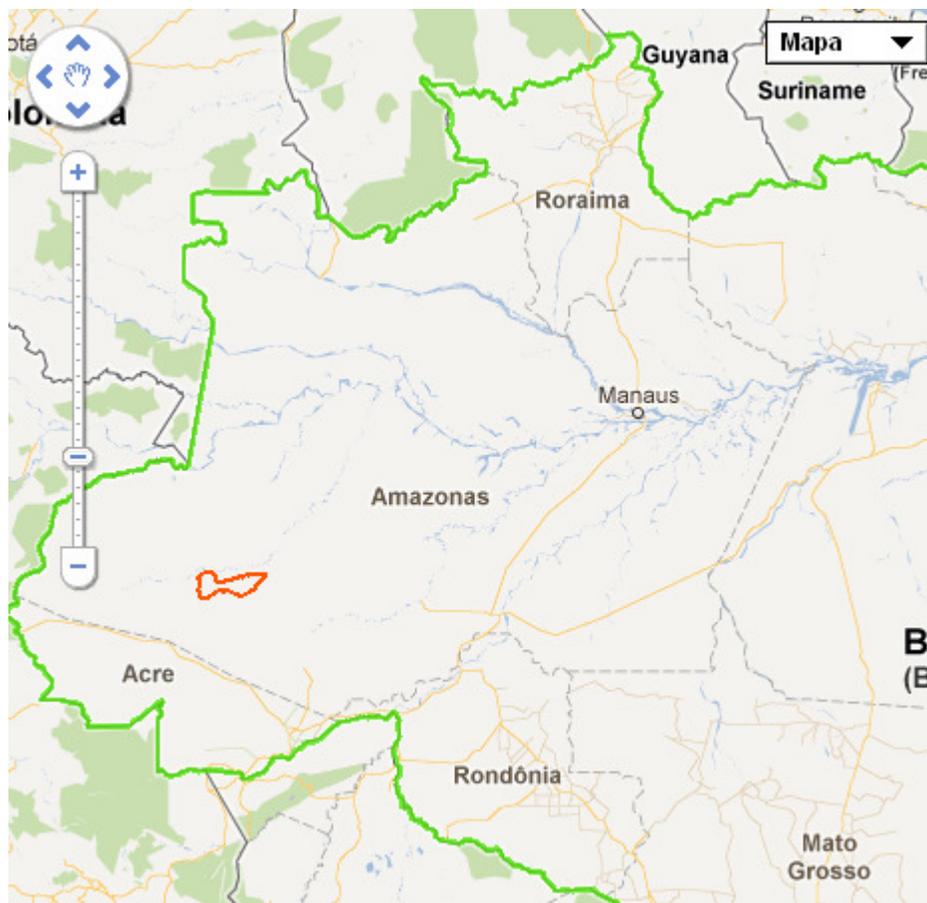
Durante o trabalho de campo, pôde-se perceber que cada *djapa* possui suas próprias variações lexicais. Muitas vezes, os ajudantes¹¹ da língua informavam que havia duas maneiras de se falar a palavra solicitada, uma era como eles usavam na sua aldeia e a outra era como se falava em outra aldeia ou em outro *djapa*. Variações fonológicas também foram percebidas, como mostraremos adiante.

Como mostrado anteriormente, a língua Kanamari (ou Katukina-Kanamari,

¹¹ Utilizamos os termos ‘ajudante’ e ‘colaborador’ como sinônimos de ‘informante’, levando em conta que a última designação pode acarretar um sentido negativo, como se essas pessoas estivessem passando informações sigilosas de sua cultura, o que não é o caso.

conforme Queixalós e Dos Anjos, 2006) é falada em regiões diferentes e, em alguns casos, distantes, o que favorece diferenças dialetais em cada região. Nessa pesquisa, usaremos dados linguísticos coletados exclusivamente em territórios da etnia Kanamari do rio Juruá. Doravante, ao utilizarmos o nome Kanamari, nos referimos ao dialeto da região do Juruá.

O mapa a seguir demonstra a localização da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá em relação ao estado do Amazonas:



Dados Cartográficos ©2012 Google, MapLink¹².

- Território brasileiro
- Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá

Figura 5 – Mapa da Localização da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá

Fonte: Google, 2012.

¹² Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/#!/terras-indigenas/3718>

1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia dessa pesquisa foi dividida em trabalho de campo e análise de dados. Para a preparação do pesquisador foi feita primeiramente uma pesquisa sobre a cultura do povo Kanamari, bem como sobre os trabalhos prévios existentes dessa língua, a fim de levantar indagações relevantes sobre os trabalhos já publicados, com o intuito de encontrar alguma resposta ou sugestão para os questionamentos existentes. Preparou-se também o material a ser usado no trabalho de campo, tais como questionários e gravador digital.

Projetamos duas viagens de trabalho de campo para a coleta de dados junto aos colaboradores Kanamari. Os lineamentos dessa fase foram norteados pelas recomendações presentes em textos de trabalho de campo como Samarin (1967), Abbi (2001), Vaux e Cooper (1999), Bouquiaux e Thomas (1992) e Bower (2008).

1.3.1 Trabalho de campo

Feita a preparação prévia e o levantamento de todo material necessário para a coleta eficaz dos dados, realizou-se o contato com os falantes nativos da língua em questão, feito em conformidade com a autorização dos órgãos responsáveis (FUNAI, CNPq). Os falantes selecionados como colaboradores da pesquisa foram os provedores dos dados na língua, todos eram bilíngues e a maioria alfabetizada na própria língua.

Quanto ao corpus coletado, incluiu-se uma lista de palavras dividida por campos semânticos, e algumas sentenças. Todo o material foi registrado em um gravador digital (modelo SONY ICD-PX820). O processamento de análise dos dados começou já no campo e teve continuidade em trabalho de gabinete.

O trabalho de campo foi realizado por meio de duas viagens a campo. A primeira pesquisa de campo foi realizada na cidade de Eirunepé, onde há um grande movimento de indígenas Kanamari que vão à cidade para receber aposentadorias e benefícios do governo, comprar mantimentos, como açúcar, sal, arroz, café, roupas e outros, e vender produtos produzidos por eles. E a segunda etapa, na aldeia do Igarapé Mamori (afluente do rio

Juruá), onde habitam indígenas Kanamari pertencentes em sua maioria ao *Bim Djapa*.

Portanto, durante o primeiro contato, os ajudantes da língua eram provenientes de diferentes aldeias da região do rio Juruá, próximas ao município de Eirunepé. Coletamos dados de indígenas da aldeia Beija-Flor, localizada no rio Itucumã, da aldeia Igarapé Grande e da aldeia Mamori, ambas localizadas em afluentes do rio Juruá.

Na maioria das vezes as gravações foram feitas com uma ou duas pessoas e em alguns poucos casos com mais de duas. O fato de coletarmos dados de aldeias diferentes nos ajudou a perceber algumas diferenças entre os dialetos, principalmente no que se refere ao léxico e a algumas diferenças fonêmicas.

Visto que o projeto focaliza o estudo da fonologia da língua, após a transcrição dos dados em símbolos fonéticos do IPA, os mesmos foram processados e todos os fones organizados em tabelas. A partir disso, deu-se procedimento à análise fonológica dos segmentos.

Por meio das transcrições dos dados, fez-se a análise fonêmica preliminar dos mesmos. Foram catalogados em tabela fonética todos os fones encontrados nos dados, registrou-se as ocorrências dos sons e pesquisou-se pares mínimos que demonstrassem o contraste dos sons. Definiu-se, então, o inventário de fonemas da língua Kanamari. Além dessa análise, observou-se também alguns processos fonológicos que ocorrem na língua analisados na segunda etapa da pesquisa através dos modelos fonológicos Autossegmental e Métrico.

1.3.2 Análise teórica dos dados

A análise dos dados foi feita primeiramente conforme os procedimentos de descoberta da análise fonêmica, o que nos permitiu, inicialmente, identificar os elementos funcionais do Kanamari e sua distribuição no sistema da língua, conforme alguns procedimentos descritos em Pike (1947), Hyman (1975) e Burquest(1998). Além de recorrermos a Trubetzkoy (1969) na análise de neutralização das consoantes nasais¹³.

¹³ A versão original de Trubetzkoy, *Grundzüge der phonologie*, data do ano 1939. Entretanto, utilizamos nessa pesquisa a versão em língua inglesa traduzida por Baltaxe, *Principles of Phonology* (1969).

Apresentamos também uma abordagem de alguns aspectos da fonologia Kanamari com base nos pressupostos da fonologia Não-Linear nas suas manifestações subteóricas da Fonologia Autossegmental (Clements e Hume, 1995; Goldsmith, 1990, 1995; Kenstowicks, 1994) e Métrica (Hayes, 1995). Focalizamos, sobretudo, alguns processos fonológicos, a organização da sílaba, o comportamento do acento e o alongamento de vogais.

1.3.3 Objetivos

Objetivamos, por meio dessa análise fonológica da língua Kanamari, contribuir com a documentação e descrição das línguas indígenas brasileiras, fornecer dados que auxiliem no estudo e registros sobre a família linguística Katukina.

Especificamente, procuramos descrever a fonética do Kanamari, a fim de catalogarmos todos os sons encontrados nessa língua. A partir disso, analisamos os fones fonemicamente com o intuito de definir a função de cada um no sistema fonológico. Após essa etapa, interpretamos alguns aspectos da fonologia com base nos modelos teóricos Não-Lineares, mais especificamente, conforme suas teorias Autossegmental e Métrica.

2 DESCRIÇÃO FONÉTICA DA LÍNGUA KANAMARI

Ao iniciarmos a análise fonológica de uma determinada língua, devemos, primeiramente, conhecer os sons que a constituem. Para isso, recorremos à Fonética, que é a área da Linguística responsável pelo estudo dos diferentes sons produzidos pela fala. Com base nisso, registramos todos os fones encontrados em nossos dados e catalogamos-os em quadros fonéticos. Nas seções seguintes, apresentamos os quadros de fones consonantais e vocálicos seguidos de exemplos em que esses sons ocorrem na língua Kanamari.

2.1 FONES CONSONANTAIS

2.1.1 Quadro Fonético Consonantal

Os sons consonantais encontrados na língua Kanamari estão registrados no quadro abaixo:

(1)

	Bilabial	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b	t d	ɖ		k g	ʔ
Oclusiva Não-Explodida					k ^ɿ	
Africadas		ts	tʃ dʒ			
Fricativa						h
Nasais	m	n		ɲ	ŋ ŋ ^h	
Tepe		r				
Aproximantes	w			j		

Quadro 2 – Fones Consonantais

2.1.2 Ocorrência dos Sons Consonantais

A seguir, demonstramos a ocorrência, nos nossos dados, dos fones consonantais apresentados acima.

2.1.2.1 Sons Oclusivos

- [p]: oclusivo, bilabial, desvozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(2)	[pa'haʔ]	‘podre’
	[horo'paʔ]	‘molhado’
	[warapi:kõŋ]	‘fruta’
	[pi:'dah]	‘onça’
	[tʃi:'po]	‘nambu’
	[poro'kõŋ]	‘cobra pequena’
	[to'pu]	‘poraquê’ (tipo de peixe)
	[puh'nĩŋ]’	‘vermelho’

- [b]: oclusivo, bilabial,vozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(3)	[ba:'tɪh]	‘hoje’
	[ba'riʔ]	‘banana’
	[obo'ʔo]	‘banana maçã’
	[wiri'bɪʔ]	‘arroz’
	[bu'ru]	‘preguiçoso’

- [t]: oclusivo, alveolar, desvozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra antes de vogais.

(4)	[toro'kõŋ]	'vagalume'
	[ta'waʔ]	'mandioca'
	[aki:'taʔ]	'ninho'
	[na:'toʔ]	'cará'
	[tih'taŋ]	'muito'
	[tuku'na]	'gente, índio'

- [d]: oclusivo, alveolar, vozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra antes de vogais.

(5)	[dãŋ]	'caminho'
	[pi:'dah]	'onça'
	[tod'a'kiʔ]	'sentar'
	[dõŋ]	'peixe'
	[dok ^ˀ]	'fezes'
	[ano'dĩŋ]	'cinzas'
	[tʃoʔo'dih]	'cordão umbilical'

- [dʲ]: oclusivo, pós-alveolar, vozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes das vogais [o] e [a].

(6)	[ka:'dʲoʔ]	'coruja'
	[o:'dʲoʔ]	'cheio'
	[pa:'dʲa]	'urucum'

- [k]: oclusivo, velar, desvozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(7)	[ko'doh]	‘céu’
	[kr'waʔ]	‘paca’
	[tuuku'naʔ]	‘índio’
	[paj'koʔ]	‘velho’
	[taka'ra]	‘galinha’

- [g]: oclusivo, velar, vozeado, ocorre em posição medial de palavra, antes de vogais e dos sons consonantais [m], [n], [ɲ], [b],[d], [dʒ] e [w].

(8)	[hag'ba]	'telhado; palha'
	[itʃag'wah]	'sobrinha'
	[boga'nĩŋ]	'assado'
	[atig'nĩŋ]	‘preto’
	[jug'dʒa]	‘irmã’
	[hagono]	‘porta’
	[nikig'mãŋ]	‘força’

- [k^ɿ]: oclusivo, velar, desvozeado, não-explodido, ocorre em posição final de palavra e em posição final de sílaba seguida por um som desvozeado.

(9)	[hak ^ɿ]	‘casa’
	[mok ^ɿ]	‘anta’
	[a'dak ^ɿ]	‘casca (em geral)’
	[wah'dak ^ɿ]	'lago'
	[bak ^ɿ tuu]	‘ruim’
	[kidak ^ɿ pa]	‘ficar velho’
	[r'kik ^ɿ]	‘um’

[mɔkʰhɑi] ‘carne de anta’

- [ʔ]: oclusivo, glotal, desvozeado, ocorre em posição medial, entre vogais, e em posição final de palavra.

(10)	[tʃo:ʰroʔ]	‘tipo de côco’
	[mapɪʰrɪʔ]	‘tipo de cobra’
	[baʰraʔ]	‘animal’
	[tsoʰʔih]	‘dente’
	[biriʔiʰma]	‘sujo, sujeira’
	[haʔoʰni]	‘cru’
	[mahonaʰʔãŋ]	‘cana’
	[oboʰʔo]	‘banana maçã’
	[haʰʔãŋ]	‘a perna dele’
	[daʰʔãŋ]	‘ir embora’

2.1.2.2 Som Fricativo

- [h]: fricativo, glotal, desvozeado, ocorre em posição inicial, antes de vogais, medial antes das consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [m], [n], [w] e [tʃ], e em final de palavra.

(11)	[hĩŋ]	‘chuva’
	[hõŋ]	‘chão’
	[hɪhʰpãŋ]	‘cobra’
	[hu:ʰdʒa]	‘macaco aranha’
	[paʰhaʔ]	‘podre’

[dado'hi]	‘correr’
[h'nãŋ]	'morcego'
[pah'kiʔ]	‘pimenta’
[ka:'dʒoh]	‘jacaré’
[pi:'dah]	'onça'

2.1.2.3 Sons Africados

- [ts]: africado, alveolar, desvozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(12)	[tsawahmi'niʔ]	‘comida’
	[opa'tsĩŋ]	‘criança’
	[ami'tsa'nĩŋ]	'gordura'
	[kartsa'hɪ]	'bebida'
	[tso'ki]	‘cabeça’

- [tʃ]: africado, pós-alveolar, desvozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(13)	[tʃa'hĩŋ]	‘gordo’
	[na:'tʃiʔ]	'milho'
	[pi:'tʃiʔ]	‘doce’
	[itʃo'nĩŋ]	‘floresta’
	[tʃu' kuʔ]	‘morrer’

- [dʒ]: africado, pós-alveolar, vozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(14)	[dʒãŋ]	'açai'
	[pa:'dʒaʔ]	'tamanduá'
	[kɪwa'dʒoh]	'pássaro'
	[dʒa'hiʔ]	'em pé'
	[apa'dʒaʔ]	'vazio'
	[dʒo:'rɪʔ]	'cupim'
	[huu:'dʒaʔ]	'macaco aranha'
	[ko'dʒɪ]	'lavar'
	[pɪdʒɪ'ki]	'pium'
	[dʒu'kãŋ]	'tremar'

2.1.2.4 Sons Nasais

- [m]: nasal, bilabial, vozeada, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(15)	[mamuu'ru]	'matrinxã'
	[ma:'wɪ]	'bicho-preguiça'
	[warɪka'ma]	'capivara'
	[kona'ma]	'doente'
	[haʔo'mɪ]	'fumaça'
	[ho'mo]	'rede'
	[muu:'na]	'macaco sagui'

- [n]: nasal, alveolar, vozeada, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes de vogais.

(16)	[nãŋ]	'carapanã'
	[na:'toʔ]	'cará' (peixe)
	[itʃo'nĩŋ]	'floresta'
	[ma:'niʔ]	'pica-pau'
	[wah'noŋ]	'beira do igarapé'
	[ano'tokʔ]	'ponta'
	[hi'nuukʔ]	(marcador de plural)

- [ɲ]: nasal, palatal, vozeada, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes das vogais [a] e [o].

(17)	[ɲa'nĩŋ]	'comprido, grande'
	[ɲoko'na]	'passear'
	[a'ɲãŋ]	'ele, ela'
	[mo:'ɲaʔ]	'abelha'

- [ŋ]: nasal, velar, vozeada, ocorre em posição final de palavra.

(18)	[a'kõŋ]	'semente'
	[koma'mĩŋ]	'ingá'
	[ho:'rõŋ]	'quente'
	[tɪh'tãŋ]	'muito'
	[baoh'nĩŋ]	'roça'

- [ŋ^h]: nasal, velar, pós-aspirada, ocorre em posição final de sílaba, antes de sons

consonantais.

(19)	[bomãŋ ^h pɪ]	‘mamão bravo’
	[tʃõŋ ^h wuuk ^ɿ]	‘tucano’
	[ãŋ ^h pɪ]	‘beija-flor’
	[ãŋ ^h ta'ro]	‘tipo de formiga’
	[omãŋ ^h ʔɪ'ta]	‘tronco’
	[tʃoʔãŋ ^h mĩŋ]	‘canela’ (parte do corpo)

2.1.2.5 Som Vibrante

- [r]: tepe, alveolar, vozeado, ocorre em posição medial de palavra, antes de vogais¹⁴.

(20)	[wa:'roʔ]	'papagaio'
	[kɪ'rɪʔ]	'periquito'
	[o'ɾh]	‘corda’
	[to:'rɪʔ]	‘cesto’
	[iwaba'raʔ]	‘meu marido’
	[duɾuukuʔʔãŋ]	‘flecha’

2.1.2.6 Sons Aproximantes

Os sons aproximantes são representados por [w] e [j].

- [w]: aproximante, bilabial, vozeado, ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes das vogais [a], [i] e [u].

14 Dentre os nossos dados, o fone [r] ocorre em posição inicial apenas na palavra /ra'mɪ/ 'cipó-uasca', e em palavras derivadas desta, que, segundo Silva (1989), caracteriza-se um empréstimo da língua Kulina.

(21)	[wah]	‘velha, avó’
	[wa:'kakʔ]	'tucunaré; abacaxi'
	[wuu:]	'pirarucu'
	[wuu'ni]	'rio'
	[tsawahmi'niʔ]	'comida'
	[ma:'wiʔ]	‘bicho-preguiça’
	[tʃo'wi]	‘machado’

- [j]: aproximante, palatal, vozeado ocorre em posição inicial e medial de palavra, antes das vogais [u], [u], [o] e [a].

(22)	[jo:to'ro]	'nambu galinha'
	[jo:'nĩŋ]	'piolho'
	[ja'ja]	'tipo de sapo'
	[tɪ:ja'hãŋ]	‘amanhã’
	[jug'dʒa]	irmã
	[a'juh]	‘muito’

2.2 FONES VOCÁLICOS

Em Kanamari, podemos subdividir os fones vocálicos em breves, nasais e longos.

2.2.1 Sons Vocálicos Breves

Apresentamos nos quadro abaixo o inventário de sons vocálicos breves encontrados nos nossos dados da língua Kanamari:

(23)

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR	
	NÃO-ARREDONDADA		Ñ-ARRED.	ARRED.
ALTA-FECHADA	i		ɯ	u
ALTA-ABERTA	ɪ			
MÉDIO- FECHADA	e			o
ABERTA		a		

Quadro 3 - Fones Vocálicos Breves

2.2.1.1 Ocorrência dos Sons Vocálicos Breves

Exemplificamos a ocorrência dos sons vocálicos breves abaixo:

- [i]: anterior, alta-fechada, não-arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

- (24)
- | | |
|-----------|-----------|
| [ih'tɪʔ] | 'minhoca' |
| [hɪh'pãŋ] | 'cobra' |
| [bah'tʃi] | 'veado' |
| [iwi'jo] | 'arco' |

- [ɪ]: anterior, alta-aberta, não-arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

- (25)
- | | |
|-----------|------------------|
| [ɪh'tõŋ] | 'ponte' |
| [wata'hɪ] | 'água' |
| [ta'wɪ] | 'goiaba' |
| [ko'wɪ] | 'garrafa, vidro' |

[o'rih] 'corda'

- [e]: anterior, médio-fechada, não-arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

(26) [ha'ʔe parara'nîŋ] 'arroz'

[ta:'be] 'jacu'

[ke're] 'periquito'

- [a]: central, aberta, não-arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

(27) [a'ŋa] 'tia'

[a'ba] 'mão (dele)'

[pa'mah] 'pai'

[kana'wa] 'caranguejeira'

- [u]: posterior, alta-fechada, não-arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

(28) [duɹuɹku'ʔãŋ] 'flecha'

[wu'ni] 'rio'

[itʃaro'puʔ] 'menina'

[o'hɹuʔ] 'respiração'

[mamɹ'ruʔ] 'tipo de peixe'

- [u]: posterior, alta-fechada, arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

(29) [mapu'ʔãŋ] 'diarréia'

[dʒuɹi'ɹi] 'tipo de ave'

[ma:ku'na] 'cará'

[ku'jah] 'caçuma'

[na:'tʃi pu'ʔa] 'espiga de milho'

- [o]: posterior, médio-fechada, arredondada, oral, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras.

(30) [obo'ʔo] 'banana maçã'

[o'mãŋ] 'árvore'

[na:'to] 'cará'

[po:'tʃo] 'japó'

2.2.2 Sons Vocálicos Nasais

Algumas vogais orais são encontradas em sua forma nasal na língua Kanamari. As vogais nasalizadas são apresentadas no quadro a seguir:

(31)

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR	
	NÃO-ARREDONDADA		Ñ-ARRED.	ARRED.
ALTA-FECHADA	ĩ		ũ	
ALTA-ABERTA	ĩ			
MÉDIO- FECHADA	ẽ			õ
ABERTA		ã		

Quadro 4 - Fones Vocálicos Nasais

2.2.2.1 Ocorrência dos Sons Nasais

- [ĩ]: anterior, alta-fechada, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba não inicial de

palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (32) [baoh'nĩŋ] 'roçado'
 [it{o'nĩŋ] 'floresta'
 [doha'nĩŋ] 'casado'

- [ĩ]: anterior, alta-aberta, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (33) [ĩŋ] 'piranha'
 [bĩŋ] 'mutum'
 [opa't(ĩŋ)] 'criança, filho'

- [ẽ]: anterior, médio-fechada, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (34) [bẽŋ] 'mutum'
 [koma'mẽŋ] 'ingá'

- [ã]: central, aberta, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (35) [ãŋ^hpɪ] 'beija-flor'
 [ãŋta^lro] 'tipo de formiga'
 [nãŋ] 'carapanã'
 [i^lpãŋ] 'meu braço'

- [ũ]: posterior, alta-fechada, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (36) [t(ũŋ)] 'rato'
 [wa't(ũŋ)] 'tipo de peixe'

- [õ]: posterior, médio-fechada, arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial e não inicial de

palavras, seguida do som nasal [ŋ].

- (37)
- | | |
|-----------------------|----------------|
| [õŋ] | 'tipo de sapo' |
| [hõŋ ^h dɪ] | 'jararaca' |
| [a'kõŋ] | 'semente' |

2.2.3 Sons Vocálicos Longos

Outro tipo de vogais classificadas em Kanamari é o das vogais longas. Nessa língua, observa-se que essas vogais não são definidas pelo acento, pois não ocorrem na sílaba tônica, com exceção das palavras monossilábicas. As vogais longas estão representadas no quadro a seguir:

(38)

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR	
	NÃO-ARREDONDADA		N-ARRED.	ARRED.
ALTA-FECHADA	i:		u:	
MÉDIO-FECHADA				o:
ABERTA		a:		

Quadro 5 - Sons Vocálicos Longos

2.2.3.1 Ocorrência dos Sons Vocálicos Longos

Alguns dados em que se encontram os sons vocálicos longos são demonstrados abaixo:

- [i:]: anterior, alta-fechada, não-arredondada, oral, longa ocorre em sílaba inicial de palavras.

- (39)
- | | |
|--------------------------------|---------------|
| [t <i>i</i> : ^h po] | 'nambu (ave)' |
| [ki: ^h wa] | 'paca' |

[hi:ta'kõŋ] 'meu cotovelo'

- [ɪ]: anterior, alta-aberta, não-arredondada, oral, longa, ocorre em sílaba inicial de palavras.

(40) [hi:'tʃãŋ] 'porco do mato'

[bi:'tʃɪ] 'verme'

- [a:]: central, aberta, não-arredondada, oral, longa, ocorre em sílaba inicial de palavras.

(41) [ka:'wuh] 'tartaruga'

[ma:'ruʔ] 'tatu'

[wa:'dʒaʔ] 'lua'

- [u:]: posterior, alta-fechada, não-arredondada, oral, longa, ocorre em sílaba inicial de palavras.

(42) [bu:'kãŋ] 'afiado, amolado'

[wu:] 'pirarucu'

[mu:'na] 'macaco sagui'

- [o:]: posterior, médio-fechada, arredondada, oral, longa, ocorre em sílaba inicial de palavras.

(43) [o:'kɪ] 'jenipapo'

[bo:'tsãŋ] 'tipo de aranha'

[apo:'dakʰ] 'casca de ovo'

3. ANÁLISE FONÊMICA DA LÍNGUA KANAMARI

Como esse estudo analisa uma língua indígena com poucos estudos acadêmicos na área da Fonologia, vimos a necessidade de iniciar a análise fonológica pelos métodos fonêmicos tradicionais, a fim de definirmos os sons em distintividade e suas funções no sistema da língua Kanamari. Utilizamos, nessa etapa, procedimentos de descoberta segundo Pike (1947) e o conceito de neutralização baseado em Trubetzkoy (1969).

3.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS

Baseados em Pike (1947), apresentamos o quadro fonético consonantal novamente, com o intuito de destacarmos os pares de sons considerados suspeitos e que podem constituir alofones de um mesmo fonema nessa língua.

(44)

	Bilabial	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal		
Oclusivas	p	b	t	d	dʲ	k	g	ʔ
Oclusiva Não-Explodida					kʰ			
Africadas		ts	tʃ	dʒ				
Fricativa						h		
Nasais		m	n		ɲ	ŋ	ŋʰ	
Tepe			r					
Aproximantes	w				j			

Quadro 6 - Pares Suspeitos do Inventário Fonético Consonantal

Diante desses pares suspeitos procuramos pares mínimos ou análogos que refutassem a hipótese de alofonia. Apresentamos tais dados a seguir:

3.1.1 Sons Bilabiais

- /p/ e /b/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

- (45) [pɪ'tʃɪ] 'doce'
 [brɪ'tʃɪ] 'verme'

- /m/ e /p/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

- (46) [wa:pãŋ] 'fome'
 [wa'mãŋ] 'forte'

- /m/ e /b/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (47) [a'ma] 'para ele'
 [a'ba] 'braço dele'
 [mɔkʰ] 'anta'
 [bɔkʰ] 'assar'

- /w/ e /b/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (48) [a'wa] 'dele'
 [a'ba] 'mão dele'

E em ambiente análogo:

- (49) ['wu:] 'pirarucu'
 ['bu] 'interjeição'

[wa'rah] 'dono'

[ba'ra] 'caça'

3.1.2 Sons Alveolares

- /t/ e /d/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

(50) [da'wãŋ] 'em pé'

[ta'waʔ] 'macaxeira'

- /t/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

(51) [ih'nãŋ] 'morcego'

[ih'ta] 'lenha'

- /d/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(52) [pi'dah] 'onça'

[pi'nah] 'anzol'

[dokʔ] 'fezes'

[nokʔ] 'raiva'

- /d/ e /r/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(53) [ba'da] 'esquilo'

[ba'ra] 'caça'

- /n/ e /r/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (54) [mo:'no] 'tipo de peixe'
 [mo:'ro] 'vaso de barro'

3.1.3 Sons Pós-Alveolares

- /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (55) [tʃãŋ] 'sol'
 [dʒãŋ] 'açai'
 [hr:'dʒãŋ] 'suor'
 [hr:'tʃãŋ] 'porco do mato'

3.1.4 Sons Alveolares e Pós-Alveolares

- /t/ e /tʃ/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (56) [tʃo:] 'pupunha'
 [to:] 'lá, longe'

- /d/ e /dʒ/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

- (57) [dʒa'ʔãŋ] 'peneira'
 [da'ʔãŋ] 'ir'

3.1.5 Sons Nasais

- /m/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(58)	[a ¹ ma]	‘para ele’
	[a ¹ na]	‘andar’
	[mɔk ¹]	‘anta’
	[nɔk ¹]	‘raiva’

- /n/ e /ɲ/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado:

(59)	[ɲa ¹ ma]	‘mãe’
	[na ¹ ma]	‘para (POSP.)’

e em ambiente análogo com distinção de significado:

(60)	[nãɲ]	‘carapanã’
	[ɲa]	‘grande’
	[hɪ ¹ na]	‘buscar’
	[hɪ: ¹ ɲa]	‘encher de água’

- /ɲ/ e /m/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(61)	[tʃo ¹ ɲa]	‘seio’
	[tʃo ¹ ma]	‘cutia’

3.1.6 Sons Palatais

- /ɲ/ e /j/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(62)	[ɲa ¹ ma]	‘mãe’
------	----------------------	-------

[ja'ma]	‘para mim’
[jaʔ]	‘medo’
[naʔ]	‘grande’

3.1.7 Sons Aproximantes

- /w/ e /j/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado:

(63)	[wa:'niŋ]	‘vento’
	[ja:'niŋ]	‘brilhante’

3.1.8 Som Fricativo e Som Aproximante

- /h/ e /w/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(64)	[tʃo'hi]	‘suco de pupunha’
	[tʃo'wi]	‘machado’

3.1.9 Som Fricativo e Som Velar

- /h/ e /k/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(65)	[tʃo'hi]	‘suco de pupunha’
	[tʃo'ki]	‘nossas cabeças’

3.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

3.2.1 Sons Velares [k], [kʰ] e [g]

O grupo das velares em Kanamari, na visão fonêmica, apresenta semelhança em distribuição complementar, isto é, pertencem ao mesmo fonema, mas foneticamente, cada som ocorre em um ambiente específico.

O som [k] ocorre em posição inicial e medial de palavras seguido de vogais:

- (66)
- | | |
|--------------|----------|
| [kɪ'dakʰ] | 'velho' |
| [ko'doh] | 'céu' |
| [tʃu'ku] | 'morrer' |
| [warapi'koŋ] | 'fruta' |

A velar não-explodida [kʰ] ocorre apenas em posição final de sílaba, seguida por um som desvozeado, e em posição final absoluta de palavra:

- (67)
- | | |
|------------|---------|
| [bakʰ] | 'bom' |
| [bakʰ'tu] | 'ruim' |
| [hakʰ] | 'casa' |
| [pokʰ] | 'canoa' |
| [wah'dakʰ] | 'lago' |

Já a velar [g] ocorre, nos nossos dados, em posição final de sílaba seguida pelos sons [b], [d], [dʒ], [m], [n], [ɲ], [w], ou em posição inicial de sílaba seguida pelas vogais [i], [a], [o]:

- (68)
- | | |
|----------------|-----------------------------------|
| [hag'ba] | 'palha; telhado' |
| [hag dɪog'nĩŋ] | 'formiga preta' (tipo de formiga) |
| [jug'dʒa] | 'irmã de mulher; irmão de homem' |
| [hag'mɪ] | 'quarto' |

[pog'mãŋ]	'cedro'
[tig'nĩŋ]	'preto'
[hag ɲa'nĩŋ]	'maloca'
[itsag'wah]	'sobrinho; genro'
[pogi'ta]	'popa de canoa'
[boga'nĩŋ]	'assado'
[wah'dag o'pu]	'lago pequeno'

Ao analisarmos a estrutura interna das palavras acima, percebemos que há um vozeamento da velar [k^ɿ] quando é seguida por um morfema que se inicie com um som vozeado. Assim, a palavra [wahdak^ɿ], no exemplo (67), tem a velar final vozeada quando seguida por [opu], conforme demonstra o exemplo (68).

O mesmo ocorre com as palavras derivadas [hag'mɪ] e [pog'maŋ]. Nesses exemplos, as raízes [hak^ɿ] e [pok^ɿ] aparecem com a velar vozeada. Outros exemplos de vozeamento da velar surda são apresentados abaixo:

(69)	[hak ^ɿ]	'casa'
	[-ba]	'folha'
	[hag'ba]	'palha; telhado'
	[ɲa'nĩŋ]	'grande + NOM'
	[hag ɲa'nĩŋ]	'maloca'
(70)	[hak ^ɿ]	'tucandeira' (tipo de formiga)
	[diok ^ɿ]	'arder'
	[nĩŋ]	NOM

	[hag dɔg'nĩŋ]	‘formiga de fogo’ (lit. “formiga ardida”)
(71)	[tɪkˀ]	‘ficar preto’
	[nĩŋ]	NOM
	[tɪg'nĩŋ]	‘preto’
(72)	[pokˀ]	‘canoa’
	[i'ta]	‘tronco’
	[pogi'ta]	‘popa de canoa’
(73)	[bokˀ]	‘assar’
	[a'nĩŋ]	NOM
	[boga'nɪŋ]	‘assado’

Desses exemplos, percebe-se que os sons posteriores à velar sonora são sempre vozeados, o que significa que há assimilação de vozeamento nesse contexto. Na maioria dos dados, é perceptível que esse vozeamento ocorre em junção de morfemas. Entretanto, há alguns exemplos em que essa junção não é tão transparente, como em [jug'dʒa] e [itsag'wah]. Ainda assim, podemos hipotetizar que em junção de morfemas, [k] torna-se [g] por assimilação de vozeamento do segmento seguinte. Esse vozeamento demonstraria, então, contexto de fronteiras de morfemas.

Outra interpretação para o conjunto de sons velares [k], [kˀ] e [g] é a de que o som [g] seria um fonema na língua e haveria, então, um processo de ensurdecimento. Como já reconhecemos os fonemas /b/ e /d/, poderíamos presumir que também houvesse /g/ por simetria e este sofreria processo de ensurdecimento quando anterior a um som desvozeado ou em posição final absoluta.

Entretanto, para essa análise, seria necessário acrescentar mais um fonema ao inventário fonológico do Kanamari. Assim, /k/ ocorreria apenas em posição de ataque e /g/ em posição de coda. Visto que essa interpretação acarreta em um aumento de fonemas na língua, optamos pela primeira análise, a de vozeamento de /k/, em virtude da simplificação do sistema fonológico na língua.

Nos moldes fonêmicos, podemos postular que os sons [k], [k^h] e [g] são alofones e estão em distribuição complementar na língua Kanamari, formando o fonema /k/. Em suma, o fonema velar desvozeado /k/ apresenta os seguintes alofones:

- [k^h]: quando em final absoluto de sílaba ou seguido por um segmento desvozeado
- [k]: em posição inicial de sílaba seguido por vogais
- [g]: em fronteira morfofonológica, em que o morfema seguinte inicie-se com um segmento vozeado.

3.2.2 As Africadas Alveolar [ts] e Pós-Alveolar [tʃ]

Ao analisarmos as ocorrências dos sons foneticamente semelhantes [ts] e [tʃ], percebemos que ambos variam livremente, isto é, essas africadas aparecem em ambientes idênticos sem distinção de significados. Dessa forma, configuram-se alofones em variação livre.

(74)	[amitsa'nĩŋ] ~ [amitʃa'nĩŋ]	‘gordura’
	[tsamah'dak ^h] ~ [tʃamah'dak ^h]	‘roupa’
	[na:'tsɪ] ~ [na:'tʃi]	‘milho’
	[opa'tsĩŋ] ~ [opa'tʃĩŋ]	‘criança’
	[tso:] ~ [tʃo:]	‘pupunha’
	[itso'nĩŋ] ~ [itʃo'nĩŋ]	‘floresta’

Provavelmente essa variação seja geracional, pois os registros de [ts] foram obtidos

de falantes mais velhos, enquanto que na fala dos mais jovens sempre ocorria o som [tʃ]. Diante disso, para postularmos a representação fonológica desse grupo de alofones, poderíamos optar pelo segmento [ts], já que parece ser mais conservador e natural na língua.

Entretanto, ao levarmos em conta também a simetria do quadro fonológico, consideraremos que há a africada vozeada [dʒ] nessa língua. Se optássemos pela africada desvozeada [ts], haveria um vazio no quadro fonológico, que o deixaria assimétrico. Em contrapartida, ao escolhermos a africada desvozeada [tʃ], a assimetria não aconteceria, pois esta se contrapõe com sua similar vozeada [dʒ]. Por isso, optamos pelo segmento /tʃ/ como representante desses alofones.

3.2.3 A Africada Pós-Alveolar [dʒ] e a Oclusiva Pós-Alveolar [dʃ]

Em alguns dados, os sons foneticamente semelhantes [dʒ] e [dʃ] ocorrem em ambientes idênticos e sem distinção de significados. A africada [dʒ] aparece antes de todas as vogais, enquanto que a oclusiva palatalizada [dʃ] foi registrada precedendo as vogais [a] e [o].

(75)	[ka:'dʒo] ~ [ka:dʃo]	'coruja'
	[pa:dʒa] ~ [pa:dʃa]	'urucum'
	[dʒoh'ko] ~ [dʃoh'ko]	'feitiço'

Consequentemente, definimos tais sons consonantais como alofones em variação livre na língua. Baseados na mesma análise das africadas, ou seja, na assimetria do inventário de fonemas, escolhemos como representante fonológico desses alofones o segmento /dʒ/.

3.2.4 As Nasais

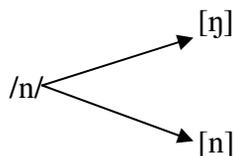
Em Kanamari, o grupo dos sons nasais apresenta algumas características particulares. Dos cinco fones registrados, notamos que a maioria apresenta alguma limitação fonotática, ou seja, suas distribuições são restritas a certas posições na palavra.

Dessa forma, podemos afirmar sobre as nasais em Kanamari:

- a) A nasal bilabial [m] apresenta menos restrições de distribuições fonotáticas;
- b) A nasal palatal [ɲ] ocorre apenas anterior às vogais [a] e [o];
- c) As nasais [m], [n] e [ŋ] ocorrem apenas em início de sílaba;
- d) As nasais velares [ŋ] e [ŋ^h] ocorrem apenas em final de sílaba.

Esses aspectos dos fones nasais suscitam duas interpretações: a) a alofonia entre /n/ e /ŋ/, b) a indicação do arquifonema /N/. No caso da alofonia, seguimos os preceitos de Pike (1947) na análise de pares suspeitos em que um dos sons nunca ocorre nas mesmas posições que o outro. Em Kanamari, temos que as nasais [m], [n] e [ŋ] ocorrem apenas em início de sílaba, enquanto que [ŋ] nunca ocorre nessa posição, somente em final de sílaba. Assim, podemos estabelecer pares suspeitos entre as primeiras nasais e a nasal [ŋ]. Considerando que o fone alveolar [n] é tradicionalmente mais comum nas línguas, escolhemos esse som para compor par suspeito juntamente com a nasal velar. Estabelecido o par suspeito, partimos para a distribuição desses segmentos. Como já demonstrado acima, esses sons ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos. Portanto, pode-se postular que tais sons compõem o fonema /n/.

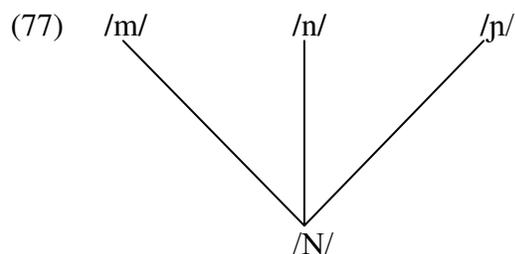
(76) Alofones do Fonema /n/:



Para a segunda interpretação das nasais em Kanamari, recorre-se ao conceito de neutralização, segundo o modelo de Trubetzkoy (1969). Nos moldes da Escola de Praga, a

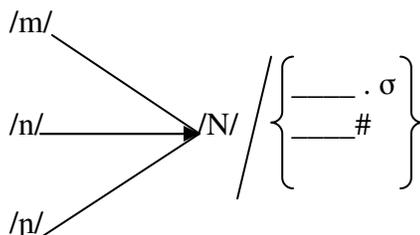
nasal [ŋ] pode ser interpretada como um arquifonema das nasais [m], [n] e [ɲ]. Nesse caso, os sons nasais são neutralizados em posição final de sílaba quanto ao ponto de articulação, realizando-se foneticamente como velar. Assim, o arquifonema /N/ pode ser definido como uma unidade fonológica que não se especifica em relação ao ponto de articulação, mas contém todos os traços compartilhados pelas nasais.

Assim temos:



Essa neutralização pode ser expressa pela seguinte regra:

(78) Regra de Neutralização das Nasais:



3.2.4.1 As Nasais Velares [ŋ] e [ŋ^h]

Diante de nossos dados, interpretamos que o som nasal velar [ŋ] pode ser realizado na forma pós-aspirada [ŋ^h]. Esse som intrusivo após a velar [ŋ] eventualmente ocorre quando estiver em posição final de sílaba no meio de palavra.

- (79)
- | | | |
|-------------------------|--------------|-------------------|
| [ãŋ ^h ta'ro] | ~ [ãŋta'ro] | ‘tipo de formiga’ |
| [ãŋ ^h pi] | ~ [ãŋ'pi] | ‘beija-flor’ |
| [wamãŋ ^h tu] | ~ [wamãŋ'tu] | ‘fraco’ |

[ãŋ^h'tʃɪ] ~ [ãŋ'tʃɪ] 'grilo'

Essa ocorrência da nasal velar pós-aspirada poderia ser interpretada como um ensurdecimento, ou desvozeamento, da nasal por parte das obstruïntes desvozeadas seguinte. Entretanto, nos dados também foram encontrados a nasal pós-aspirada seguida de sons vozeados, conforme demonstram os exemplos seguintes:

(80) [kõŋ^h'dakʔ] ~ [kõŋ'dakʔ] 'pulga'

 [tʃõŋ^h'wukʔ] ~ [tʃõŋ'wukʔ] 'tucano'

Assim, interpretamos que a nasal velar [ŋ] pode ser realizada com uma pós-aspiração, tanto antes de sons desvozeados, como vozeados.

3.2.5 A Fricativa [h]

Quanto ao som [h], interpretamos como um fonema na língua, tanto em posição inicial, como final de sílaba. Inclusive, é encontrado em posição final diferenciando palavras, como nos pares análogos abaixo:

(81) [pi:'dah] 'onça'
 [pi'da] 'neto'
 [tʃu'ʔih] 'dente'
 [tʃu'ʔi] 'pé'
 [ka'dʒoh] 'jacaré'
 [ka:'dʒo] 'coruja'

No que diz respeito ao som intrusivo [^h], concluímos que se insere após a nasal velar [ŋ], como já demonstrado na seção 3.2.4.1. Essa realização é opcional e ocorre quando seguida por outro som, tanto vozeado, como desvozeado, e, portanto, difere do som [h], que consiste em um fonema em nossa análise fonêmica.

3.2.6 A Oclusiva Glotal

O fone glotal [ʔ] ocorre em final absoluta de palavra e entre vogais e pode formar par mínimo com a fricativa [h] e a velar [k].

- (82) [tʃo'hi] 'suco de pupunha'
 [tʃo'ki] 'nossas cabeças'
 [tʃo'ʔi] 'nossos pés'

Entretanto, esses dados não demonstram claramente que a glotal seja um fonema na língua, visto que tal som ocorre em junção de morfemas no exemplo acima, bem como na maioria dos exemplos registrados, com exceção de alguns poucos casos em que não fica clara a junção de morfemas.

Em (83), demonstramos alguns dados em que [ʔ] ocorre em final de palavras:

- (83) [da'huuʔ] 'leve'
 [horo'paʔ] 'molhado'
 [pa'haʔ] 'podre'
 ['jaʔ] 'medroso'

De (84) a (91), apresentamos alguns dados com a glotal em junção de morfemas:

- (84) [tso'ʔãŋ]
 {tʃo-} + {-aN} 'nossas pernas'
 1PLPOSS perna
(85) [tso'ʔih]
 {tʃo-} + {-ih} 'nossos dentes'
 1PLPOSS dente

- (86) [tsoʔita'kõŋ]
 {tʃo-} + {-itakoN} 'nossos cotovelos'
 1PLPOSS cotovelo
- (87) [tsoʔai'ta]
 {tʃo-} + {-aita } 'nossos tornozelos'
 1PLPOSS tornozelo
- (88) [tso'ʔi]
 {tʃo-} + {-i} 'nossos pés'
 1PLPOSS pé
- (89) [tsoʔi'kõŋ]
 {tʃo-} + {-ikuN} 'nossos dedos do pé'
 1PLPOSS dedo do pé
- (90) [tsoʔãŋpa'dʒa]
 {tʃo-} + {aNpadʒa} 'nossos ossos'
 1PLPOSS osso
- (91) [to'ri ʔo'pu]
 {tori} + {opu} 'cesto pequeno'
 cesto pequeno

E em (92), temos alguns exemplos em que há a glotal realizada entre vogais, com possível junção de morfemas, mas que não se faz transparente atualmente:

- (92) [biriri'maʔ] 'sujo'
 [haʔo'ni] 'cru'
 [da'ʔãŋ] 'ir, sair'
 [ha'ʔãŋ] 'ficar'

[mahona'ʔãŋ] 'cana'

Diante desses dados, interpretamos a glotal como uma realização fonética tanto em final de palavra como entre vogais. Nesse último caso, consideramos que a inserção da glotal seja um recurso para separar sequência de vogais em sílabas diferentes.

3.2.7 Quadro Fonológico dos Segmentos Consonantais

Em suma, catalogamos os fonemas consonantais em Kanamari no quadro abaixo:

(93)

	Labial	Coronal	Dorsal	Glotal
Obstruintes	p b	t d tʃ dʒ	k	h
Soantes	m	n ɲ r		
Aproximantes	w	j		

Quadro 7 - Fonemas Consonantais

3.3 SEGMENTOS VOCÁLICOS

Demonstramos os pares (ou grupos) suspeitos dos fones vocálicos, a fim de comprovarmos, por meio de pares mínimos e análogos, ou refutarmos a hipótese de que sejam alofones:

(94)

	ANTERIOR			CENTRAL			POSTERIOR					
	NÃO-ARREDONDADA						Ñ-ARRED.		ARRED.			
	Breve	Nasal	Longa	Breve	Nasal	Longa	Breve	Longa	Breve	Nasal	Longa	
ALTA-FECHADA	i	ĩ	i:				u	u:	u			
ALTA-ABERTA	ɪ	ĩ	ɪ:									
MÉDIO- FECHADA	e	ẽ							o	õ	o:	
ABERTA				a	ã	a:						

Quadro 8 - Pares Suspeitos do Inventário Fonético Vocálico

Para definir os fonemas vocálicos da língua, apresentamos os seguintes pares mínimos ou análogos encontrados na língua Kanamari:

3.3.1 Os Segmentos Vocálicos Anteriores

- /i/ e /i:/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

- (95)
- | | |
|-----------|----------------------|
| [pɪ:'nah] | 'anzol' |
| [pɪ:'na] | 'árvore maçaranduba' |
| [hɪ:'na] | 'buscar' |
| [hɪ:':na] | 'encher de água' |

3.3.1.1 Alofonia das Vogais Anteriores Breves

Em nossos dados, registramos a realização das vogais anteriores [i], [ɪ] e [e] em ambientes idênticos sem distinção de significado da palavra. Por isso, definimos esses sons como alofones que ocorrem em variação livre na língua Kanamari ¹⁵. Em (95), demonstramos, por meio de alguns exemplos, que a vogal alto-aberta [ɪ] e a médio-fechada [e], tanto na sua forma oral, como na forma nasal, variam entre si.

- (96) [bĩŋ] ~ [bẽŋ] 'mutum'
 [koma'mĩŋ] ~ [koma'mẽŋ] 'ingá'
 [kɪ'rɪ] ~ [ke're] 'periquito'

Já em (96), representamos a variação existente entre as vogais alta-fechada [i] e alta-aberta [ɪ]:

- (97) [wiri'bi] ~ [wɪrɪ'bɪ] 'arroz'
 [opa'tʃĩŋ] ~ [opa'tʃɪŋ] 'criança'
 [a'mĩŋ] ~ [a'mɪŋ] 'grávida'
 [bĩŋ] ~ [bɪŋ] 'mutum'

Em uma análise fonêmica, deve-se levar em conta a economia nos quadros fonológicos, ou seja, reconhecer o menor número de fonemas possíveis. Disso, podemos postular um fonema que represente o grupo das vogais anteriores [i], [ɪ] e [e], já que todas possuem a mesma função na língua Kanamari.

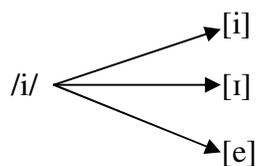
Então, ao considerarmos a tendência das línguas a seguir o princípio de Diferenciação Máxima Perceptual no sistema vocálico, em que os fonemas apresentam

¹⁵ Essas variações podem ser traços específicos dos dialetos de alguns *djapas*, visto que os dados das variações da mesma palavra foram obtidos de falantes Kanamari pertencentes a aldeias e *djapas* distintos. No entanto, como esse não era o objetivo principal do trabalho, não nos preocupamos em estabelecer as variações dialetais de cada *djapa*.

pouco em comum, o que implica em um maior número de traços distintivos (Katamba, 1989), dá-se preferência às vogais que ocupam as posições mais periféricas no espaço vocálico.

Portanto, apesar do fone [ɪ] ocorrer mais frequentemente na língua, para a representação fonológica desse grupo de alofones, utilizamos o segmento /i/, pois configura-se como mais natural nas línguas e mais periférico no sistema vocálico. Consequentemente, o segmento /i/ pode ser realizado por [i], [ɪ] ou [e] em qualquer ambiente:

(98)



3.3.2 Os Segmentos Vocálicos Centrais

- /a/ e /a:/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado.

(99) [pa:'dʒa] 'tamanduá'
 [pa'dʒa] 'todos; parar, sentar'

3.3.3 Os Segmentos Vocálicos Posteriores

- /u/ e /u:/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

(100) [ko'na] 'palmito'
 [ko:'ra] 'escorpião'
 [ho'rɪ] 'vomitar'

[ho:'rɪ] 'pote, vaso de barro'

- /u/ e /ʉ/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente idêntico com distinção de significado:

(101) [po:'ro] 'tipo de côco'

[po:'rʉ] 'frio, friagem'

e em ambiente análogo:

(102) [a'po] 'ovo'

[o'pʉ] 'filhote'

- /ʉ/ e /u:/ são fonemas, pois ocorrem em contraste em ambiente análogo com distinção de significado.

(103) [mu:'ra] 'tipo de peixe pequeno'

[mu:'na] 'tipo de macaco pequeno e branco'

3.3.3.1 Alofonia de Segmentos Vocálicos Posteriores Breves

Outros sons vocálicos que foram encontrados em variação livre na língua foram as vogais posteriores [u] e [o]. Os exemplos em (103) representam essa variação:

(104) [tʃo] ~ [tʃu] 'pupunha'

[mako'na] ~ [maku'na] 'cará'

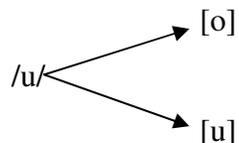
[jog'dʒa] ~ [jug'dʒa] 'irmã (de mulher); irmão (de homem)'

[ku'jah] ~ [ko'jah] 'caiçuma'

Foneticamente, o som [o] ocorre com mais frequência na língua do que [u]. No entanto, quando diante de duas soluções possíveis, devemos seguir o critério da plausibilidade, ou seja, qual dessas é mais plausível ou natural. Por isso, de acordo com a tendência à naturalidade e à simetria dos inventários fonêmicos nas línguas, representamos esses alofones pelo segmento /u/, já que este se configura em posição mais periférica, como

fizemos com o segmento /i/ na análise anterior. Desse modo, a realização do segmento /u/ pode ser [o] ou [u] em qualquer ambiente:

(105) Alofones do Segmento /u/:



3.3.4 Os Segmentos Vocálicos Nasais

Ao observarmos a distribuição dos fones vocálicos nasais, percebemos que esses sons ocorrem apenas antes do som nasal [ŋ]:

(106)	[kiri'pãŋ]	‘batata doce’
	[toro'kõŋ]	‘vagalume’
	[kamõŋ'dʒa]	‘macaco barrigudo’
	[o'mãŋ]	‘árvore’
	[koma'mĩŋ]	‘ingá’
	[pi:'tʃĩŋ]	‘carrapato’

Por meio disso, interpretamos que as vogais nasais são resultados de um processo fonológico e, portanto, não compõem o inventário fonológico das vogais do Kanamari. Esses sons nasais são decorrentes de uma assimilação de nasalidade da consoante posterior a eles¹⁶.

3.3.5 Quadro Fonológico dos Segmentos Vocálicos

A partir dessa análise, representamos o inventário de fonemas vocálicos Kanamari nos quadros abaixo:

¹⁶ Esse processo será analisado na seção 4.2.1.1.

(107)

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR			
	NÃO-ARREDONDADO		Ñ-ARREDOND.		ARRED.			
	Breve	Longa	Breve	Longa	Breve	Longa	Breve	Longa
ALTA-FECHADA	i	i:			ɯ	ɯ:	u	u:
ABERTA			a	a:				

Quadro 9 - Fonemas Vocálicos

4. ANÁLISE FONOLÓGICA NÃO LINEAR

A partir da análise fonêmica anterior, prosseguimos para a análise fonológica não linear, considerando que alguns aspectos nas línguas podem ser explicados através desse modelo. Buscamos, dessa forma, demonstrar a geometria de traços dos segmentos e interpretar os processos fonológicos e morfofonológicos, a estrutura silábica e o acento.

4.1 GEOMETRIA DE TRAÇOS DOS SEGMENTOS

A representação fonológica dos traços procura demonstrar as propriedades essenciais dos fenômenos abstratos (mentais) por meio de formalizações. A Geometria dos Traços, portanto, preenche esses requisitos de representação formal.

Para essa formalização, devemos levar em conta que muitas regras fonológicas tendem a ocorrer em classes naturais de sons. Essas classes são grupos de sons que se combinam por suas propriedades fonéticas. Com isso em mente, podemos entender que a estrutura interna de um segmento compõe-se por propriedades fonéticas, tanto articulatórias, como acústicas.

Portanto, na organização hierárquica demonstrada pela geometria de traços, propõem-se que os articuladores, responsáveis pela produção dos sons, sejam representados por nós, dispostos em camadas separadas e que dominam os traços distintivos. Baseado em Clements e Hume (1995), descrevemos os nós e traços que compõem a geometria dos traços.

A estrutura do segmento inicia-se com a unidade X, que representa o tempo fonológico. Essa estrutura pode ser monoposicional, em caso de segmentos simples, ou biposicional, para os segmentos longos, ou geminados, portanto, duas unidades temporais ligam-se ao nó de raiz.

O nó de raiz domina todos os traços e expressa o segmento como uma unidade fonológica. Esse nó carrega os traços [soante], [aproximante] e [vocóide] que compõem as classes das obstruíntes, nasais, líquidas e vocóides (formadas por vogais e semivogais).

A seguir, descrevemos os nós da geometria dos traços que compõem os segmentos consonantais e os vocálicos e apresentamos a representação geométrica das classes dos fonemas da língua Kanamari.

4.1.1 Geometria de Traços dos Segmentos Consonantais

Os segmentos consonantais são caracterizados pelos nós que derivam do nó de raiz, denominados Laríngeo e Cavidade Oral, do qual depende o nó Ponto de Consoante.

Do nó Laríngeo ramificam os traços [vozeado], [glote constricta] ou [glote espalhada]. O primeiro traço define a vibração das cordas vocais na realização do som. O segundo traço diz respeito ao deslocamento das cordas vocais para estreitar ou fechar a glote (Hayes, 2011). E o último traço refere-se ao som em que as cordas vocais estão distantes, resultando em uma glote larga. Em Kanamari, todas as obstruintes, com exceção da fricativa /h/, são definidas pelo traço [vozeado] no nó Laríngeo. No caso de /h/, o traço que o define nesse nó é [glote espalhada].

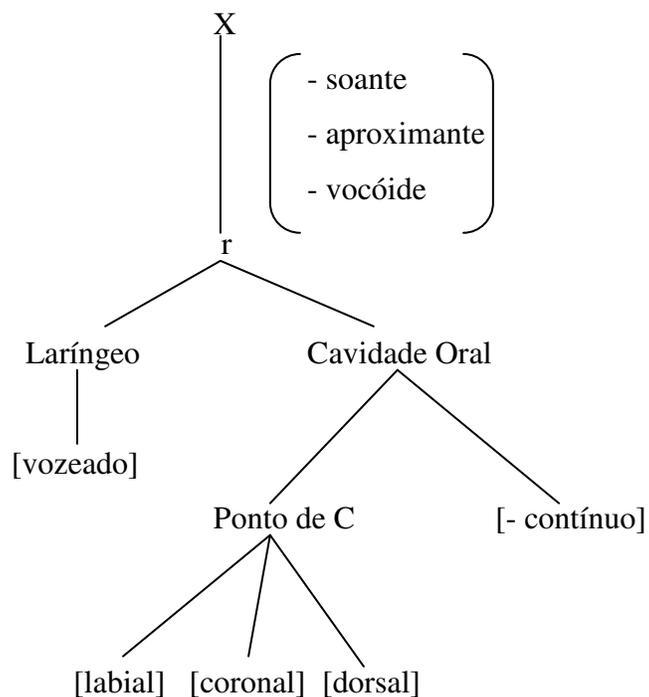
O nó Cavidade Oral tem sob seu domínio o traço [contínuo] e o nó dos Ponto de Consoante. O traço [contínuo] distingue os sons que envolvem um fechamento completo na porção oral do trato vocal e aqueles que não apresentam esse fechamento. Portanto, as plosivas, as africadas e as nasais caracterizam-se pelo traço [-contínuo], enquanto que as fricativas, líquidas e vocóides, pelo traço [+contínuo].

O nó Ponto de Consoante deriva os traços usados na distinção das consoantes de acordo com o articulador ativo usado para produzi-las, são eles: [labial], [coronal] e [dorsal], esses traços são monovalentes. O traço [labial] constitui as consoantes articuladas com os lábios, o [coronal] refere-se à articulação realizada com a parte frontal da língua e o [dorsal] diz respeito à articulação feita através do corpo da língua.

4.1.1.1 Geometria de Traços das Obstruintes

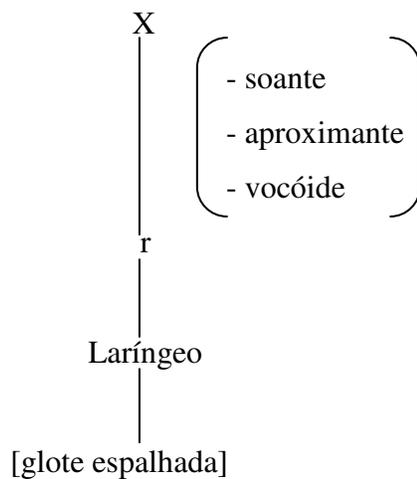
As obstruintes são caracterizadas pelos traços [-soante], [-aproximante], [-vocóide]. Representamos a geometria das plosivas, da fricativa e das africadas abaixo:

(108) Geometria de Traços das Plosivas:



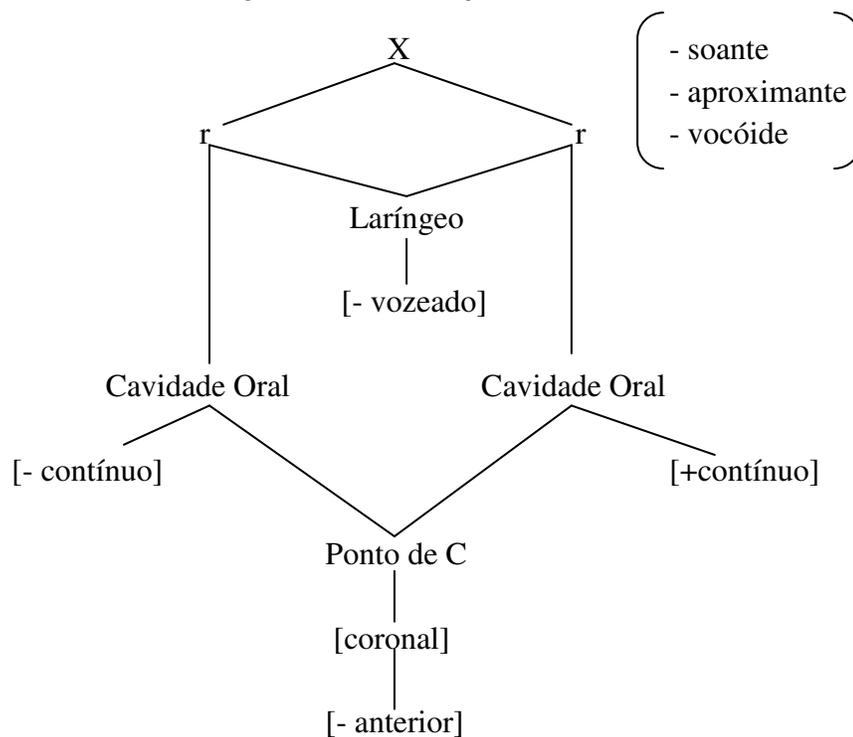
No caso da fricativa /h/, não há o nó Cavidade Oral.

(109) Geometria de Traços da Fricativa /h/:

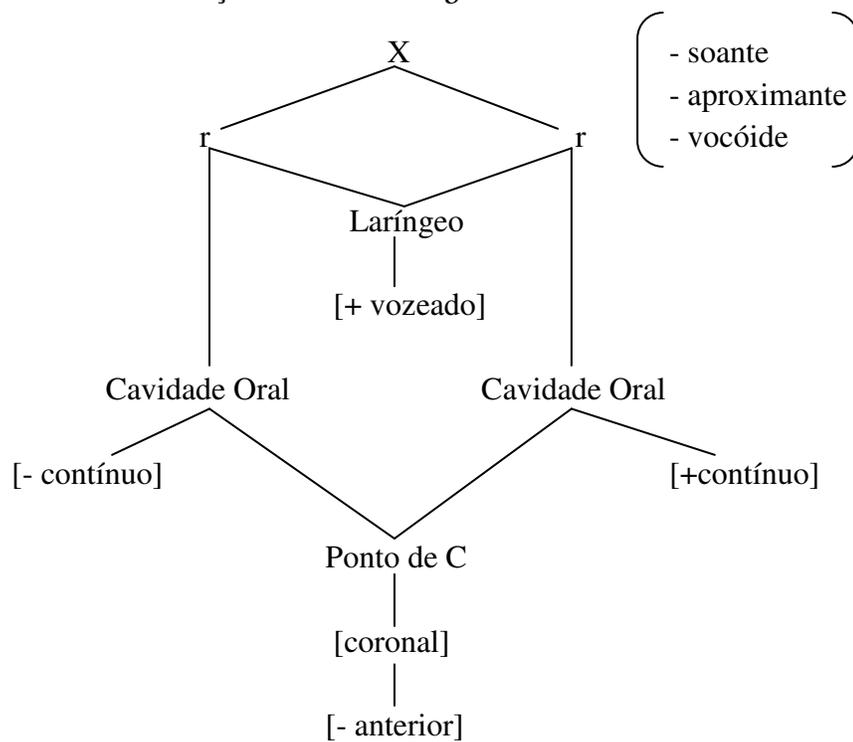


Para as africadas, a unidade temporal projeta dois nós de raiz:

(110) Geometria de Traços da Africada /tʃ/:



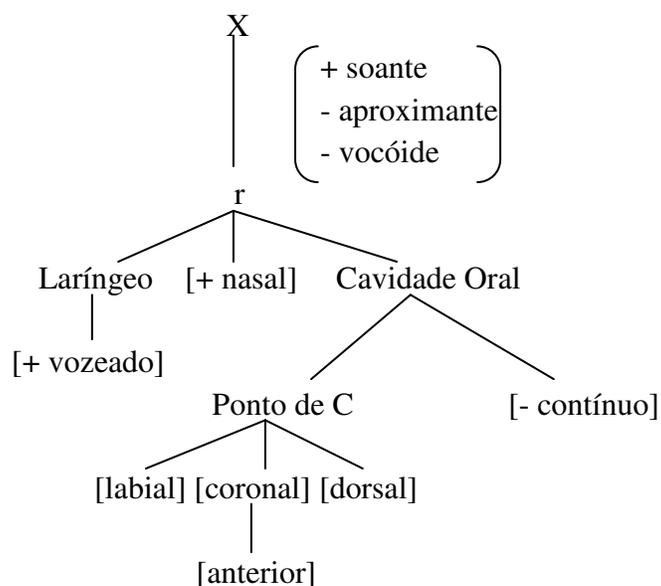
(111) Geometria de Traços da Africada /dʒ/:



4.1.1.2 Geometria de Traços das Nasais

As nasais são caracterizadas pelos traços [+ soante], [- aproximante], [- vocóide]. E em Kanamari, distinguem-se pelos traços [labial], [coronal, + anterior], [coronal, - anterior] e [dorsal], conforme demonstramos na representação abaixo:

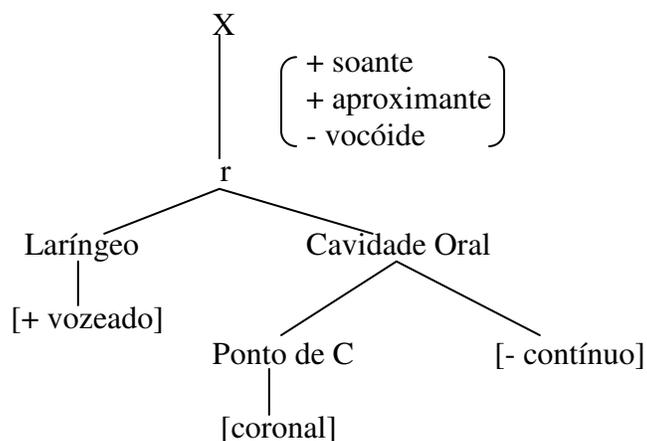
(112)



4.1.1.3 Geometria de Traços da Líquida /r/

A classe das Líquidas é definida pelos traços [+ soante], [+ aproximante], [- vocóide]. Em Kanamari, é definida pelo traço [coronal]:

(113)



4.1.2 Geometria de Traços dos Segmentos Vocálicos

As vocóides, formadas por vogais e semivogais, têm sua estrutura diferenciada em relação às consoantes no que diz respeito ao nó Ponto de Consoante, pois deste deriva o nó Vocálico, que representa os componentes das vogais, e domina o Ponto de Vogal e Abertura.

O nó Ponto de Vogal apresenta os mesmos traços de pontos de constricção utilizados para as consoantes, assim, [labial] refere-se às vogais arredondadas ou labializadas, [coronal] às vogais frontais e [dorsal] às vogais posteriores.

O nó Abertura diz respeito à altura da vogal, o traço é [aberto] e este se organiza em camadas, que carregam o valor + ou - . Assim temos para o sistema de altura das vogais Kanamari:

(114) Sistema de Altura das Vogais em Kanamari:

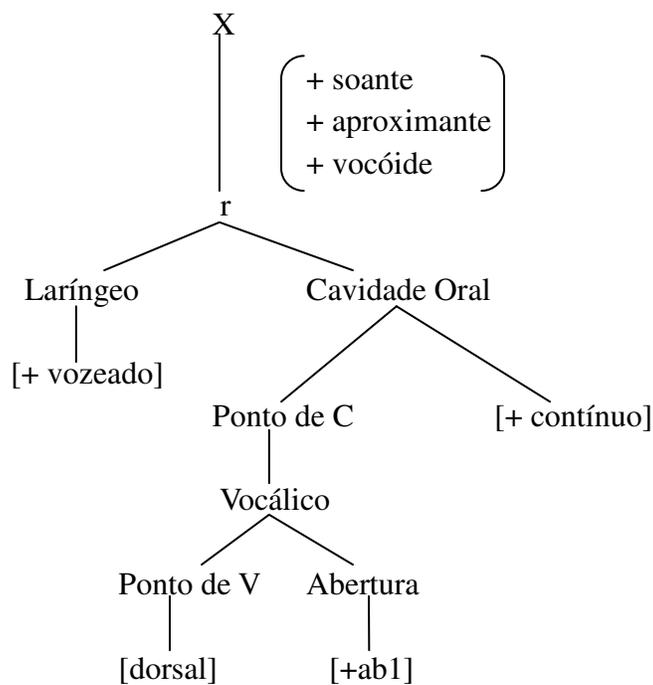
	/a/	/i/	/u/	/u/
Nó de Abertura	•	•	•	•
Linha 1	+	-	-	-

4.1.2.1 Geometria de Traços das Vogais Breves

Representamos as vocóides Kanamari conforme a Geometria de Traços a seguir:

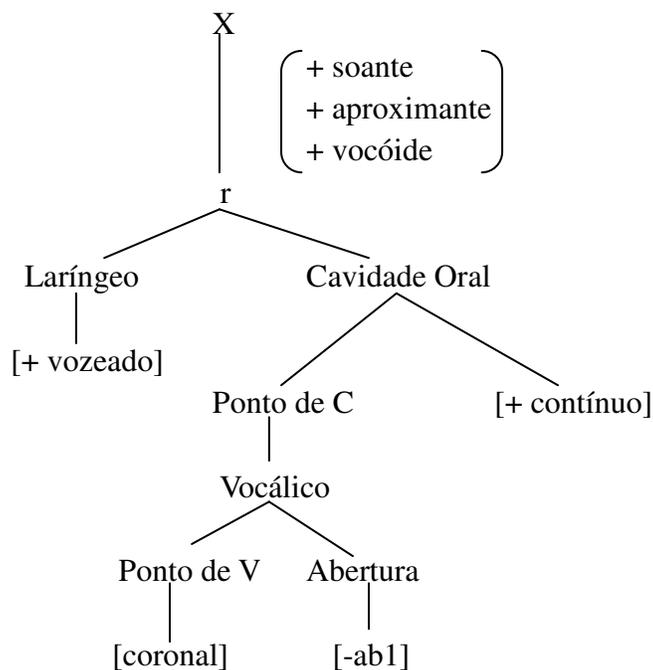
/a/:

(115)



/i/:

(116)

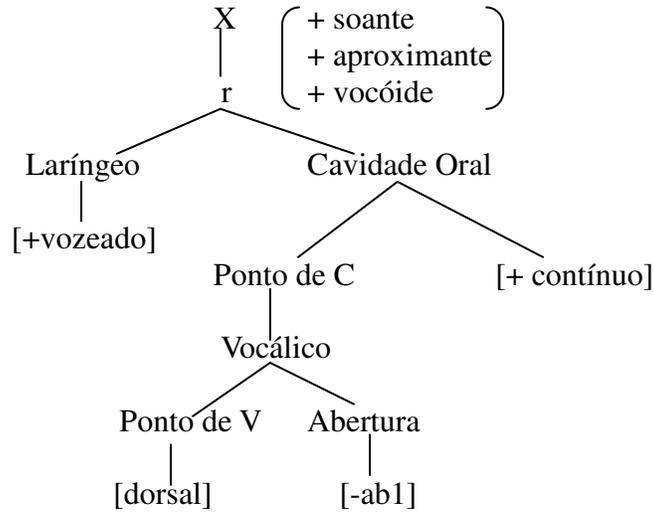


Em Kanamari, os segmentos vocálicos /u/ e /u/ opõem-se no nó Ponto de V, pois o primeiro fonema constitui-se um segmento simples, com apenas o traço [dorsal]. Enquanto

que o segundo apresenta dois traços nesse nó, [dorsal] e [labial], o que o caracteriza como um segmento complexo.

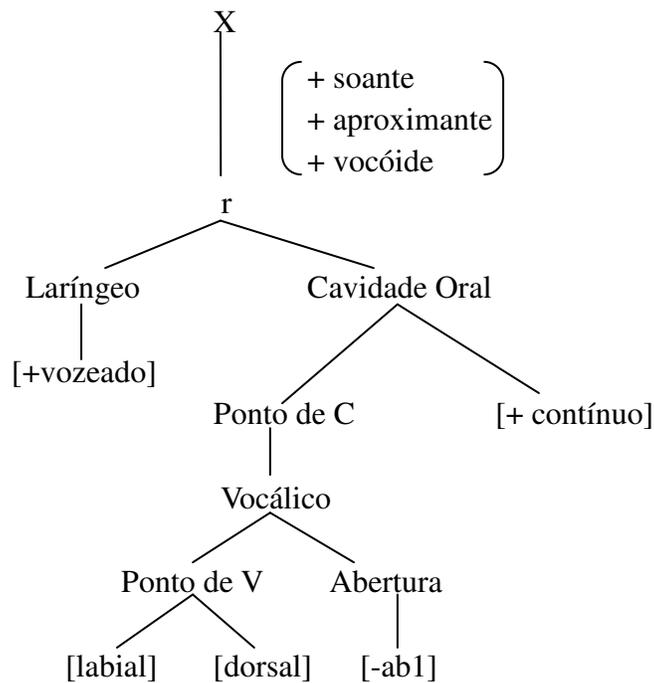
/u/:

(117)



/u/:

(118)

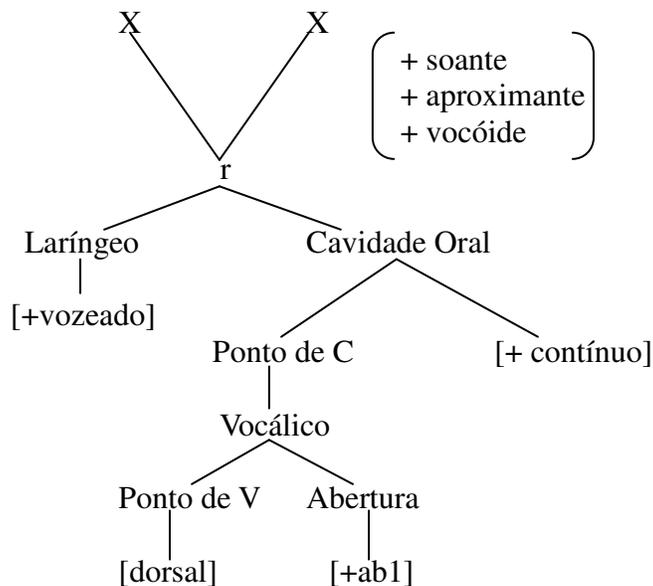


4.1.2.2 Geometria de Traços das Vogais Longas

Quanto à duração fonológica, Clements e Hume (1995) definem os sons longos como biposicionais, ou seja, são representados por um nó de raiz que se liga a duas unidades temporais, como demonstramos nas representações geométricas das vogais longas a seguir:

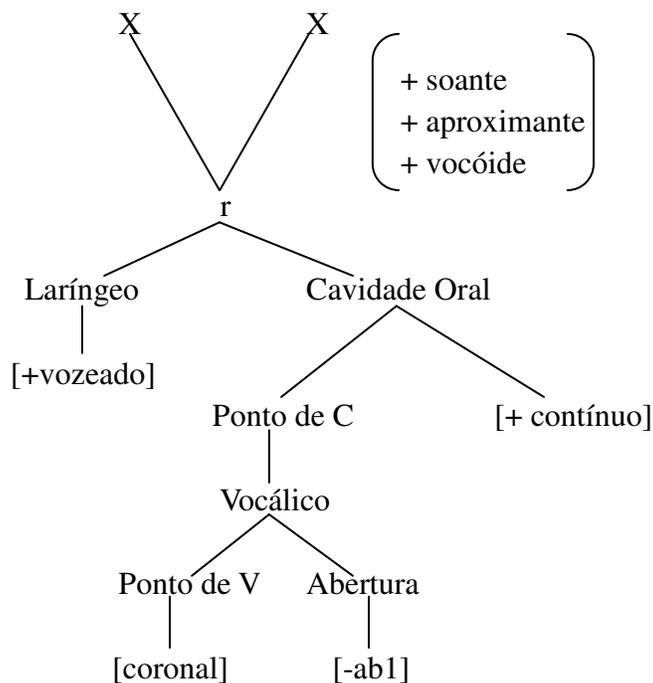
/a/:

(119)



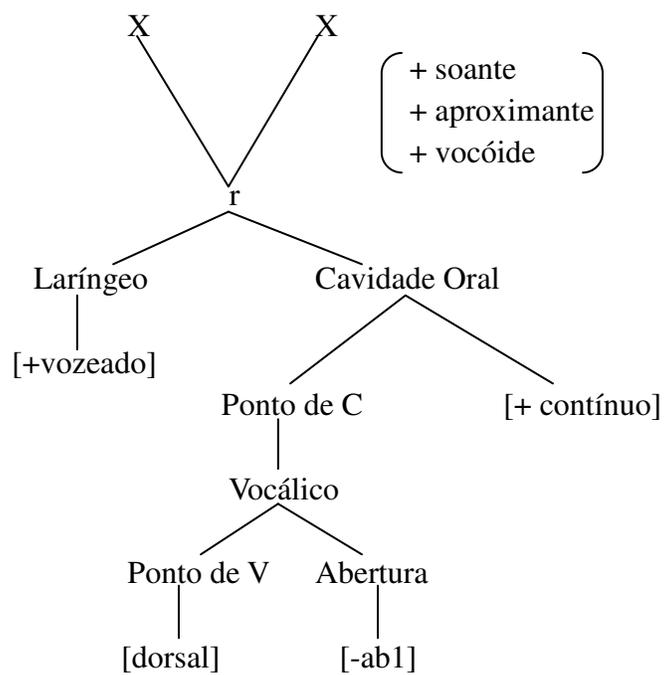
/i:/

(120)



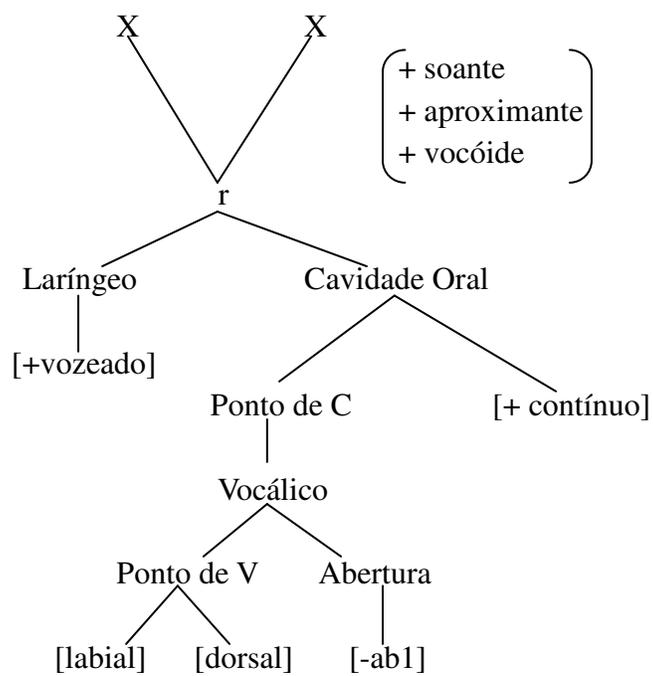
/u:/

(121)



/u:/

(122)



4.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS EM KANAMARI

Cada língua, segundo o seu sistema, pode apresentar diversos processos fonológicos naturais. Em Kanamari, identificamos os processos de assimilação, de nasalização e de vozeamento, e de inserção da glotal [ʔ].

4.2.1 Assimilação

Na língua Kanamari há dois tipos de processos por assimilação, um ocorre por assimilação de nasalização e outro por assimilação de vozeamento.

4.2.1.1 Nasalização Vocálica

A nasalização vocálica ocorre quando uma vogal oral precede a consoante nasal velar /ŋ/, resultando em uma vogal nasal. Nos dados, as vogais que ocorrem antecedentes ao som /ŋ/ são /a/, /i/, /u/ e /u/. Assim, esses sons vocálicos são encontrados em suas formas nasais quando antecedem a consoante nasal velar.

(123)	[wa:'mãŋ]	‘saudável’
	[o:'mãŋ]	‘árvore’
	[nãŋ]	‘grande’
	[to:'mãŋ]	‘pesado’
	[tʃo:'rãŋ]	‘seco’
	[mahona'ʔãŋ]	‘cana’
	[bĩŋ]	‘mutum’
	[apara'nĩŋ]	‘branco’
	[tsa'nĩŋ ka'hãŋ]	‘muito tempo atrás’

[tʃa'hĩŋ]	‘gordura’
[dõŋ na'nĩŋ]	‘surubim’
[hĩŋ]	‘chuva’
[hĩŋ 'hɪ]	‘água da chuva’
[hõŋ ho'roʔ]	‘lama’
[korɪ'ʔõŋ]	‘cipó’
[mõŋ]	‘tio’
[õŋ]	‘rã’
[pi:kõŋ]	‘tipo de côco pequeno’
[ho:rõŋ]	‘quente’
[kõŋ 'hu]	‘mentira’
[tʃũŋ]	‘rato’

Observa-se que o contexto para esse processo de assimilação exige que a nasal [ŋ] esteja em posição final de sílaba. Com as demais consoantes nasais, que ocorrem apenas em ataque silábico (/m/, /n/ e /ɲ/), não há assimilação do traço nasal por parte das vogais que apareçam tanto antes como depois dessas consoantes.

(124)	[kona'ma]	‘doente’
	[tʃoko'ni]	‘(nossa) língua’
	[ma:ko'na]	‘cará’
	[na:'tsi]	‘milho’
	[mɔ'ɲa]	‘abelha’
	[nani'ma]	‘pintado’
	[mo:'no]	‘bodó’
	[ma:'ni]	‘pica-pau’

[mano'tsi] 'lagartixa'
 [mana'ruu] 'mosca'

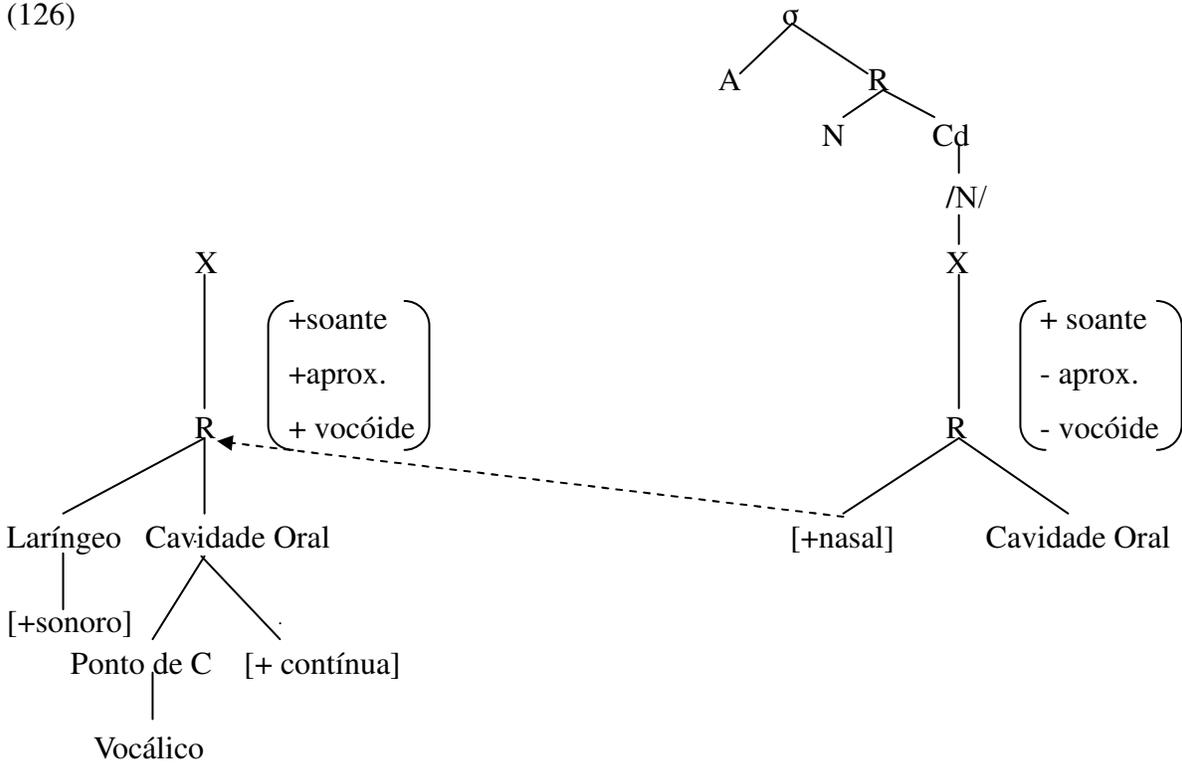
Diante dos dados, podemos postular que a vogal oral, quando anterior à nasal velar, assimila o traço nasal da consoante. Temos, assim, a regra:

(125) Regra de Nasalização Vocálica:

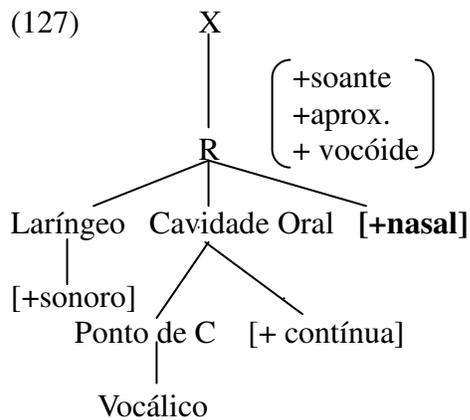
$$v \rightarrow \tilde{v} / _ / N/$$

E pela Geometria dos Traços a assimilação do traço nasal é representada em (126):

(126)



Por meio dessa representação, percebe-se que o nó Raiz do primeiro segmento recebe o traço [+nasal] do segmento seguinte. Consequentemente, a vogal será realizada na forma nasalizada, como demonstra a geometria a seguir:



4.2.1.2 Vozeamento

Quando um som surdo assimila o traço [+sonoro] de um segmento vizinho, ocorre a assimilação de vozeamento. Em Kanamari, esse processo ocorre em junção de morfemas, quando o primeiro morfema tenha em posição final absoluta a obstruínte [k^h] e o segundo morfema inicie-se por um segmento sonoro, conforme demonstram os exemplos seguintes:

- (128) {bak} ‘bom’
 {-niN} NOM
 {bak + niN} [bag'nĩŋ] ‘bom, bonito’

- (129) {bak} ‘bom’
 {adu} 1SG
 {bak + adu} [bag a'du] ‘Estou bem.’

- (130) {bak + na} [bag'na] ‘melhor de saúde’
 {-tuu} NEG
 {bakna + tuu} [bagna'tuu] ‘não estar bom’

- (131) {wahdak} ‘lago’

- {upw} ‘pequeno’
 {wahdak + upw} [wahdag opu] ‘lago pequeno’
- (132) {duN} ‘peixe’
 {-niN} NOM
 {buk} assar
 {duN + buk + niN} [doŋ bog'niŋ] ‘peixe assado’
- (133) {buruhdak} ‘maracujá’
 {-maN} ‘árvore’
 {buruhdak + maN} [borohdag'maŋ] ‘pé de maracujá’
- (134) {puk} ‘canao’
 {-maN} ‘árvore’
 {puk + maN} [pog'maŋ] ‘cedro’
- (135) {puk} ‘canao’
 {ita} tronco
 {puk + ita} [pogi'ta] ‘popa (de canoa)’
- (136) {hak} ‘casa’
 {ja} ‘grande’
 {-niN} NOM
 {hak + ja + niN} [hag ja'niŋ] ‘maloca’
- (137) {hak} ‘casa’
 {-minaki} ‘dentro’

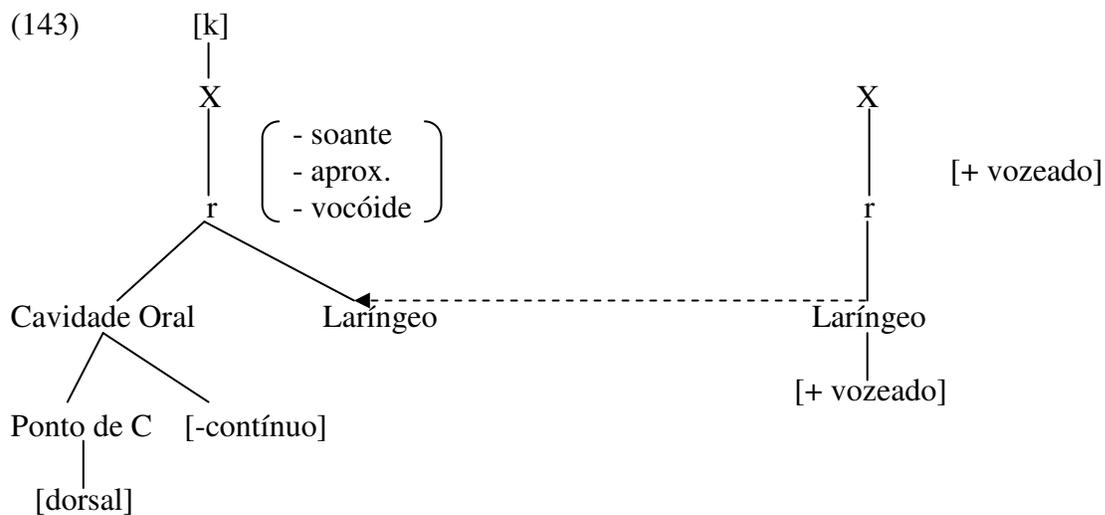
	{hak + minaki}	[hagmina'ki]	‘dentro de casa’
(138)	{muk}	‘anta’	
	{-dak}	‘couro’	
	{muk + dak}	[mog'dak ^ɿ]	‘chicote (de couro de anta)’
(139)	{hak}	‘tucandeira’	
	{dijuk}	‘arder’	
	{-niN}	NOM	
	{hak + dijuk + niN}	[hag dɾog'niŋ]	‘formiga ardida’
(140)	{idik}	2SG	
	{waukdʒi}	‘chegar’	
	{idik + waukdʒi}	[i'dig waog'dʒi]	‘Você chegou.’
(141)	{jukdʒa}	[jog'dʒa]	‘irmã’
	{itʃakwah}	[itʃag'wah]	‘genro’

A partir desses exemplos, percebe-se que a obstruente surda assimila o traço de vozeamento do segmento procedente, resultando em um segmento sonoro. Nesse caso, realizado pelo alofone [g], o que gera a seguinte regra:

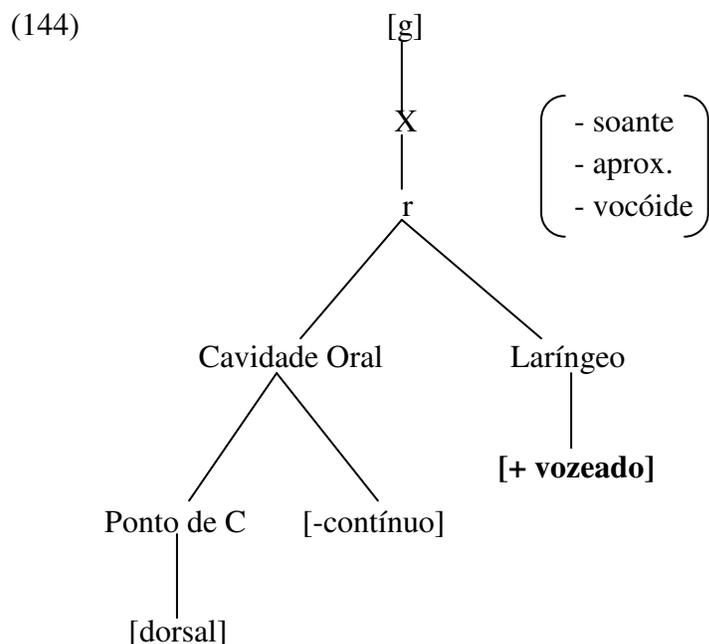
(142) Regra de Vozeamento:

/k/ → [g] / ___ # [+ vozeado]

Na Geometria dos Traços, notamos que o nó Laríngeo do segmento /k/ não possui traço. Assim, este assimila o traço [+sonoro] do segmento seguinte, resultando em um segmento na forma sonora:



Representamos a seguir o resultado desse processo:



4.2.2 A Ocorrência do Segmento /h/ em Fronteira de Morfemas.

No artigo *Elementos da Fonologia Kanamari*, de Silva *et al.* (1989), os autores mencionam um processo de “inserção de ‘h’ em fronteira de morfema”. Segundo os mesmos, é um processo complexo da língua, fenômeno para o qual não possuíam uma explicação. Pelos dados do artigo não há uma generalização do fenômeno, em alguns ambientes o processo pode ou não ocorrer.

De acordo com os autores, os contextos em que se verifica a inserção de /h/ em fronteira de morfema são¹⁷:

a) Entre consoantes nasais:

- (145) [hõŋ] 'terra'
[mĩ] 'buraco'
[hõŋh' mĩ] 'buraco na terra'

b) Entre uma nasal e uma consoante não nasal:

- (146) [bẽŋ] 'mutum'
[po] 'ovo'
[bẽŋhpo] 'ovo de mutum'

c) Entre uma nasal e uma semivogal:

- (147) [tu: 'ʔãŋ] 'aquele'
[wa 'pa] 'cachorro'
[tu: 'ʔãŋhwa 'pa] 'aquele cachorro'

d) Entre uma vogal e uma consoante:

- (148) [wa] 'rio'
[bẽŋ] 'mutum'
[wah' bẽŋ] 'mutum do rio' (pato selvagem)

e) Entre uma vogal e uma nasal:

- (149) [wa] 'rio'
[na' kɪ] 'em, de'

¹⁷ Os dados estão transcritos de acordo com os autores, alguns fonemas por eles apresentados não ocorrem em nossa análise fonêmica.

[wahnə'kɪ] 'no rio'

f) Entre uma semivogal e uma consoante:

(150) [waɪ] 'caba, marimbondo'

[tse 'kə] 'morrer'

[waɪhtse 'kə] 'a caba morreu'

g) Entre uma semivogal e uma consoante nasal:

(151) [waɪ] 'caba, marimbondo'

[ɲa] 'grande'

[waɪh'ɲa] 'caba grande'

No entanto, ao analisarmos os dados descritos no artigo dos autores, percebemos que em algumas palavras em que dizem haver a inserção de /h/, nos nossos dados há, na verdade, uma aspiração final no primeiro morfema.

Por exemplo, a palavra 'rio' que é descrita como [wa] pelos autores, é pronunciada pelos nossos ajudantes de trabalho de campo como [wah], [waɪ] 'marimbondo', aparece como [waɪh] e cachorro como [wa:'pəh] em nossos dados.

A partir disso, podemos explicar que nos contextos de (147) a (151), em que os autores afirmam haver uma inserção de /h/ entre os morfemas, o que ocorre é que a aspiração já fazia parte do primeiro morfema.

Dessa constatação pode-se afirmar que a fricativa em final de palavra não foi percebida, ou que, quando em palavras isoladas, é apagada em alguns dialetos. No entanto, quando em junção de morfemas, o som é realizado. Isso explica o motivo de haver uma aspiração em contextos de juntura: [wah'biŋ] 'mutum', [wahnə'kɪ] 'dentro do rio', [waɪh tʃu'ku] 'o marimbondo morreu' e [waɪh'ɲa] 'marimbondo grande'.

Portanto, nesses casos, interpretamos que nas representações subjacentes dos morfemas, a

fricativa está presente. Porém no nível superficial/fonético, pode ou não ser realizada. Abaixo demonstramos outros exemplos dessas ocorrências:

- | | | | |
|-------|-----------------|--------------------------|-----------------------------|
| (150) | /wah/ | [wah] ~ [wa] | 'igarapé' |
| | /wah'biN/ | [wah'bĩŋ] | 'pato (lit. 'mutum do rio') |
| (151) | /kiwa'dzuh/ | [kɪwa'dzoh] ~ [kɪwa'dzo] | 'pássaro' |
| | /kiwa'dzuh puw/ | [kɪwa'dzoh pu] | 'filhote de pássaro' |
| (152) | /ku'duh/ | [ko'doh] ~ [ko'do] | 'alto' |
| | /kuduh'tuw/ | [kodoh'tu] | 'baixo' |

Observa-se, também, que empréstimos provenientes da língua portuguesa, terminados em vogal, podem ser realizados com a obstruínte /h/ em final de palavra. Alguns exemplos são:

- | | | | |
|-------|------------|------------------------|---------|
| (153) | /maN' gah/ | [mãŋ' gah] ~ [mãŋ' ga] | 'manga' |
| | /'buih/ | [boih] ~ [boi] | 'boi' |
| | /ku' kuh/ | [ko' koh] ~ [ko' ko] | 'côco' |
| | /ʒaN' buh/ | [ʒãŋ' boh] ~ [ʒãŋ' bo] | 'jambo' |

E quando estão em junção de morfemas sempre se realizam com a fricativa:

- | | | | |
|-------|----------------|------------------------|-------------------|
| (154) | /maN' gah/ | [mãŋ' gah] ~ [mãŋ' ga] | 'manga' |
| | /'kuN/ | [kõŋ] | 'semente, caroço' |
| | /maN'gah' kuN/ | [mãŋgah' kõŋ] | 'caroço da manga' |
| (155) | /'buih/ | ['boih] | 'boi' |
| | /'wah/ | ['wah] | 'fêmea' |
| | /buih' wah/ | [boih' wah] | 'vaca' |

(156)	/ku' kuh/	[ko' koh] ~ [ko' ko]	‘côco’
	/-maN/	[mãŋ]	‘árvore’
	/kukuh' maN/	[kokoh' mãŋ]	‘coqueiro’
(157)	/ʒaN' buh/	[ʒãŋ' boh] ~ [ʒãŋ' bo]	‘jambo’
	/ʒaNbuh' maN/	[ʒãŋboh' maŋ]	‘árvore do jambo’

Em alguns casos, a obstruínte /h/ em final de palavra diferencia significados, o que pode servir na comprovação de que há /h/ em posição de coda nas palavras Kanamari.

(158)	/u'ri/	[o'riʔ]	‘camarão’
	/u'rih/	[o'rih]	‘linha para pescar’
	/urih'kuN/	[orih'kõŋ]	‘corda pequena’
(159)	/tʃu'ʔih/	[tʃo'ʔih]	‘dente’
	/tʃu'ʔi/	[tʃo'ʔi]	‘pé’
(160)	/pi'dah/	[pr'dah]	‘onça’
	/pi'da/	[pr'daʔ]	‘neto’

Quanto aos exemplos em (145) e (146), em que há uma epêntese após a nasal velar [ŋ], também encontramos dados semelhantes. Nesses casos, interpretamos como uma realização eventual do som intrusivo [^h] após a nasal, quando seguida por outro segmento. Dentre nossos dados encontramos os seguintes exemplos:

(161)	/'biN/	['bĩŋ]	'mutum'
	/- puw/	[-puw]	‘filhote’

	/biN'pu/	[bĩŋ ^h 'pu]	'filhote de mutum'
(162)	/duN/	[dõŋ]	'peixe'
	/dak/	[dak ^ʔ]	'casca'
	/duN'dak/	[dõŋ ^h 'dak ^ʔ]	'escama de peixe'
(163)	/huN/	[hõŋ]	'barro'
	/huN'tuŋ/	[hõŋ ^h 'tõŋ]	'chão'
	/huN'mi/	[hõŋ ^h 'mi]	'buraco no chão'
(164)	/u'maN/	[o'mãŋ]	'árvore' (em geral)
	/u'maN ʔi'ta/	[o'mãŋ ^h ʔi'ta]	'tronco'
	/umaN'ba/	[omãŋ ^h 'ba]	'folha'
	/umaNdak/	[omãŋ ^h 'dak ^ʔ]	'casca de árvore'

Em algumas realizações de palavras derivadas do exemplo (164), também foram registrados dados em que não havia a epêntese de intrusiva [^h]:

(165)	/u'maN ki'tu/	[o'mãŋ ki'to]	'toco'
	/umaN'ʔu/	[omãŋ'ʔo]	'galho'

Por isso, podemos interpretar que essa epêntese é opcional e não é condicionada pelo segmento posterior à nasal. Observa-se, além disso, que em casos em que o segundo morfema inicie-se em /h/ não há a realização da aspiração:

(166)	/duN'hi/	[dõŋ'hi]	'caldo de peixe'
-------	----------	----------	------------------

A realização da aspiração ocorre na estrutura interna de palavras simples. Entretanto, ressaltamos que tais exemplos podem caracterizar junção de morfemas que não são transparentes no atual contexto da língua.

(167)	/kuN'dak/	[kõŋ ^h 'dak ^ʔ]	'pulga'
	/aN'tʃi/	[ãŋ ^h 'tʃi]	'grilo'

/huN'di/	[hõŋ ^h dɪ]	‘jararaca’
/naN'dak/	[nãŋ ^h dak ^ɿ]	‘escorpião’
/daNwa'ra/	[dãŋ ^h wa'ra]	‘primeiro’
/muNtʃa'na/	[mõŋ ^h tʃa'na]	‘segundo’
/ muNtʃa'na ka'haN/	[mõŋ ^h tʃa'na ka'hãŋ]	‘terceiro’
/ kamuN'dʒa/	[kamõŋ ^h dʒa]	‘macaco barrigudo’
/ tʃuN'wuuk/	[tʃõŋ ^h wuuk ^ɿ]	‘tucano’

Uma hipótese sobre essa realização da nasal velar pós-aspirada [ŋ^h] é a de que seja um recurso da língua para evitar que a nasal velar assimile o ponto de articulação da consoante seguinte¹⁸. Se analisarmos os dados em (165), veremos que, no primeiro exemplo, a consoante seguinte à nasal [ŋ] é [k], ambos sons apresentam o mesmo ponto de articulação, ou seja, velar. E no segundo exemplo, a glotal não possui ponto de articulação, pois é debucalizada. Dessa forma, não seria necessária a realização da aspiração após a nasal. Já nos exemplos em (167), todas as consoantes posteriores à nasal não possuem ponto de articulação velar, por isso haveria a aspiração. Por enquanto, deixamos em aberto essa interpretação, pois mais dados referentes exclusivamente a esse processo serão necessários.

¹⁸ Agradecemos ao Prof. Dr. Wilmar D'Angelis por sugerir essa interpretação durante a banca de qualificação da dissertação.

4.3 A ESTRUTURA SILÁBICA

Cada um dos componentes da sílaba possui uma designação própria. A estrutura de uma sílaba é, primordialmente, formada pelo Núcleo (N), composto normalmente por uma vogal ou por consoantes com nível de sonoridade mais alto, e por uma consoante anterior ao núcleo, denominada Ataque (A), que pode ser opcional.

Além desse tipo silábico, há outras estruturas mais complexas, como quando uma consoante ocorre após o núcleo silábico. Nessas condições, a consoante ocupa a posição denominada Coda (Cd). Mais estritamente, a posição do Núcleo e da Coda é representada de forma subordinada ao nó intermediário da estrutura silábica denominado Rima (R).

4.3.1 A Camada Esqueletal

A interpretação multilinear do modelo Autossegmental de Goldsmith foi ampliada por Clements e Keyser (1983 *apud* Kenstowicz 1994) que desenvolveram uma representação que diferenciasse o fonema da posição por ele ocupada nas estruturas fonológicas, essa sequência de posições é denominada pelos autores de camada esqueletal ou CV.

Dessa representação, duas interpretações do esqueleto surgiram: o modelo de posição X e o modelo moraico. O primeiro continua com a noção da posição fonológica original de Clements e Keyser, enquanto que o segundo modelo interpreta as posições fonológicas como pontos terminais na estrutura prosódica. Resumidamente, nas palavras de Kenstowicz (1994), o modelo *X-slot* vê o esqueleto pela perspectiva dos segmentos, enquanto que o modelo moraico tem uma concepção prosódica do esqueleto.

O modelo de posições X's evoluiu da teoria CV, propondo uma sequência de posições ou espaços vazios como pontos ou simples X's. A principal motivação para essa interpretação é que, em algumas circunstâncias, uma posição esqueletal pode associar-se tanto com uma consoante, como com uma vogal, o que se torna difícil de representar se os traços [\pm consonantal] definirem o esqueleto, como propunha a teoria CV.

Logo, cada segmento projeta uma única posição esqueletal, que constitui os pontos entre os segmentos e as estruturas prosódicas. Por isso, as regras de silabificação e metrificação são definidas nas unidades X do esqueleto. Nesse modelo, os segmentos longos são diferenciados

pelos curtos por associarem-se a duas posições esqueléticas. Consequentemente, o peso fonológico é definido pela presença ou ausência dessas duas posições esqueléticas na projeção da sílaba.

Na teoria moraica, as posições fonológicas são pontos terminais onde a prosódia cruza-se com segmentos ou melodias. Essas posições prosódicas, também denominadas *moras*, são vistas como unidades prosódicas autênticas. Por conseguinte, as vogais breves são interpretadas por conter apenas uma mora e as longas, duas moras. Assim, as sílabas leves são monoposicionais e as pesadas, biposicionais.

4.3.2 Os Constituintes da Sílaba

Os constituintes da sílaba em Kanamari são compostos por ataque e rima, esta última, dividida em núcleo simples, núcleo longo e núcleo simples somado a uma coda.

4.3.2.1 O Ataque

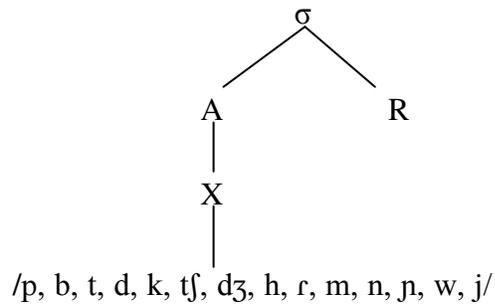
Em Kanamari, o Ataque pode ou não ocorrer em uma sílaba e é constituído por apenas um segmento. A maioria dos segmentos consonantais da língua pode aparecer em posição de Ataque: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /tʃ/, /dʒ/, /h/, /r/, /m/, /n/, /ɲ/, /w/, /j/. O único segmento que não ocorre em posição de ataque é o arquifonema /N/. Os moldes silábicos em que ocorre Ataque são CV (AN) e CVC (ANCd).

Sinteticamente, podemos definir algumas restrições para o Ataque na sílaba em Kanamari:
(168) Restrição de Ataque:

- a) o molde silábico composto por Ataque sempre apresenta apenas um segmento nessa posição;
- b) /N/ nunca ocorre em posição de ataque;
- c) /r/ não ocorre em posição absoluta de Ataque.

Abaixo representamos os segmentos possíveis em posição de Ataque:

(169)



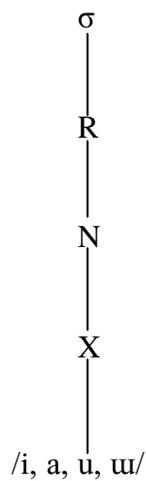
4.3.2.2 A Rima

A Rima em Kanamari pode ser composta por um Núcleo Simples, um Núcleo Longo e um Núcleo Simples seguido de uma Coda.

4.3.2.2.1 Núcleo Simples

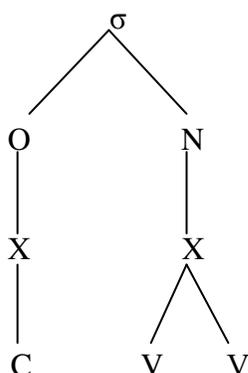
O núcleo simples é formado apenas pelas vogais curtas da língua, o que constitui uma posição na camada esquelética.

(170)



E por ditongos leves, em que os dois segmentos que formam o ditongo compartilham a unidade X da camada esquelética. Assim, sua representação constitui-se da seguinte forma:

(171)

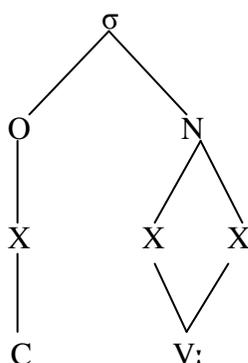


4.3.2.2.2 Núcleo Longo

O Núcleo longo é composto pelas vogais longas formado por duas unidades X na camada esqueletal. E, após o núcleo longo, não há ocorrência de consoante posterior tautossilábica, ou seja, em posição de Coda.

No modelo gerativo linear, os segmentos longos poderiam ser representados pelo traço [\pm longo] ou por uma sequência de matrizes de traços idênticas, ao passo que no modelo autosegmental um segmento longo é representado como um único elemento associado a duas posições esqueletais (Kenstowicz, 1994). Assim, representamos as vogais longas conforme a fonologia autosegmental a seguir:

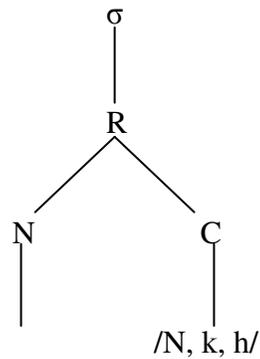
(172)



4.3.2.2.3 Núcleo e Coda

Os segmentos que ocorrem em Coda são: /N/, /k/, /h/, todos esses aparecem tanto em Coda interna, como Coda final. Representamos a rima formada por Núcleo e Coda em (173):

(173)



As restrições para a posição de Coda na sílaba em Kanamari são:

(174) Restrições de Coda:

- A posição de Coda é preenchida apenas pelos segmentos /N/, /k/, /h/.
- A Coda não ocorre após vogais longas.

4.3.3 Os Moldes Silábicos em Kanamari

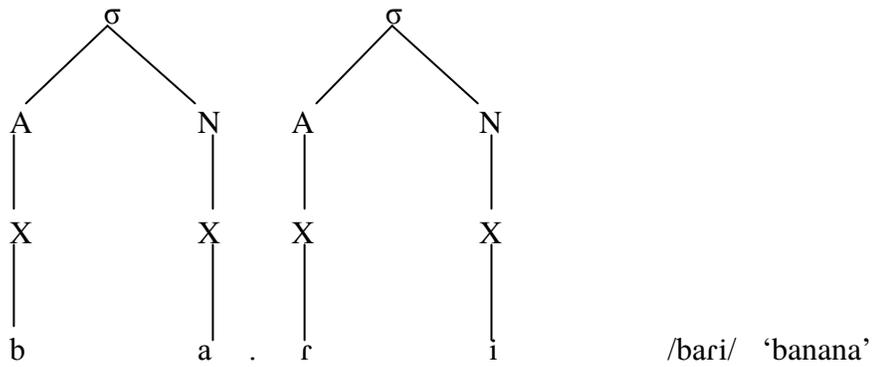
Diante dos constituintes silábicos e suas ocorrências existentes na sílaba Kanamari, apresentamos os moldes silábicos padrões dessa língua.

(CV)

(175)	/bari/	/CV.CV/	‘banana’
	/kudu'hi/	/CV.CV.CV/	‘sereno’
	/taka'ra/	/CV.CV.CV/	‘galinha’
	/kiri'paN/	/CV.CV.CVC/	‘batata doce’

Representamos abaixo o molde silábico CV na palavra /bari/:

(176)

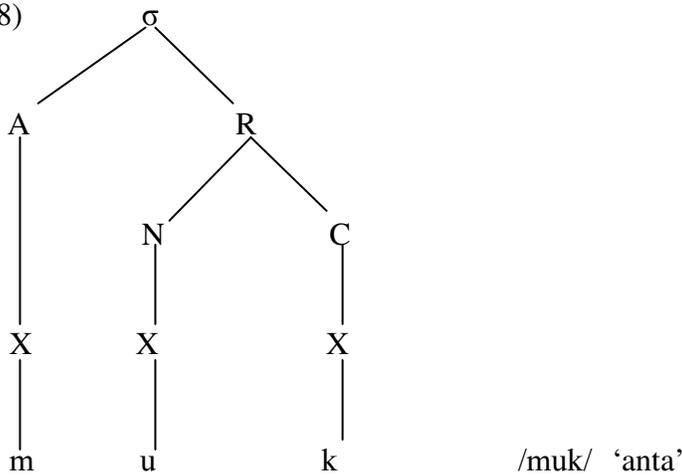


(CVC)

(177)	/muk/	/CVC/	'anta'
	/duN/	/CVC/	'peixe'
	/ba'mak/	/CV.CVC/	'pacu'
	/ih'naN/	/VC.CVC/	'morcego'
	/wah'dak/	/CVC.CVC/	'lago'
	/pah'ki/	/CVC.CV/	'pimenta'

Representamos abaixo o molde silábico CVC na palavra /muk/:

(178)



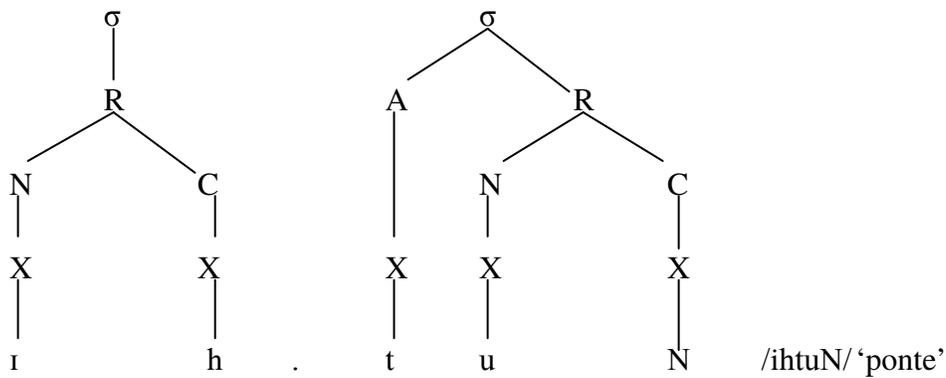
(VC)

(179)	/ihtuN/	/VC.CVC/	'ponte'
	/aN'pi/	/VC.CV/	'beija-flor'

/ihpi'dzi/	/VC.CV.CV/	'tipo de macaco bem pequeno'
/aNta'ru/	/VC.CV.CV/	'tipo de formiga'
/ihtha'tu/	/VC.CV.CV/	'bicho de pé'

Representamos abaixo o molde silábico VC na palavra /ihtuN/:

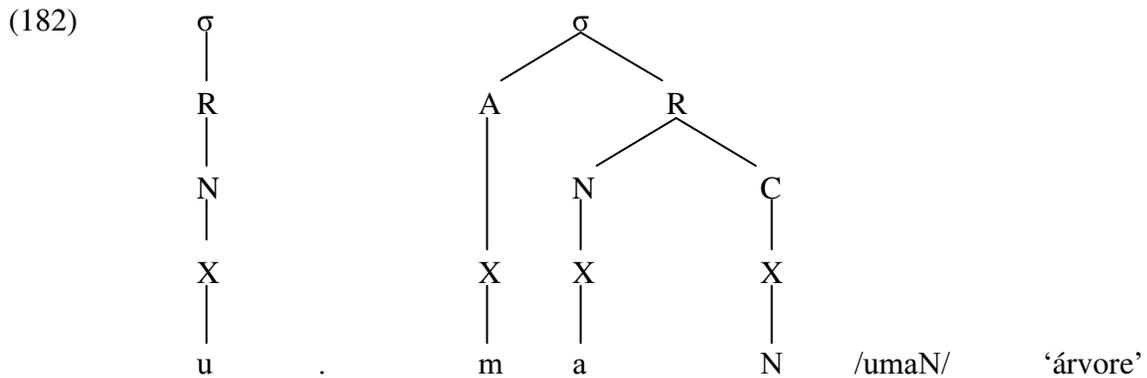
(180)



(V)

(181)	/umaŋ/	/V.CVC/	'árvore'
	/i'tʃu/	/V.CV/	'minha filha'
	/a'pa/	/V.CV/	'tia'
	/itʃa'ruh/	/V.CV.CVC/	'mulher'
	/inu'muk/	/V.CV.CVC/	'nora'
	/a'miN/	/V.CVC/	'grávida'
	/iwih'niN/	/V.CVC.CVC/	'parente'

Representamos a seguir o molde silábico V na palavra /umaŋ/:



4.3.3.1 Análise de Sequências Ambíguas

Algumas sequências de sons apresentam ambiguidades em certas línguas. Em tais situações, é necessária uma interpretação fonológica com base na estrutura silábica da língua. Para essa análise, baseamo-nos em Burquest (1998).

4.3.3.1.1 Vogais Altas e Glides

As vogais altas [i] e [u] (ou [o]) e as glides [j] e [w] podem ser segmentos ambíguos em algumas línguas, o que requer uma interpretação que os defina fonologicamente em [+ silábicos] (vogais) ou [- silábicos] (aproximantes). Essa análise deve seguir os moldes não ambíguos da sílaba na língua. Por isso, tomamos por base os padrões já apresentados anteriormente, que não suscitam nenhuma ambiguidade, para analisarmos fonologicamente algumas sequências desses sons.

Primeiramente, apresentamos alguns dados em que ocorrem as vogais altas em ambiguidade:

(183)	[a.'hai]	'carne'
	[pai.'ko]	'avô; velho'
	[dʒai.'kõŋ]	'traíra (peixe)'
	[kai.'na]	'macaco guariba'
	[nai.'tãŋ]	'como' (pronome interrogativo)

[tʃaih]	‘comprido’
[waikʔ.pa]	‘cantar’
[kaih.'dak]	‘tipóia para carregar bebê’
[baoh'nĩŋ]	‘roçado’
[waog'dʒɪ]	‘chegar’
[i'kaokʔ]	‘chorar’
[ao'pu]	‘filhote’
[boih]	‘boi’
[nomoi]	‘tipo de peixe’
[koimarui]	‘tipo de árvore’

As sequências [ai], [ao] e [oi] podem ser interpretadas como VV, VC ou V. Para seguir os padrões silábicos do Kanamari, listamos algumas observações quanto aos moldes não ambíguos:

- Em coda, sempre ocorrem os segmentos /N/, /k/ ou /h/ e nenhum deles formam sequências ambíguas;
- Nos dados, não encontramos sequências de vogais não altas;
- Sílabas formadas por uma única vogal ocorrem apenas em início de palavra.

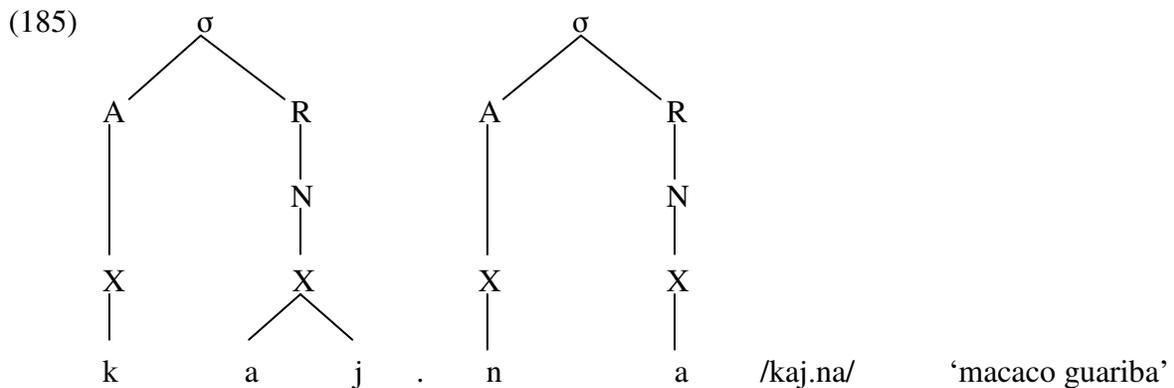
A partir dessas ponderações, descartamos as interpretações de que as sequências ambíguas sejam VC, pois em coda temos apenas /N/, /k/ e /h/, ou de que sejam VV, pois não é comum sequências de vogais tautossilábicas nessa língua. Assim, analisamos essa sequência de sons como ditongos /a^j/, /a^w/ e /u^j/, interpretados como V no molde silábico e sempre antecidos por consoante em posição de ataque, com coda opcional. Demonstramos essa silabificação dos exemplos de (184) a seguir:

(184)	[a.'hai]	/a.ha ^j /	/V.CV/	‘carne’
	[pai.'ko]	/pa ^j .ku/	/CV.CV/	‘avô; velho’
	[dʒai.'kõŋ]	/dʒa ^j .kuN/	/CV.CVC/	‘traíra (peixe)’
	[kai.'na]	/ka ^j .na/	/CV.CV/	‘macaco guariba’

[nai.'tãŋ]	/na ^j .taN/	/CV.CVC/	‘como’ (pronome interrogativo)
[tʃaih]	/tʃa ^j h/	/CVC/	‘comprido’
[waih]	/wa ^j h/	/CVC/	‘caba’
[waik ^ʔ .pa]	/wa ^j k.pa/	/CVC.CV/	‘cantar’
[kaih.'dak]	/ka ^j h.dak/	/CV.CVC/	‘tipóia para carregar bebê’
[baoh'nĩŋ]	/ba ^w h.niN/	/CVC.CVC/	‘roçado’
[waog'dʒɪ]	/wa ^w k.dʒi/	/CVC.CV/	‘chegar’
[i'kaok ^ʔ]	/i.ka ^w k/	/V.CVC/	‘chorar’
[ao'pu]	/a ^w .pu/	/V.CV/	‘filhote’
[boih]	/bu ^j h/	/CVC/	‘boi’
[nomoi]	/nu.mu ^j /	/CV.CV/	‘tipo de peixe’
[koimaruu]	/ku ^j .ma.ruu/	/CV.CV.CV/	‘tipo de árvore’

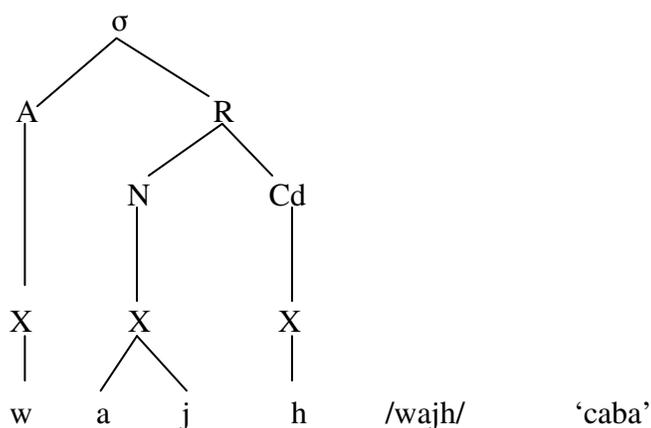
Os ditongos em Kanamari são todos decrescentes, pois o glide (ou *offglide*) é posterior ao núcleo vocálico. Interpretamos os ditongos, dessa língua, como leves (ver seção 4.3.6), portanto, os dois segmentos que o formam compartilham a mesma unidade de tempo.

Representamos abaixo o molde silábico CV formado por ditongo na palavra /ka^jna/:



E, em (186), demonstramos o molde silábico CVC formado por ditongo na palavra /wajh/:

(186)



4.3.3.1.2 [j] e [w] em Posição de Ataque

Os segmentos [j] e [w] em início de sílaba podem ser ambíguos em relação às vogais altas [i] e [u] (ou [o]) respectivamente. Por isso, procuramos interpretá-los por meio da estrutura silábica também.

Em (187), apresentamos dados com os glides [j] e [w] em posição de ataque:

(187)	[ja'ja]	'tipo de sapo'
	[ja'nĩŋ]	'brilhante'
	[ja'ma]	'para mim'
	[ku'jah]	'caçuma'
	[joka'ra]	'sal'
	[joto'ro]	'nambu galinha'
	[jo'nĩŋ]	'piolho'
	[kapa'jo]	'mamão'
	[jug'dʒa]	irmã
	[a'juh]	'muito'
	[wah]	'velha, avó'
	[wa'nĩŋ]	'vento'

[wa:'kak ^ɿ]	‘abacaxi’
[tsawahmi'niʔ]	'comida'
[ta'wa]	‘macaxeira’
[ta'wɪ]	‘goiaba’
[pawa'ru]	‘gavião’
[wiwi'jok]	‘gritar’
[ma:'wɪ]	‘bicho-preguiça’
[tʃo'wɪ]	‘machado’
[wu:'ni]	‘rio’
[wu:]	'pirarucu'

Como já demonstrado na seção anterior, não é comum encontro de vogais tautossilábicas na língua, principalmente compostas por vogais não altas, o que não apresentaria ambiguidade. Em contrapartida, o padrão silábico CV é frequente, sendo formado por segmentos não ambíguos. Por conseguinte, definimos a sequência de sons [ja], [jo], [ju], [wa], [wi] e [wu] como o molde silábico CV(C). Assim, representamos a silabificação dos exemplos de (188) a seguir:

(188)	/ja.ja/	/CV.CV/	'tipo de sapo'
	/ja:.niN/	/CV:.CVC/	‘brilhante’
	/ja.ma/	/CV.CV/	‘para mim’
	/ku.jah/	/CV.CVC/	‘caiçuma’
	/ju.ka.ra/	/CV.CV.CV/	‘sal’
	/ju.tu.ru/	/CV.CV.CV/	‘nambu galinha’
	/ju:.niN/	/CV:.CVC/	'piolho'
	/ka.pa.ju/	/CV.CV.CV/	‘mamão’

/juk.dʒa/	/CVC.CV/	‘irmã’
/a.juuh/	/V.CVC/	‘muito’
/wah/	/CVC/	‘velha, avó’
/wa:niN/	/CV:.CVC/	‘vento’
/wa:kak/	/CV:.CVC/	‘abacaxi’
/tʃa.wah.mi.ni/	/CV.CVC.CV.CV/	‘comida’
/ta.wa/	/CV.CV/	‘macaxeira’
/ta.wi/	/CV.CV/	‘goiaba’
/pa.wa.ruw/	/CV.CV.CV/	‘gavião’
/wi.wi.juk/	/CV.CV.CVC/	‘gritar’
/ma:wi/	/CV:.CV/	‘bicho-preguiça’
/tʃu.wi/	/CV.CV/	‘machado’
/wu:ni/	/CV:.CV/	‘rio’
/wu:/	/CV:/	‘pirarucu’

De acordo com Kenstowicz (1994), na interpretação gerativa, a silabicidade do som é resultado de sua posição no constituinte silábico, não em relação às suas características estruturais. Por isso, quando os segmentos /i/ e /u/ ocorrem em posição de Ataque na sílaba, são interpretados como consoantes e, assim, carregam o traço [-silábico].

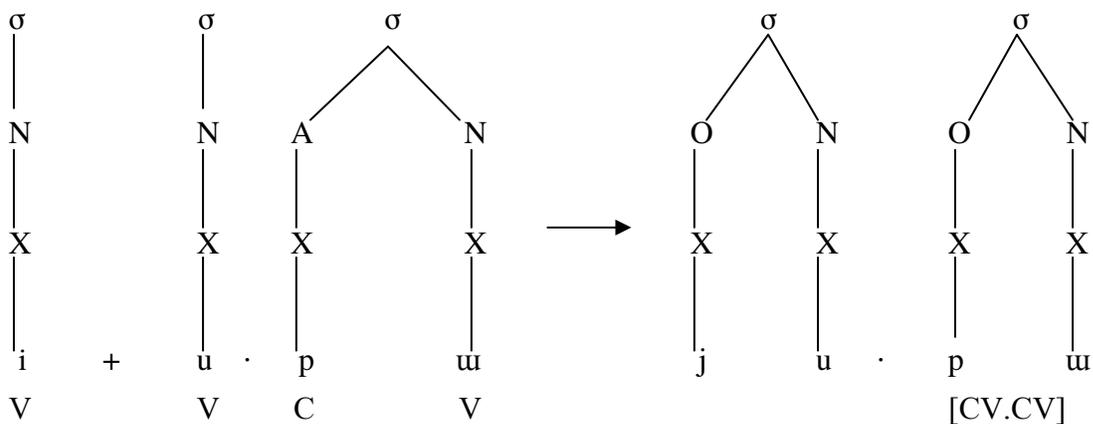
Em Kanamari, o segmento /j/ representa a vogal alta /i/ com status de Ataque. Essa silabificação ocorre em casos de encontros vocálicos, decorrentes do morfema possessivo preso {i-} com outro morfema que se inicie em vogal. Nesse processo, a vogal alta /i/ que representa o morfema de posse recebe o status de ataque e, portanto, possui o traço [- silábico], o que a torna uma aproximante.

(189) {i-} + {upw} → /ju.'pw/
 1SGPOSS filho ‘meu filho’

(190) {i-} + {ama} → /ja.ma/
 1SGPOSS para ‘para mim’

Esse processo de silabificação pode ser representado como em (191):

(191)



Nesse esquema, nota-se que duas sílabas compostas por apenas um núcleo cada uma, unem-se e formam uma única sílaba composta por um ataque e um núcleo, sendo o primeiro segmento [- silábico], representado por /j/.

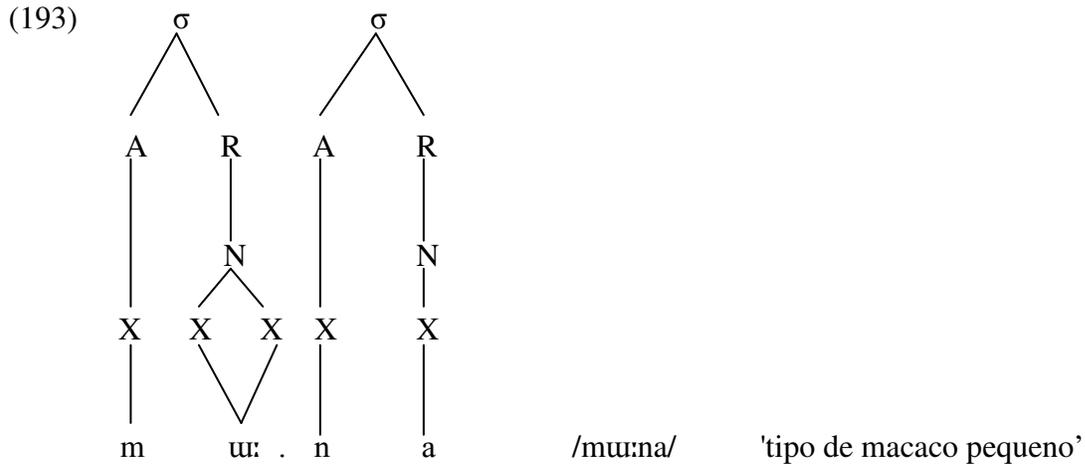
4.3.3.1.3 Vogais Longas

As vogais longas também podem ser interpretadas fonologicamente como uma sequência de vogais idênticas (VV). Em Kanamari, no entanto, sequências de vogais idênticas não compõem os padrões silábicos não ambíguos da língua. Conseqüentemente, chegamos à conclusão de que tais sons são fonemicamente longos. Esses sons sempre ocorrem com ataque e nunca com coda. Representamo-os pelo molde silábico (CV:):

(192)	/wuu:/	/CV:/	‘pirarucu’
	/muu:na/	/CV:.CV/	‘tipo de macaco pequeno’
	/na:tʃi/	/CV:.CV/	‘milho’
	/ku:na/	/CV:.CV/	‘urucum’

/pi:tʃi/	/CV:CV/	‘doce’
/wa:kak/	/CV:CVC/	‘abacaxi’

Demonstramos o molde silábico CV: na palavra /mu:na/ abaixo:



4.3.3.1.4 Oclusiva Glotal [ʔ]

O som glotal [ʔ] leva a várias interpretações em algumas línguas quando ocorre na sequência VʔV, que pode ser analisada como uma vogal longa (V:), se estiver entre duas vogais idênticas, ou como uma sequência de vogais (VV), ou ainda como o molde (VCV).

Como demonstramos anteriormente, os padrões da língua Kanamari não apresentam vogais idênticas tautossilábicas e há evidências de ocorrência fonológica de vogais longas. Além disso, não interpretamos a glotal como uma consoante fonológica, pois sua ocorrência dá-se na maioria das vezes em junção de morfemas. Diante disso, analisamos a sequência da glotal entre vogais, idênticas ou não, como V.V, ou seja, silabificamos essa sequência em duas sílabas, sendo a primeira vogal pertencente à sílaba anterior e a vogal seguinte, realizada com a glotal, formando o molde V, com coda opcional.

(194) [haʔo'ni]	/ha.u.ni/	/CV.V.CV/	‘cru’
[mahona'ʔãŋ]	/ma.hu.na.aN/	/CV.CV.CV.VC/	‘cana’
[obo'ʔo]	/u.bu.u/	/V.CV.V/	‘banana maçã’

[da'ʔãŋ]	/da.aN/	/CV.VC/	‘ir embora’
[birɪʔi'maʔ]	/bi.ri.i.ma/	/CV.CV.V.CV/	‘sujo

4.3.3.1.5 Transições Fonéticas

A interpretação das sequências [ija] e [ijo] também depende do padrão estrutural da sílaba na língua. Como no Kanamari não há sílaba composta por uma sequência de duas vogais, para que se analise tais sequências como /ia/ e /iu/ respectivamente, interpretamo-as fonologicamente como /ija/ e /iju/, sendo a primeira vogal silabificada em uma sílaba diferente do glide e da segunda vogal.

(195) [tija'haŋ]	/ti.ja.haN/	/CV.CV.CVC/	‘amanhã’
[pi'ja]	/pi.ja/	/CV.CV/	‘rapaz’
[kotsi'jah]	/ku.tʃi.jah/	/CV.CV.CVC/	‘lontra’
[di'jokʔ]	/di.juk/	/CV.CVC/	‘doer, arder’
[wiwi'jokʔ]	/wi.wi.juk/	/CV.CV.CVC/	‘gritar’

4.3.3.1.6 Interpretação das Ambiguidades Fonéticas

Resumimos as interpretações das ambiguidades encontradas na língua Kanamari no quadro a seguir:

(196)

Ambiguidades Fonéticas	Interpretação Fonológica			
	V	V.V	CV	V.CV
[ja], [jo], [ju], [jw], [wa], [wi], [wu]			/ja/, /ju/, /jw/, /wa/, /wi/, /wu/	
[ao], [ai], [oi]	/a ^w /, /a ^j /, /u ^j /			
[a:], [o:], [i:], [u:]	/a:/, /u:/, /i:/, /u:/			
[aʔa], [iʔi], [oʔo]		/a.a/, /i.i/, /u.u/		
[ija], [ijo]				/i.ja/, /i.ju/

Quadro 10 - Interpretação das Ambiguidades Fonéticas

4.3.4 Silabificação

Percebe-se que alguns processos fonológicos e morfofonológicos ocorrem para satisfazer o padrão silábico existente ou para evitar padrões não aceitáveis em Kanamari. A partir desse aspecto, analisamos alguns processos em relação à estrutura silábica nessa língua, tais como o alongamento vocálico ou a inserção da glotal [ʔ], que ocorrem em casos de formação de palavras, e as alomorfias de alguns pronomes possessivos presos, condicionadas pela distribuição dos segmentos.

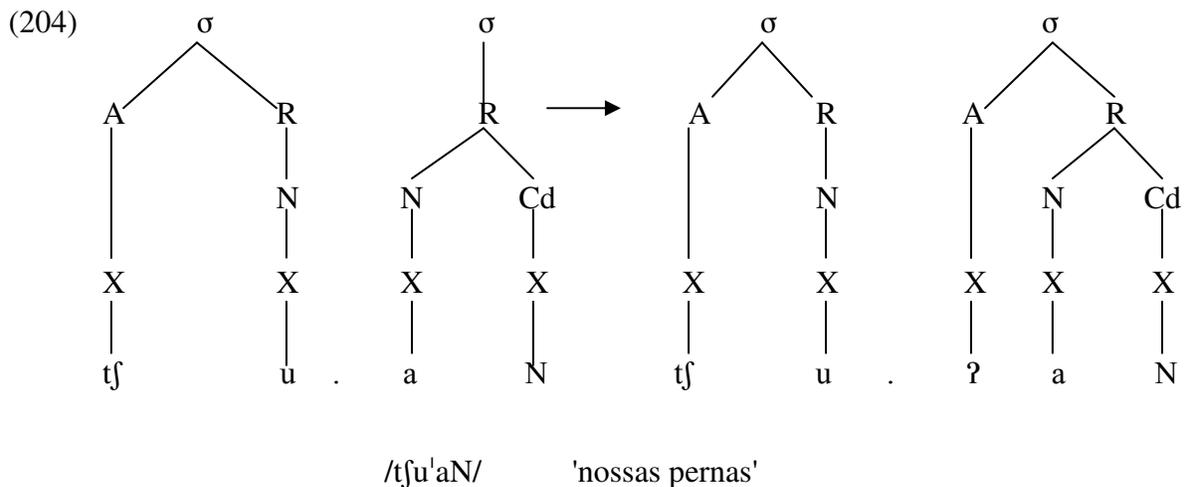
4.3.4.1 Inserção da Glotal [ʔ] em Fronteira de Morfemas

Em Kanamari, nota-se que em fronteira de morfemas em que o primeiro morfema termine em vogal e o segundo inicie-se também em vogal, há a inserção da glotal [ʔ], caracterizando um recurso para diferenciar fronteira de morfemas e para evitar encontros vocálicos tautossilábicos não permitidos na língua. Assim, temos casos como nos exemplos a seguir:

(197) {tʃu-} + {-upak¹mi} → [tʃo.ʔo.pak.¹mi]
 1PLPOSS narina 'nossas narinas'

- (198) {hi-} + {-ita'kuN} → [hi.ʔi.ta.'kõŋ]
 1SGPOSS cotovelo 'meu cotovelo'
- (199) {nu-} + {-upak'mi} → [no.ʔo.pak.'mi]
 3SGPOSS narina 'narina dele'
- (200) {tʃu-} + {i'ku} → [tʃo.ʔi.'ko]
 1PLPOSS olho 'nossos olhos'
- (201) {a-} + {-upw} → [aʔopw]
 2SGPOSS filho 'filho dele'
- (202) {tʃu-} + {-aN} → [tʃo'ʔãŋ]
 1PLPOSS perna 'nossas pernas'
- (203) {hi-} + {-aN} → [hi'ʔãŋ]
 1SGPOSS perna 'minha perna'

Essa inserção é representada em (204):



Nessa representação, na junção dos dois morfemas {tʃu-} e {-aN} ocorre a inserção da glotal entre eles. A partir desse processo morfofonológico, postulamos a regra de inserção de glotal em juntura de morfemas:

(205) Regra de Inserção em Fronteira de Morfemas:

$\emptyset \rightarrow [ʔ] / V- _ -V$

4.3.4.2 Alongamento Vocálico

Apesar de na maioria dos dados haver a inserção da glotal [ʔ] entre vogais em fronteira de morfemas, em alguns dados em que duas vogais idênticas apareciam em fronteira de morfemas, ao invés da inserção, ocorria um alongamento de vogal. Dos Anjos (2011) relata que esse processo é mais comum no Katukina do Biá, enquanto que em Kanamari há predominância da inserção. Dessa forma, alguns dados demonstrados acima também apareceram como nos exemplos abaixo:

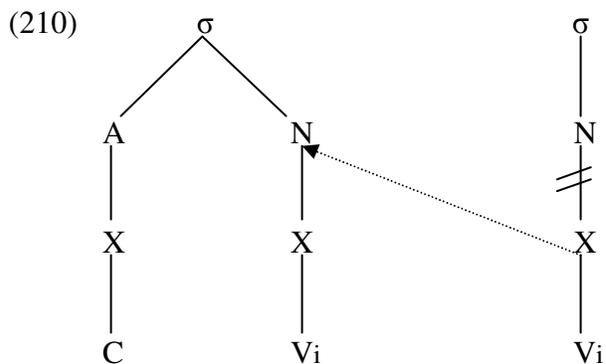
(206) {tʃu-} + {-upak'mi} → [tʃo:pag.'mɪ]
 1PLPOSS narina 'nossas narinas'

(207) {hi-} + {-ita'kuN} → [hɪ.ta.'kõŋ]
 1SGPOSS cotovelo 'meu cotovelo'

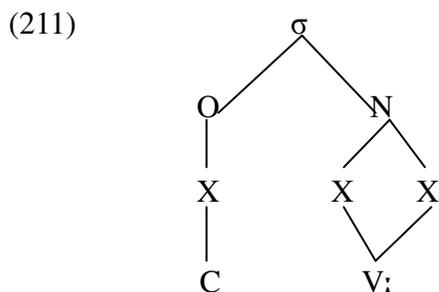
(208) {hi-} + {-i'ku} → [hɪ.'ko]
 1SGPOSS olho 'meu olho'

(209) {nu-} + {-upak'mi} → [no:.pag.'mɪ]
 3SGPOSS narina 'narina dele'

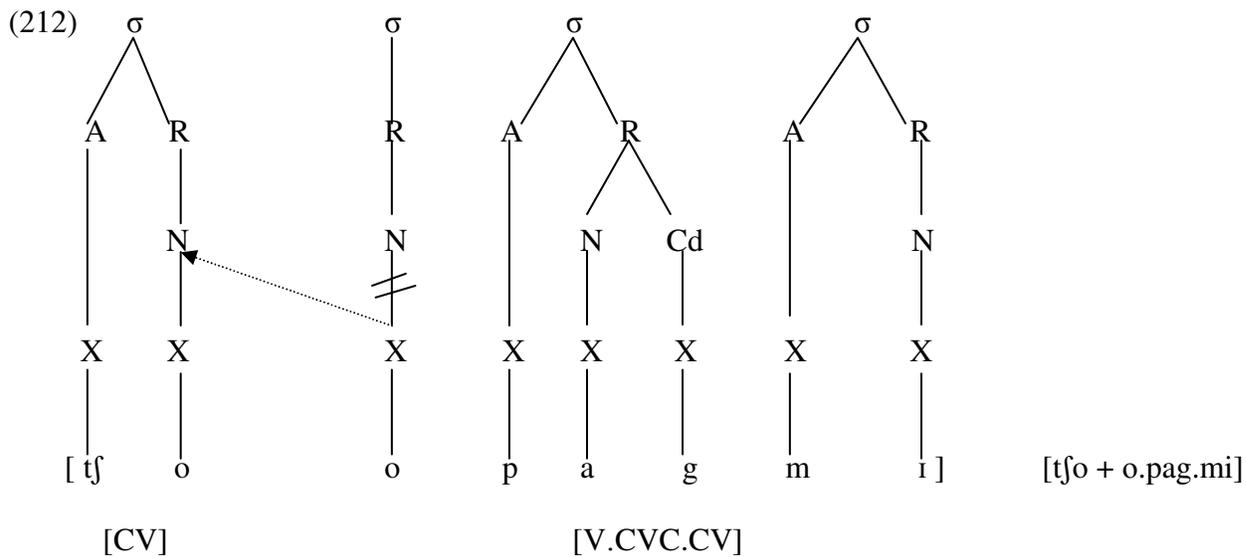
Nesse processo, o núcleo da segunda sílaba, formada por apenas um segmento vocálico, associa-se ao núcleo da primeira, conforme a representação a seguir:



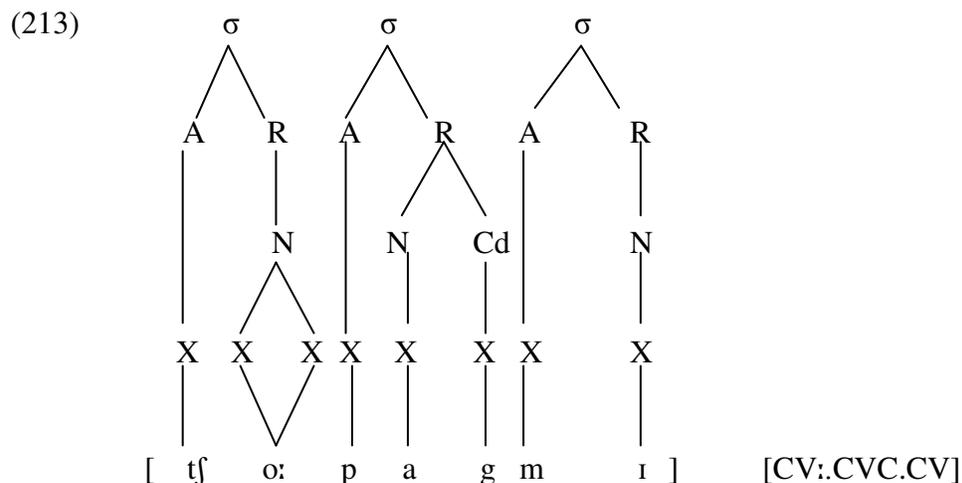
Esse processo resultará, em um núcleo longo na primeira sílaba, que projetará, portanto, duas unidades na camada esquelal.



Assim, podemos representar o alongamento na formação da palavra /tʃu.ʔu.pak.ˈmi/ a seguir:



E em (213), temos a representação da palavra formada e sua silabificação, com a perda de uma sílaba composta por apenas um núcleo e o aumento de uma unidade de tempo no núcleo da primeira sílaba, o que o caracteriza como núcleo longo.



Tanto o processo de inserção da glotal, característico no Kanamari, quanto o alongamento de vogais, encontrado principalmente no Katukina do Biá, satisfazem os padrões silábicos da língua. Na primeira ocorrência, a glotal e a vogal seguinte formam o molde CV, enquanto que no segundo caso, a vogal longa forma o molde CV: juntamente com a consoante anterior a ela.

4.3.4.3 Alomorfes Possessivos Presos¹⁹

Na língua Kanamari a posse pode ser expressa com pronomes alienáveis ou inalienáveis, de acordo com o objeto possuído. Para os pronomes possessivos inalienáveis de primeira e terceira pessoa do singular existe uma alomorfia decorrente do ambiente fonético. Quando o objeto possuído iniciar-se com sons consonantais, os morfemas utilizados são {i-} e {a-} para primeira e terceira pessoa do singular respectivamente. No entanto, se a palavra do morfema seguinte ao morfema de posse iniciar em um som vocálico, o morfema usado será {hi-} ou {ha-}.

¹⁹ Ressaltamos que essa alomorfia também ocorre com pronomes pessoais presos, que são representados pelos mesmos morfemas. Todavia, não possuímos muitos exemplos sobre os mesmos, visto que nossa coleta de dados priorizou o aspecto fonético/fonológico da língua e, portanto, não coletamos textos, que são as fontes essenciais para esse tipo de estruturas verbais.

(214) Alomorfes dos Pronomes Possessivos de Primeira Pessoa do Singular:

{i-}: quando o elemento possuído iniciar-se com consoante.

{hi-}: quando o elemento possuído iniciar-se com vogal.

(215) Alomorfes dos Pronomes Possessivos de Terceira Pessoa do Singular:

{a-}: quando o elemento possuído iniciar-se com consoante.

{ha-}: quando o elemento possuído iniciar-se com vogal.

Para essa alomorfia, propomos uma análise fundamentada na estrutura silábica da língua, pois é notório que a mesma utiliza recursos que evitem encontros vocálicos tautossilábicos e possui uma tendência à sílaba universal CV.

Assim, interpretamos que a representação subjacente dos morfemas de posse para a primeira e a segunda pessoa do singular sejam /i/ e /a/, respectivamente. E que nos casos em que ocorrem /hi-/ e /ha-/, há uma inserção da fricativa /h/. Obviamente o inverso dessa análise também seria possível, ao invés de haver uma inserção de /h/, haveria um apagamento. Entretanto, optamos pela epêntese, pois consideramos ser um recurso da língua para evitar vogais tautossilábicas e por isso ocorre em ambientes mais restritos, conforme demonstraremos a seguir.

Nessa análise, demonstramos primeiramente alguns exemplos da alomorfia dos pronomes de posse inalienáveis de primeira e terceira pessoa do singular, que são os únicos dessa classe de morfemas, formados por segmentos vocálicos isolados em sua representação subjacente, respectivamente /i-/ e /a-/.

Os ambientes em que ocorrem os alomorfes {i-} e {a-} são exemplificados a seguir:

(216) {i-} + {-paN} /i.paN/
 1SGPOSS braço ‘meu braço’

(217) {a-} + {-paN} /a.paN/
 3SGPOSS braço ‘braço dele’

(218) {i-} {-ba} /i.ba/

	1SGPOSS	mão		‘minha mão’
(219)	{a-}	{-ba}	/a.ba/	
	3SGPOSS	mão		‘mão dele’

Nota-se que esses alomorfes ocorrem sempre antecedentes a segmentos consonantais. Para os contextos em que ocorrem os alomorfes {hi-} e {ha-}, porém, os segmentos que seguem os alomorfes são todos vocálicos.

(220)	{hi-}	{-aN}	/hi.aN/	
	1SGPOSS	perna		‘minha perna’

(221)	{ha-}	{-aN}	/ha.aN/	
	3SGPOSS	perna		‘perna dele’

(222)	{hi-}	{-uh'pak}	/hi.uh.pak/	
	1SGPOSS	nariz		‘meu nariz’

(223)	{ha-}	{-uh'pak}	/ha.uh.pak/	
	3SGPOSS	nariz		‘nariz dele’

Há, porém, uma exceção à restrição do alomorfe {i-} anterior a um segmento vocálico. Foram registrados alguns poucos dados em que o pronome de posse ocorre anterior a um morfema iniciado por uma vogal e, ainda assim, permanece representado por apenas um segmento vocálico, sem a inserção da obstruínte /h/.

(224)	{i-}	+	{-upu}	→	/ju.'pu/
	1SGPOSS		filho		‘meu filho’

(225)	{i-}	+	{ama}	→	/ja.ma/
	1SG		para		‘para mim’

Se observarmos a estrutura silábica, perceberemos que não houve a inserção de /h/, pois esse recurso seria insuficiente na silabificação. O motivo para isso é que os morfemas iniciam-se com segmentos vocálicos que sozinhos formam uma sílaba. E nesses casos, se houvesse a realização dos alomorfes {hi-} ou {ha-} resultaria em um encontro vocálico tautossilábico não existente nos padrões da língua.

Por exemplo, teríamos ocorrências de [hio.pu]* ou [hia.ma]*, que são agramaticais na língua e que, em ambos os exemplos, permanecem, na primeira sílaba, com as sequências [io] e [ia] que não são encontradas como ditongos em Kanamari.

Conforme já demonstrado na seção 4.3.3.1.1, os ditongos encontrados foram /aj/, /aw/ e /oj/, sendo todos ditongos decrescentes. Nos exemplos agramaticais acima, os ditongos formados seriam /ja/ e /ju/, caracterizados por serem crescentes. Dessa forma, a exceção de optar por {i-} em lugar de {hi-} antes dos morfemas iniciados em vogais, {-upu} e {-ama}, pode ser um recurso para evitar formação de ditongos inexistentes nos padrões da língua Kanamari.

Em contrapartida, quando os morfemas permanecem em suas formas vocálicas {i-} e {a-}, passam à posição de ataque e formam uma sílaba do tipo CV junto com a vogal isolada da primeira sílaba do morfema. Assim, temos:

(226) /ju.'pu/

/CV.CV/

(227) /ja.'ma/

/CV.CV/

4.3.5 Ressilabificação

Em cada língua os segmentos obedecem a um padrão específico que os organiza em sílabas. Diante disso, em processos morfológicos, os segmentos podem se reestruturar a fim de se conformar ao padrão distribucional da língua.

4.3.5.1 Formação de Ataque

Em geral, as línguas tendem a evitar sílabas sem Ataque. Consoantes pré-vocálicas podem passar para a posição de Ataque na sílaba seguinte, mesmo diante de uma fronteira gramatical ou de palavra, o que gera um desalinhamento da estrutura morfológica e prosódica (Kenstowicz, 1994).

A língua Kanamari demonstra uma tendência à sílaba universal CV, visto que prefere a formação de Ataque à realização da Coda. Seguindo o Princípio de Formação do Ataque, em casos de fronteira de morfemas em que o primeiro termine com o segmento /k/ em Coda e o segundo inicie-se com um segmento vocálico, esse segmento em posição de Coda passa à posição de Ataque da sílaba seguinte.

Percebemos isso em exemplos como a palavra fonológica [bagadu], que se divide gramaticalmente em {bak+adu}, no entanto é realizada foneticamente na forma [CV.CV.CV]. Nesse dado, a consoante que ocupava a posição de Coda da primeira sílaba, passa para a posição de Ataque da sílaba seguinte.

(228) /bak/ ‘bom’
 /adu/ 1SG
 /ba.ka.du/ /CV.CV.CV/
 [baga'du] ‘estou bem’

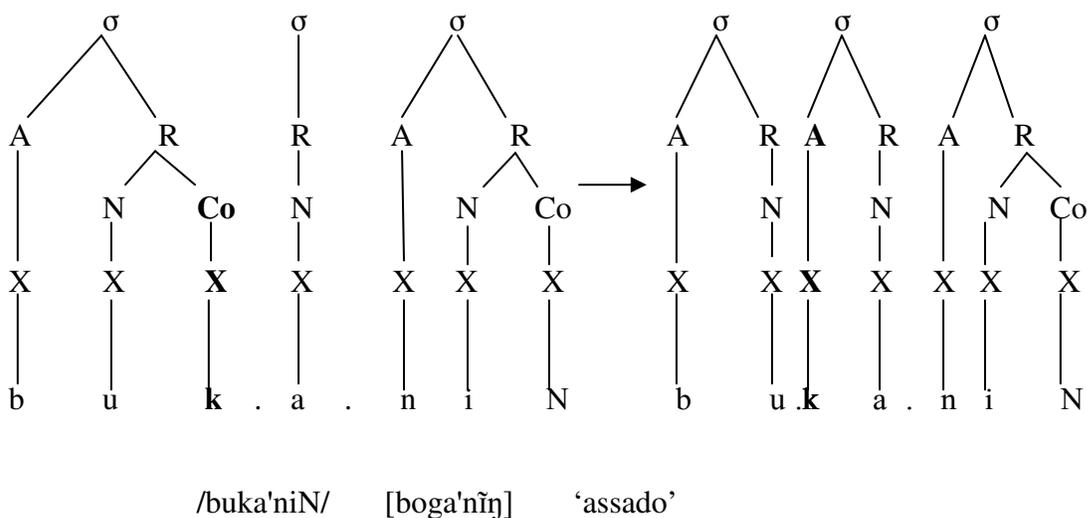
(229) /buk/ ‘assar’
 /aniN/ NOM
 /bu.ka.niN/ /CV.CV.CVC/
 [boga'nĩŋ] ‘assado’

(230) /puk/ ‘canoa’
 /uh'pak/ ‘nariz’
 /pu.kuh.pak/ /CV.CVC.CVC/

- (231)
- | | | |
|--|-------------|-------------------|
| | [pogoh'pak] | ‘proa (de canoa)’ |
| | /puk/ | ‘canao’ |
| | /i'ta/ | ‘tronco’ |
| | /pu.ki.ta/ | /CV.CV.CV/ |
| | [pogi'ta] | ‘popa (de canoa)’ |

Demonstramos a formação de Ataque da palavra derivada /bukaniN/ na representação abaixo:

(232)



Podemos representar essa alteração da estrutura silábica por meio da seguinte regra:

(233) Ressilabificação: C# . #V → .CV

Esse tipo de ressibilificação também foi percebido no uso da palavra ‘boi’. Conforme mencionado anteriormente, os empréstimos da língua portuguesa são pronunciados em Kanamari com o segmento /h/ em posição final de palavra. No caso de [‘boih] seguido de uma aproximante, a consoante em posição de Coda, passou à posição de ataque da sílaba seguinte e a aproximante ao núcleo da sílaba.

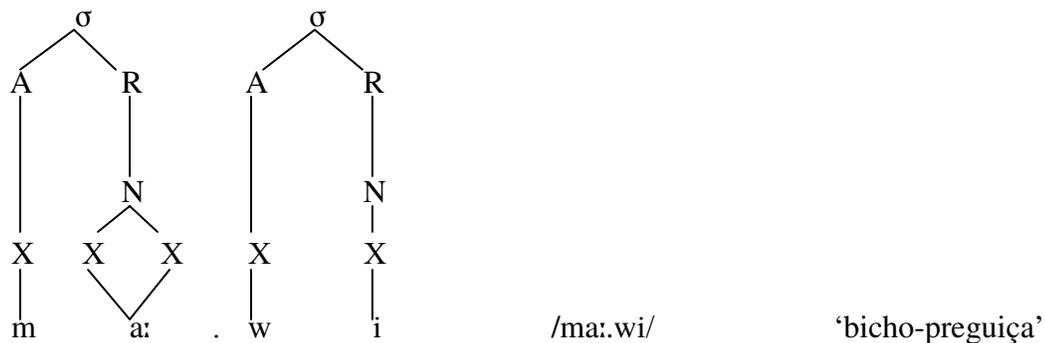
- (234) /bujh/ 'boi'
 /wah/ 'fêmea'
 /bujhwah/ 'vaca'
 /buj.hu.ah/ [CVV.CV.VC]

4.3.6 Peso Silábico

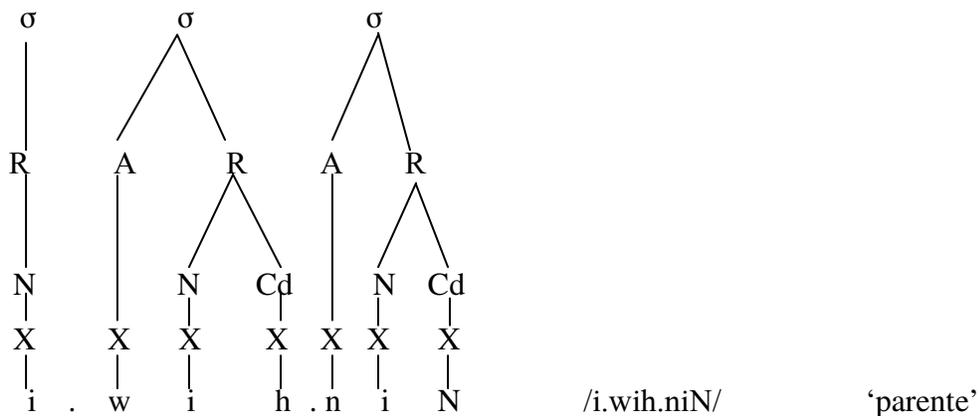
As sílabas podem ser tradicionalmente classificadas em leves ou pesadas, caracterizando algumas restrições e, principalmente, determinando a distribuição do acento. Nessa classificação, sílabas com vogais longas e sílabas fechadas são definidas como pesadas e aquelas com vogais breves, como leves.

A) Sílabas Pesadas:

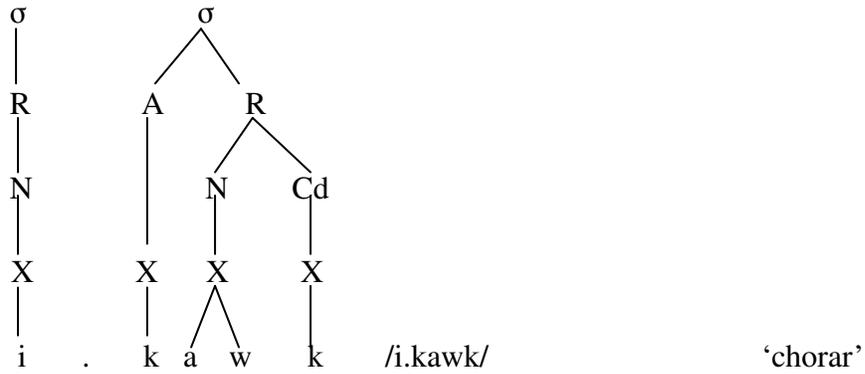
(235) Formadas por Núcleo Longo:



(236) Formadas por Núcleo seguido de Coda:

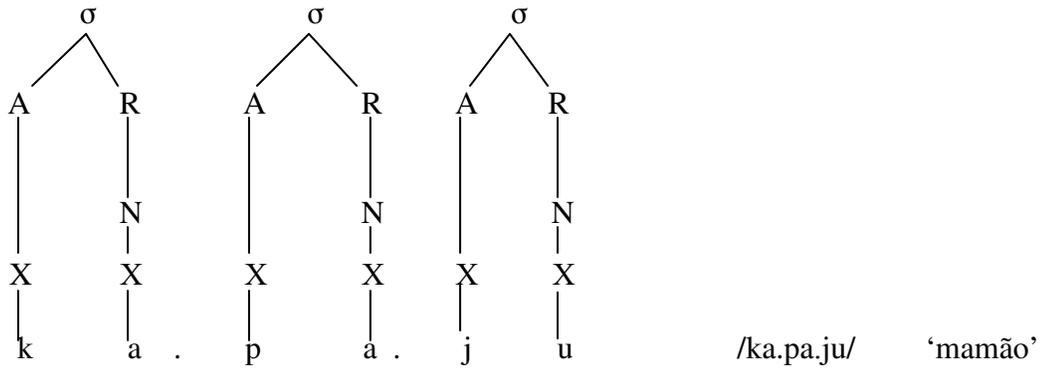


(237) Formadas por ditongo leve seguido de Coda:

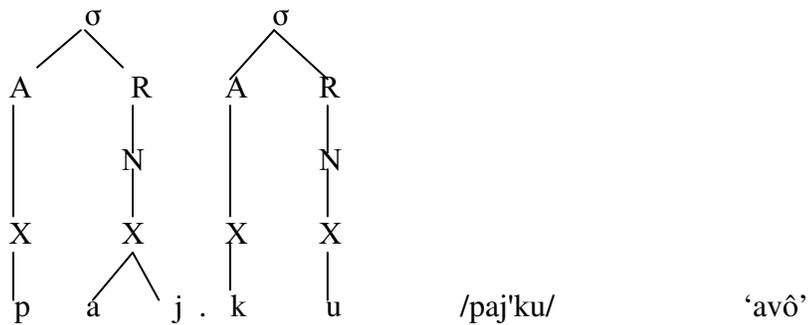


B) Sílabas Leves:

(238) Formadas por Núcleo Simples:



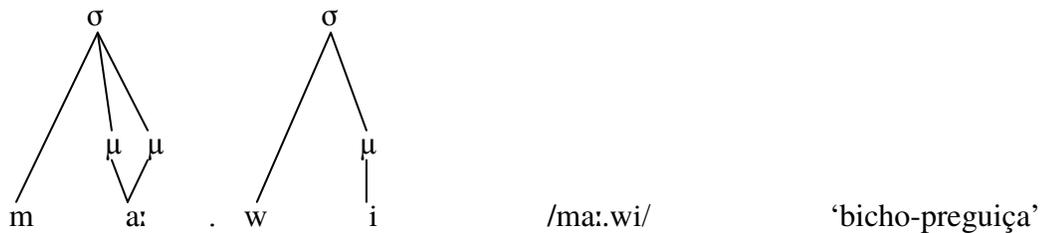
(239) Formadas por Ditongos:



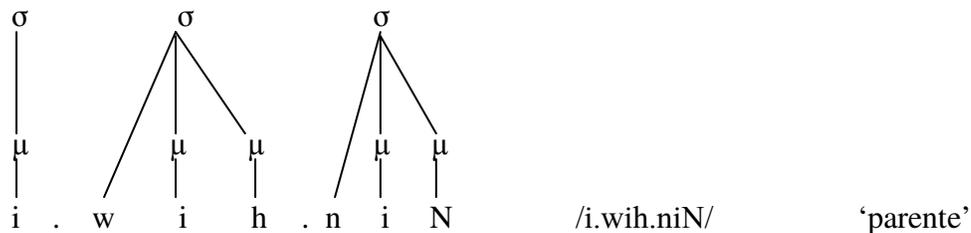
Interpretamos o peso silábico dos ditongos como leve de acordo com a constituição do peso das demais sílabas em Kanamari. Para essa análise, baseamo-nos na representação moraic. Assim, representamos, a seguir, o peso silábico das mesmas palavras dos exemplos (235) a (239) por meio de moras.

A) Sílabas Pesadas: composta por duas moras

(240) Vogais Longas (2 μ):

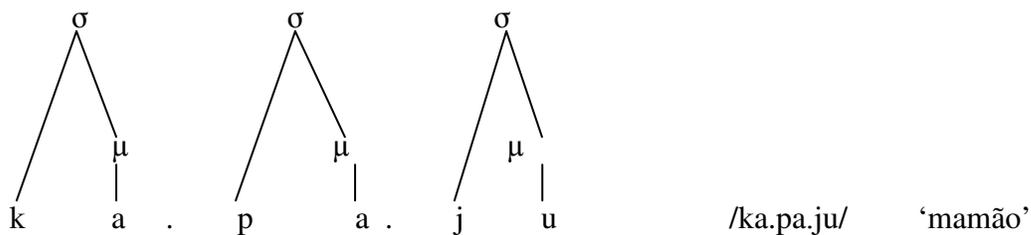


(241) Núcleo e Coda (2 μ):

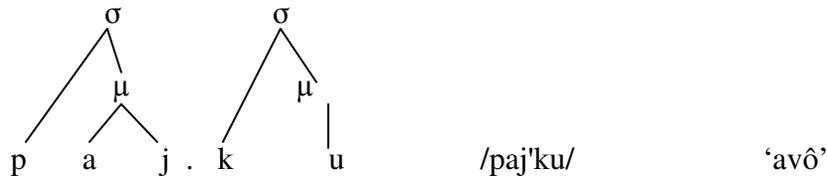


B) Sílabas Leves: composta por uma mora

(242) Vogal Simples (1 μ)



(243) Ditongo (1 μ)



Considerando que na língua não há sílaba composta por vogal longa seguida de consoante, o que formaria uma sílaba trimoraica, analisamos os ditongos com uma mora, pois este pode ser seguido de uma consoante tautossilábica e se fosse composto por duas moras, formaria uma sílaba extra-pesada, o que não parece ser padrão em Kanamari. Diante disso, a sílaba fechada é composta apenas por vogais curtas ou por ditongos seguidos por consoante, nunca por vogais longas.

(244)	/abura'niN/	'solteiro'
	/du'haN/	'casado'
	/iwih'niN/	'parente'
	/tʃu'tuk/	'testa'
	/tʃik 'tʃik/	'urina'
	/ba'mak/	'pacu (peixe)'

4.4 O ACENTO

Descritivamente, pode-se classificar o acento na língua Kanamari como previsível, pois, na maioria das vezes, ocorre na última sílaba. Conforme demonstram os exemplos abaixo:

(245)	/dʒaN/	'açai'
	/u:'ki/	'jenipapo'
	/ta'wi/	'goiaba'
	/a'kuN/	'semente'
	/juka'ra/	'sal'
	/tʃawahmi'ni/	'comida'
	/u'maN/	'árvore'
	/na:tʃi/	'milho'

Em palavras compostas o acento em geral também recai na última sílaba do último morfema:

(246)	/maNga'hai/	'polpa de manga'
	/maNga'h'dak/	'casa da manga'
	/maNga'h'kuN/	'caroço da manga'
	/umaNki'puN/	'flor'
	/umaN i'ta/	'tronco'
	/umaN'ʔu/	'galho'
	/umaN'ba/	'folha'
	/umaN'dak/	'casca de árvore'
	/huN/	'barro'
	/huN'tuN/	'chão'
	/huNhu'ru/	'lama'
	/'wah/	'rio'
	/wah'tiN/	'igarapé'

/hiN/	‘chuva’
/hiN'hi/	‘água da chuva’
/na:tʃi'ba/	‘palha do milho’
/na:tʃipu'ʔi/	‘barba do milho’
/na:tʃi'ʔaN/	‘pé de milho’
/na:tʃi'kuN/	‘semente de milho’

O acento secundário ocorre sempre na segunda sílaba à esquerda da sílaba mais proeminente.

(247)	/wa ₁ rapi'kuN/	‘fruta’
	/ ₁ iwih'niN/	‘parente’
	/ma ₁ huna'ʔaN/	‘cana’
	/u ₁ maNpi'kuN/	‘flor’
	/ ₁ tuuku'na/	‘pessoa’
	/wa ₁ rika'ma/	‘capivara’
	/tʃa ₁ wahmi'ni/	‘comida’
	/ ₁ diwah'kuN/	‘coração’

4.4.1 Análise Métrica do Acento

Para a análise fonológica do acento desse trabalho, fundamentamo-nos na teoria métrica e procuramos seguir principalmente o modelo proposto por Hayes (1995).

Em sua obra *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*, Hayes objetiva demonstrar que, embora não haja um correlato fonético invariável do acento, é possível defini-lo e investigá-lo de forma sistemática. Para isso, o autor apresenta uma tipologia e regras de acento que fundamentam as ideias básicas da teoria métrica.

Na versão da teoria métrica adotada por Hayes (1995), usa-se uma grade, que expressa a hierarquia rítmica dos batimentos, e uma estrutura de agrupamento, dessa forma, os pés são o constituinte métrico mais baixo e agrupam-se em unidades de níveis mais altos, que também se agrupam a unidades mais altas, e assim em diante.

Seguindo a tipologia apresentada por Hayes (1995), o acento pode se caracterizar em: livre ou fixo, rítmico ou morfológico, e limitado ou não limitado. O acento é livre quando sua locação for imprevisível, do contrário, é fixo. No sistema de acento rítmico, o acento baseia-se em fatores fonológicos, e no sistema morfológico, o acento é influenciado pela estrutura morfológica de uma palavra. Vale ressaltar, que esse dois sistemas ocorrem, em geral, em conjunto numa mesma língua. E, finalmente, o acento é limitado quando ocorre em uma determinada distância de um limite ou de outro acento. Em um sistema não-limitado, o acento pode ocorrer em uma distância ilimitada de um limite ou de outro acento.

Alguns aspectos do acento assinalados por Hayes são: a) culminativo, ou seja, cada palavra ou frase possui uma única sílaba mais forte que carrega o acento principal; b) distribuído ritmicamente, as sílabas que possuem níveis iguais de acento tendem a ocorrer alternadamente; c) hierárquico, muitas línguas acentuadas possuem múltiplos níveis de acento; d) não-assimilativo, uma sílaba, imediatamente próxima de uma acentuada, não assimila o acento.

Outro aspecto na teoria métrica é a parametrização, isto é, um sistema de regras deve se limitar a alguns parâmetros. Os parâmetros propostos por Hayes para o acento são: a) a escolha do tipo de pé: unário, binário, ternário ou ilimitado; b) a direção da análise: da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda; c) a Iteratividade, isto é, a construção do pé dá-se de maneira iterativa ou não; d) e a locação: cria-se uma nova camada métrica ou aplica-se à camada existente. A definição desses parâmetros que formará a regra do acento em uma determinada língua. De acordo com Hayes, as vantagens da teoria paramétrica do acento é que esta é bem definida, restritiva e capaz de descrever todos os sistemas de acento das línguas do mundo.

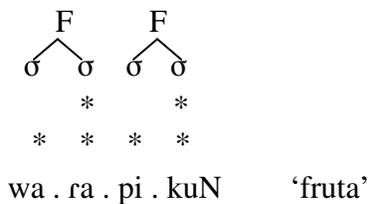
Outra noção fundamental na teoria métrica é a da *extrametricidade* (*extrametricality*). De acordo com as regras de extrametricidade, um constituinte prosódico é considerado invisível com o objetivo se enquadrar às regras de acento padrão na língua. Para limitar as condições de ocorrência desse fator, Hayes propõe algumas restrições a essa noção.

Apenas constituintes, como segmento, sílaba, pé, palavra fonológica e afixo, podem ser marcados como extramétricos; os mesmos devem estar na margem direita ou esquerda do seu

domínio. Além dessa regra de extrametricidade ser bloqueada em caso de inutilizar o domínio inteiro das regras de acento.

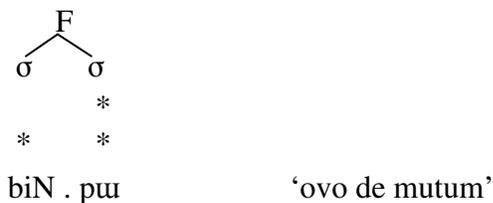
Dados alguns princípios fundamentais da fonologia métrica, baseados em Hayes (1995), prosseguimos à análise fonológica acentual da língua Kanamari. A atribuição do acento nessa língua configura-se por meio de pés métricos binários, com direção da direita para a esquerda:

(248)



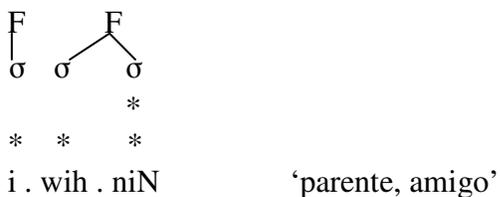
com dominância à direita e construção iterativa:

(249)



e existência de pés degenerados:

(250)



Segundo essa formalização, representamos a grade métrica do acento em algumas palavras Kanamari:

- (251) (*) Nível da Palavra
 (*) Nível do Pé
 σ Nível da Sílabas
 /duN/ Representação Fonológica
 [dõŋ] Representação Fonética

‘peixe’

- (252) (*) Nível da Palavra
(· *) Nível do Pé
σ σ Nível da Sílabas
/duN'dak/ Representação Fonológica
[dõŋ 'dak̃] Representação Fonética
‘escama de peixe’

(253)

- (*) Nível da Palavra
· (· *) Nível do Pé
σ σ σ Nível da Sílabas
/kiwa:'dʒuh/ Representação Fonológica
[kiwa:'dʒoh] Representação Fonética
‘pássaro’

(254)

- (*) Nível da Palavra
(· *)(· *) Nível do Pé
σ σ σ σ Nível da Sílabas
/warapi:'kuN/ Representação Fonológica
[warapi:'kõŋ] Representação Fonética
‘fruta’

4.4.1.1 Acento Morfológico

Hayes (1995), ao definir a tipologia das Regras de Acento, classifica-o em Rítmico ou Morfológico. Na primeira classificação, o acento baseia-se em fatores fonológicos, enquanto que no segundo caso, o acento é influenciado pela estrutura morfológica da palavra. Esse último tipo de ocorrência foi percebido em algumas palavras derivadas na língua Kanamari.

Nessa situação, o afixo não possui acento e, portanto, o acento permanece na sílaba acentuada da raiz, o que resulta em uma palavra paroxítona, que apesar de não ser uma característica comum na língua, tem explicação na estrutura morfológica, como demonstram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|-------|---------------|--------------|--------------------|
| (255) | [kona' ma] | /kuna' ma/ | 'doença' |
| | [niŋ] | /niN/ | 'nominalizador' |
| | [kona' manĩŋ] | /kuna'maniN/ | 'doente' |
| (256) | [bak'] | /bak/ | 'bom' |
| | [niŋ] | /niN/ | 'nominalizador' |
| | ['bagnĩŋ] | /'bakniN/ | 'bom, bonito' |
| (257) | [a] | /a-/ | 3SG |
| | [-tʃakʷ] | /-tʃak/ | 'pisar' |
| | [-mãŋ] | /-maN/ | 'fazer' |
| | [a' tʃagmãŋ] | /a' tʃakmaN/ | 'ele esmagou' |
| (258) | [ʎa] | /ʎa/ | 'gordo' |
| | [niŋ] | /niN/ | 'nominalizador' |
| | [ʎaniŋ] | /ʎaniN/ | 'comprido, grande' |

(259)	[tik̄]	/tik/	‘preto’
	[nĩŋ]	/niN/	‘nominalizador’
	[ˈtignĩŋ]	/ˈtikniN/	‘estar preto’
(260)	[kana'ro]	/kana'ru/	‘pintar’
	[nĩŋ]	/niN/	NOM
	[kana'ronĩŋ]	/kana'runiN/	‘pintado’

Interpretamos que, em casos como esses, o afixo é extramétrico e o acento permanece na palavra gramatical. Representamos essa regra de extrametricidade pela grade métrica nos exemplos a seguir:

(261)

/kuna'ma<niN>/	‘doente’
· (· *)	
(*)	

(262)

/ˈbak<niN>/	‘bom, bonito’
(*)	

(263)

/ˈtik<niN>/	‘estar preto’
(*)	

(264)

/kana'ru<niN>/	‘pintado’
· (· *)	
(*)	

(265)

/a tʃak < maN > / ‘esmagar’
(· *)

(266)

/'na < niN > / ‘comprido, grande’
(*)

Essa análise do acento é preliminar, pois ainda não esclarecemos se o domínio da atribuição do acento é a palavra ou a raiz, pois, aparentemente, os morfemas funcionais, como os sufixos, não atraem o acento, já que este permanece na palavra isolada. Entretanto, não concluímos se essa ocorrência é aleatória ou prevista. Devido a isso, apresentamos a análise dos casos excepcionais demonstrados acima por meio da regra de extrametricidade. Obviamente, essa interpretação não extingue o estudo sobre o acento na língua e deixa em aberto a determinação do domínio de atribuição do acento para estudos futuros.

4.4.2 Palavra Mínima

Selecionamos, dentre os dados, algumas palavras monossilábicas a fim de demonstrar a palavra mínima em Kanamari.

(267)	/biN/	‘mutum’
	/duN/	‘peixe’
	/naN/	‘carapanã’
	/iN/	‘piranha’
	/duk/	‘fezes’
	/bak/	‘bom’
	/hak/	‘casa’
	/hiN/	‘chuva’
	/huN/	‘barro’
	/buk/	‘assar’
	/uN/	‘tipo de sapo’

/wuu:/	‘pirarucu’
/tʃu:/	‘pupunha’
/tu:/	‘lá, longe’
/dʒaN/	‘açai’
/muk/	‘anta’
/tʃuN/	‘rato’
/tʃaN/	‘sol’
/wih/	‘muito’

A partir desses exemplos, levantamos a hipótese de que a palavra mínima é bimoraica em Kanamari, pois é formada sempre por uma vogal longa ou por vogal somada a uma consoante em posição de Coda. Não confirmamos tal suposição, pois encontramos também alguns poucos exemplos como /hu/ ‘sim’ e /ja/ ‘medo’, que constituem uma sílaba monomoraica. Contudo, se levarmos em conta que foneticamente tais dados são realizados com a glotal [ʔ] em posição final da palavra, como já demonstrou ser característico na língua, teríamos uma palavra bimoraica, já que a glotal ocuparia a posição de Coda. Assim, poderíamos dizer que a glotal é inserida para que a palavra seja bimoraica.

Essa mesma interpretação explicaria também o motivo de empréstimos da língua portuguesa serem realizados com /h/ em posição final absoluta da palavra, como no caso de ‘boi’, que é realizado [boih]. Como o ditongo em Kanamari é leve, a fricativa /h/ seria inserida para deixar a palavra bimoraica. Deixamos essa questão em aberto para pesquisas futuras, visto que são poucos os dados disponíveis sobre esse assunto.

4.4.3 Duração e Acento

Como é difícil definir foneticamente o acento, muitas vezes, este é definido em relação a recursos fonéticos que possuam outros fins fonológicos (Hayes, 1995), como por exemplo, duração e altura. Logo, pode-se concluir que o acento realiza-se foneticamente com base na

característica da língua em questão.

A duração é distintiva em Kanamari, por isso, é evitada para se correlacionar com o acento. Hayes (1995) observa que esse aspecto é coerente, pois se a duração fosse usada para marcar o acento, o contraste em vogais longas seria obscuro. Desse modo, as vogais longas não ocorrem em sílaba acentuada, com exceção de palavras monossilábicas, conforme os exemplos abaixo:

(268)	/wuu:/	['wuu:]	‘pirarucu’
	/u:'ki/	[o:'kiʔ]	‘jenipapo’
	/wa:'ru/	[wa:'roʔ]	‘papagaio’
	/na:'tʃi/	[na:'tsiʔ]	‘milho’
	/ka:'dʒuh/	[ka:'dʒoh]	‘jacaré’
	/tʃi:'pu/	[tʃi:'poʔ]	‘nambu’
	/pi:'dah/	[pi:'dah]	‘onça’
	/pa:'dʒa/	[pa:'dʒaʔ]	‘tamanduá’
	/wa:'dʒa/	[wa:'dʒaʔ]	‘lua’
	/pu:'tʃu/	[po:'tʃoʔ]	‘japó’
	/apu:'dak/	[apo:'dak̚]	‘casca de ovo’
	/ma:ku'na/	[ma:ko'naʔ]	‘cará’
	/warapi:'kuN/	[warapi:'kõŋ]	‘fruta’
	/kiwa:'dʒuh/	[kiwa:'dʒoh]	‘pássaro’
	/tʃi:ki'rɪ/	[tsi:ki'rɪʔ]	‘capim, grama’
	/bo:'tʃaN/	[bo:'tʃãŋ]	‘aranha’
	/pi:'tʃiN/	[pi:'tsĩŋ]	‘pulga’
	/ju:'niN/	[jo:'niŋ]	‘piolho’
	/wa:'pah/	[wa:'pah]	‘cachorro’

/ tʃu:'wi/	[tʃo:'wiʔ]	‘machado’
/ mu:'nu/	[mo:'no]	‘bodó’
/ tʃu:'yah/	[tʃo:'yah]	‘tipo de peixe’
/ ma:'wi/	[ma:'wiʔ]	‘bicho-preguiça’
/ bi:'tʃi/	[bi:'tʃiʔ]	‘lagartixa’
/ mana:'ru/	[mana:'ruʔ]	‘mosca’
/ dʒu:ri/	[dʒo:riʔ]	‘cupim’
/ mu:tʃi'ri/	[mo:tʃi'riʔ]	‘mariposa’
/ hu:'dʒa/	[hu:'dʒaʔ]	‘macaco aranha’
/ mu:'na/	[mu:'naʔ]	‘macaco sagui’
/ ma:pi'ri/	[ma:pi'riʔ]	‘tipo de cobra’
/ ku:'ra/	[ko:'raʔ]	‘escorpião’
/ pi:'ma/	[pi:'maʔ]	‘maçaranduba’

Todos os exemplos em (268) demonstram que o acento em Kanamari não é condicionado à sílaba formada pela vogal longa, mas pode ocorrer em sílabas fechadas pelos segmentos /N/, /k/, /h/ e em sílabas abertas formadas por vogal breve. Em suma, o acento não condiciona o alongamento das vogais em Kanamari, portanto, as vogais longas são fonológicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo descrever e interpretar alguns aspectos fonológicos da língua Kanamari. Para isso, catalogamos o inventário de sons encontrados nos dados obtidos. Em seguida, destacamos os pares de sons suspeitos para, então, pesquisar dados que os definissem em fonemas ou alofones. Dessa análise, concluímos que o grupo de sons [k], [k^ɿ] e [g] estão em distribuição complementar e constituem alofones do fonema /k/, assim como os pares de sons [ts]/[tʃ] e [dʒ]/[dʒʰ] estão em variação livre e compõem os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ respectivamente. Analisamos também as nasais e demonstrando duas interpretações: a alofonia entre /n/ e /ŋ/ e a indicação do arquifonema /N/. Além disso, mostramos que após o som [ŋ], pode haver um som intrusivo [^h], que se difere da fricativa /h/, pois esta caracteriza-se um fonema, ao passo que o som intrusivo configura-se uma realização fonética. Quanto às vogais, interpretamos que os sons posteriores [u] e [o] são representados pelo fonema /u/ e os sons anteriores [i], [ɪ] e [e] compõem o fonema /i/. E as vogais nasais não são fonológicas, pois ocorrem apenas quando seguidas pela nasal velar [ŋ].

Os processos de vozeamento, nasalização, inserção e alongamento também foram examinados de acordo com a teoria autossegmental. Quanto à estrutura silábica, concluímos que todos segmentos consonantais podem ocorrer em posição de Ataque, exceto o arquifonema /N/. Em posição de Núcleo ocorrem todas vogais e ditongos e em Coda, apenas os segmentos /N/, /k/ e /h/. Ademais, interpretamos algumas ambiguidades fonéticas conforme os moldes silábicos da língua e chegamos à conclusão de que as sequências [ai], [au] e [oi] formam ditongos decrescentes leves e que os sons [j], [w] e [ʔ] são consoantes fonológicas.

Em relação ao acento, exemplificamos que é previsível, pois tende a ocorrer na última sílaba, apesar de em alguns dados aparecer na penúltima sílaba. Esse fato foi analisado por meio da regra de extrametricidade. Entretanto, essa análise é preliminar, pois não foi especificado ainda o domínio de atribuição do acento, esperamos que essa questão seja aprofundada posteriormente, com mais dados específicos para esse caso. E finalmente, comprovamos que a duração não condiciona o acento em Kanamari.

Algumas hipóteses também foram sugeridas, como a assimilação de vozeamento, a inserção da glotal [ʔ] e a inserção do som intrusivo [^h] ocorrerem apenas em juntura de morfema. Entretanto, essa sugestão não pôde ser comprovada, pois em alguns dados não estava claro a junção de morfemas. Apresentamos também a interpretação de que a nasal velar seja realizada com uma aspiração como recurso para evitar a assimilação de ponto de articulação da consoante seguinte. Além disso, supomos que a palavra mínima em Kanamari é bimoraica, não se confirmou por encontrarmos alguns poucos dados que contestavam essa afirmação.

Diante da limitação dos dados e do pouco conhecimento da língua por parte da pesquisadora, entendemos que apenas essa pesquisa seria incapaz de abordar toda a complexidade existente em uma língua natural. Procuramos demonstrar os fatores mais perceptíveis dentre nossos dados e postular interpretações ou hipóteses, cientes de que outras pesquisas serão necessárias para contestá-las ou analisá-las mais amplamente.

REFERÊNCIAS

- Abbi, A. (2001). *A Manual of Linguistic Field Work and Structures of Indian Languages*. LINCOM EUROPA.
- Bouquiaux, L.; Thomas, J. M. C. (1992). *Studying and describing unwritten languages*. Dallas: SIL.
- Bowern, C. (2008) *Linguistic Fieldwork. A Practical Guide*. New York: Palgrave Macmillan.
- Burquest, D. A. (1998). *Phonological Analysis. A Functional Approach*. Dallas, TX.: SIL.
- Centro Ecumênico de Documentação e Informação (1981). *Kanamari*. In: Povos Indígenas no Brasil – Javari. São Paulo: CEDI.
- Clements, G.; Hume, E. V. (1995). The internal Organization of Speech Sounds. In: Goldsmith, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, pp. 245-306.
- Costa, L. *Kanamari*. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kanamari>. Acesso em: 30 de maio de 2012.
- Dos Anjos, Z. (2005). *Fonologia Katukína (dialeto Katukína do Biá)*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____. (2011). *Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari*. Tese de Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam.
- Groth, C. L. (1995). *Dicionário Canamari – Português*. Manaus: Missão Novas Tribos do Brasil.
- Hayes, B. (1995). *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Instituto Socioambiental (2012). *Terras Indígenas: Kanamari*. Disponível em: <<http://ti.socioambiental.org/#!/terras-indigenas/pesquisa/povo/49>>. Acesso em: 30 mai. de 2012.
- Instituto Socioambiental (2012). *Terra Indígenas Kanamari do Rio Juruá*. Disponível em: <<http://ti.socioambiental.org/#!/terras-indigenas/3718>>. Acesso em: 30 mai. de 2012.
- Instituto Socioambiental (2012). *Etnias do Rio Uaupés: Tukano*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tukano>> . Acesso em: 30 mai. de 2012.
- Labiak, A. M. (1997). *Frutos do céu e frutos da terra: aspectos da cosmologia Kanamari no Warapekom*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC.
- Loukotka, Č. (1963) *Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-*

- américains*. In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 52, 1963. pp. 7-60.
doi : 10.3406/jsa.
- Katamba, F. (1989). *An Introduction to Phonology*. London: Longman.
- Pike, K.L. (1947). *Phonemics: A Technique for Reducing Language to Writing*. Ann Arbor: University of Michigan.
- Queixalós, F.; Dos Anjos, Z. (2007). *A língua Katukína-Kanamari*. In: *Liames* volume 6. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, páginas 20-60.
- Rivet, P. (1920) *Nouvelles du Père C. Tastevin*. In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 12. pp. 284-285.
- Rodrigues, A. D. (1986). *Línguas Brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- Samarin, W. J. (1967). *Field Linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Wiston.
- Silva, M. et al. (1989). Elementos da fonologia Kanamari. In: *Cadernos de estudos linguísticos*. volume 16. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, páginas 123-141.
- Tastevin, C. (1924). *Les études ethnographiques et linguistiques du P . Tastevin en Amazonie*. Journal de la Société des Américanistes, Année 1924, Volume 16, Numéro 1 p. 421 – 425
- Trubetzkoy, N.S. (1969). *Principles of Phonology*. Traduzido por Christiane A.M. Bataxe. Los Angeles: University of California Press.
- Vaux, B.; Cooper, J. (1999). *Introduction to Linguistic Field Methods*. LINCOM EUROPA.

BIBLIOGRAFIA

- Burquest, D. A. (1998). *Phonological Analysis. A Functional Approach*. Dallas, TX.: SIL.
- Clements, G.; Hume, E. V. (1995). The internal Organization of Speech Sounds. In: Goldsmith, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, pp. 245-306.
- Goldsmith, J. (1990). *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell.
- _____. (1995). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell.
- Hayes, B. (1995). *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. (2011). *Introductory Phonology*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Hyman, L. M. (1975). *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Ladefoged, P.; Johnson, K. (2011). *A Course in Phonetics*. Boston: Cengage Learning. 6^a edição.
- Katamba, F. (1989). *An Introduction to Phonology*. London: Longman.
- Kenstowicz, M. (1994). *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell.
- Pike, K.L. (1947). *Phonemics: A Technique for Reducing Language to Writing*. Ann Arbor: University of Michigan.
- Roca, I. ; Johnson, W. (1999). *A Course in Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Trubetzkoy, N.S. (1969). *Principles of Phonology*. Traduzido por Christiane A.M. Bataxe. Los Angeles: University of California Press.

APÊNDICE – Lista de Palavras

Apresentamos todos os dados em Kanamari descritos nesse trabalho. Antes, porém, demonstramos a representação ortográfica utilizada pelos Kanamari do Juruá e que optamos por usá-la quando necessário.

Representação Ortográfica

- Consoantes: /p/: <p> ; /b/: ; /t/: <t>; /d/: <d> ; /k/: <k> ; /tʃ/: <ts> ; /dʒ/: <dj>; /m/: <m>; /n/: <n>; /ɲ/: <nh>; /N/: <m>; /h/: <h>; /r/: <r>; /w/: <w>; /j/: <y>; /ʔ/: <'>
- Vogais: /a/: <a>; /u/: <o>; /u/: <u>; /ai/: <ai>; /aw/: <au>; /oi/: <oi>

Lista de Palavras (Kanamari - Português)

a- /a/	3SG; 3POSS
Aba /a'ba/	‘mão dele’
Aboranim /abura'niN/	‘solteiro’
Adak /a'dak/	‘casca (em geral)’
Adu /adu/	1SG
Ahai /a'haj/	‘carne (em geral)’
-aita /ai'ta/	‘tornozelo’
Ajuh /a'juh/	‘muito’
Akita /aki'ta/	‘ninho (em geral)’
Akom /a'kuN/	‘semente (em geral)’
-am /aN/	‘perna’
Ama /a'ma/	‘para ele’
Amim /a'miN/	‘grávida’
Amitsanim /amitʃa'niN/	‘gordura’
-ammim /aN'miN/	‘canela (parte do corpo)’
-ampadja /aNpa'dʒa/	‘osso’
Ampi /aN'pi/	‘beija-flor’
Amtaro /aNta'ru/	‘tipo de formiga’
Amtsi /aN'tʃi/	‘grilo’

Amunah /amu:na/	‘tipo de macaco’
Ana /a'na/	‘andar’
Anha /a'na/	‘tia’
Anham /a'naN/	3SG
Anodim /anu'diN/	‘cinzas’
Anotok /anu'tuk/	‘ponta’
Aopu /awpu/	‘filhote (em geral)’
Apadja /apa'dʒa/	‘vazio’
Apam /a'paN/	‘braço dele’
Aparanim /apara'niN/	‘branco’
Apo /a'pu/	‘ovo (em geral)’
Apodak /apu:'dak/	‘casca de ovo’
Ayuh /a'juh/	‘muito’
Bada /ba'da/	‘esquilo’
Bahtsi /bahtʃi/	‘veado’
Bak /bak/	‘bom’
Bakna /bakna/	‘melhor de saúde’
Baknatu /baknatu/	‘mal (de saúde)’
Baknim /bakniN/	‘bom, bonito’
Baktu /bak'tu/	‘ruim, mau’
Bamak /ba'mak/	‘pacu (peixe)’
Baohnim /bawh'niN/	‘roçado’
Bara /ba'ra/	‘animal’
Bari /bari/	‘banana’
Batih /ba:'tih/	‘hoje’
Bim: /biN/	‘mutum (ave)’
Biri'ima /biri'i'ma/	‘sujo, sujeira’
Bitsi /bi:'tʃi/	‘verme’
Boih /bujh/	‘boi’
Boih wah /bujh wah/	‘vaca’
Bok /buk/	‘assar’
Bokanim /buka'niN/	‘assado’
Bomampi /bumam'pi/	‘mamão bravo’
Borohdak /buruh'dak/	‘maracujá’
Borohdakmam /buruhdak'maN/	‘árvore de maracujá’
Botsam /bu:'tʃaN/	‘tipo de aranha’
Bu /'bu/	‘interjeição’

Bukam /bu:'kaN/	'afiado, amolado'
Buru /bu'ruu/	'preguiçoso'
Da'am /da'ʔaN/	'ir embora'
Dadohi /dadu'hi/	'correr'
Dahu /da'huu/	'leve'
-dak /dak/	'couro; pele; casca'
Dam /daN/	'caminho'
Damwara /daNwa'ra/	'primeiro'
Dawam /da'waN/	'em pé'
Diwahkom /diwah'kuN/	'coração'
Diyok /di'juk/	'doer, arder'
Dja'am /dʒa'ʔaN/	'peneira'
Djaikom /dʒaj'kuN/	'traíra (peixe)'
Djam /'dʒaN/	'açaf'
Djapa: /dʒapa/	'clã'
Djohko /dʒuh'ku]	'feitiço'
Djori /dʒu:ri/	'cupim'
Djoriri /dʒu:ri'ri/	'tipo de ave'
Djukam /dʒu'kaN/	'tremer'
Doham /du'haN/	'casado'
Dok /duk/	'fezes'
Dom /duN/	'peixe'
Dom nhanim /duN ɲa'niN/	'surubim (peixe)'
Domdak /duN'dak/	'escama de peixe'
Domhi /duN'hi/	'caldo de peixe'
Duruku'am /du:ruku'ʔaN/	'flecha'
Ha- /ha/	3POSS
Ha'am /ha'ʔaN/	'perna dele'
Ha'am /ha'aN/	'ficar'
Ha'i pararanim /ha'ʔi parara'niN/	'arroz'
Haihai /hajhaj/	'tipo de evento cultural'
Hak /hak/	'casa; tucandeira (formiga)'
Hak diyoknim /hak dijokniN/	'formiga de fogo (lit. "formiga ardida")'
Hak nhanim /hak ɲa'niN/	'maloca'
Hak ono /hak unu/	'porta'
Hakba /hak'ba/	'palha; telhado'

Hakmi /hak'mi/	‘quarto’
Ha'ohpak /haʔuh'pak/	‘nariz dele’
Ha'omi /haʔu'mi/	‘fumaça’
Ha'oni /haʔu'ni/	‘cru’
-hi /hi/	‘líquido’
Hi- /hi/	1POSS
Hi'am /hi'ʔaN/	‘minha perna’
Hidjam /hi:'dʒaN/	‘suor’
Hihpam /hihpaN/	‘cobra’
hi'itakom /hiʔita'kuN/	‘meu cotovelo’
him /hiN/	‘chuva’
Himhi /hiN'hi/	‘água da chuva’
Hina /hi'na/	‘buscar’
Hinha /hi:'ja/	‘encher de água’
Hinuk /hi'nuuk/	‘marcador de plural’
Hi'ohpak /hiʔuhpak/	‘meu nariz’
Hitsam /hi:'tʃaN/	‘porco do mato’
Hom /huN/	‘barro, terra’
Homdi /huN'di/	‘jararaca (cobra)’
Homhoro /huNhu'ru/	‘lama’
Hommi /huN'mi/	‘buraco no chão’
Homo /hu'um/	‘rede’
Homtom /huN'tuN/	‘chão’
Hóri /hu:'ri/	‘tipo de vaso de barro’
Hori /hu'ri/	‘vomitar’
-horo /hu'ru/	‘líquido espesso’
Horom /hu:'ruN/	‘quente’
Horopa /huru'pa/	‘molhado’
Hudja /hu:'dʒa/	‘macaco aranha’
I- /i/	1SG; 1POSS
-i /i/	‘pé’
Iba /i'ba/	‘minha mão’
Idik /i'dik/	2SG
-ih /ih/	‘dente’
Ihnam /ih'naN/	‘morcego’
Ihpidji /ihpi'dzi/	‘tipo de macaco bem pequeno’
Ihta /ih'ta/	‘lenha’
Ihtato /ihta'tu/	‘bicho de pé’

Ihti /ih'ti/	‘minhoca’
Ihtom /ihtuN/	‘ponte’
Ikaok /i'kaw/	‘chorar’
Ikik /i'kik/	‘um’
-iko /i'ku/	‘olhos’
-ikom / i'kuN/	‘dedo do pé’
Im: /iN/	‘piranha (peixe)’
Inomok /inu'muk/	‘nora’
ipam /i'paN/	‘meu braço’
-itakom /ita'kuN/	‘cotovelo’
Itʃakwah /itʃak'wah/	‘genro; sobrinho’
Itsaroh /itʃa'ruh/	‘mulher’
Itsarohpu /itʃaruh'pu/	‘menina’
itso /i'tʃu/	‘minha filha’
Itsonim /itʃu'niN/	‘floresta, mato’
Iwabara /iwaba'ra/	‘meu marido’
Iwihnim /iwih'niN/	‘parente’
Iwiyo /iwi'ju/	‘arco’
Jamboh /ʒaN' buh/	‘jambo’
Jambohmam /ʒaNbuh' maN/	‘árvore do jambo’
Kadji Kirik: /kadzi kirik/	‘macaco de cheiro’
Kadjo /ka:'dʒo	‘coruja’
Kadjoh /ka:'dʒuh/	‘jacaré’
KaihdaK /kajh'dak/	‘tipóia para carregar bebê’
Kaina /kaj'na/	‘macaco guariba’
Kaitsahi /kajtʃa'hi/	‘bebida’
Kamomdja: /kamuNdʒa/	‘macaco barrigudo’
Kanaro /kana'ru/	‘pintar’
Kanaronim /kana'runiN/	‘pintado, colorido’
Kanawa /kana'wa/	‘caranguejeira’
Kapayo /kapa'ju/	‘mamão’
Kawuh /ka:'wuh/	‘tartaruga’
-ki /ki/	‘cabeça’
Kidak /ki'dak/	‘velho’
Kidakpa /kidak'pa/	‘ficar velho’
Kiri /ki'ri/	‘periquito’

Kiripam /kiri'paN/	'batata doce'
Kiriwino: /kiriwinu/	'tipo de evento cultural'
Kiwa /ki:'wa/	'paca'
Kiwadjoh /kiwa:'dʒuh/	'pássaro'
Kiwadjohpu /kiwa'dʒuh pu/	'filhote de pássaro'
Kodji /ku'dʒi/	'lavar, tomar banho'
Kodoh /ku'duh/	'alto; céu'
Kodohi /kudu'hi/	'sereno'
Kodohtu /kuduh'tuu/	'baixo'
Kohana /kuhana/	'tipo de evento cultural'
Koimaru /kujma'ru/	'tipo de árvore'
Kokoh /ku' kuh/	'côco'
Kokohmam /kukuh' maN/	'coqueiro'
-kom /kuN/	'semente, caroço; pequeno (diminutivo)'
Komamim /kuma'miN/	'ingá'
Komdak /kuN'dak/	'pulga'
Komhu /kuN'huu/	'mentira'
Kona /ku'na/	'palmito'
Konama /kuna' ma/	'doença'
konamanim /kuna'maniN/	'doente'
-koni /kuni/	'língua, fala'
Kora /ku:'ra/	'escorpião'
kori'om /kur'ʔuN/	'cipó'
Koru: /ku'ru/	'Kulina'
Kotsiyah: /kotʃijah/	'lontra'
Kowi /ku'wi/	'garrafa, vidro'
Koyah /ku'jah/	'cajúma'
Mahona'am /mahuna'ʔaN/	'cana-de-acúcar'
Makona /ma:ku'na/	'cará (planta)'
-mam /maN/	'árvore'
-mam /-maN/	'fazer'
Mamgah /maN' gah/	'manga'
Mamgahai /maNga'haj/	'polpa de manga'
Mamgahdak /maNga'h'dak/	'casa da manga'
Mamgahkom /maNga'h'kuN/	'caroço da manga'
Mamuru /mamur'ru/	'tipo de peixe'
Manaru /mana:'ru/	'mosca'
Mani /ma:'ni/	'pica-pau'

Manotsi /manu'tʃi/	‘lagartixa’
Mapiri /mapi'ri/	‘tipo de cobra’
mapo'am /mapu'ʔaN/	‘diarréia’
Mara /ma:ra/	‘tipo de fruta’
Maru /ma:'ru/	‘tatu’
Mawi /ma:'wi/	‘bicho-preguiça’
-mi /mi/	‘buraco’
-minaki /minaki/	‘dentro’
Mok /muk/	‘anta’
Mokdak /muk'dak/	‘chicote (de couro de anta); tipo de evento cultural’
Mokhai /muk'haj/	‘carne de anta’
Mom /muN/	‘tio’
Momtsana /muNtʃa'na/	‘segundo’
Momtsana kaham /muNtʃa'na ka'haN/	‘terceiro’
Monha /mu:'ja/	‘abelha’
Mono /mu:'nu/	‘bodó (peixe)’
Moro /mu:'ru/	‘vaso de barro’
Motsiri /mu:tʃi'ri/	‘mariposa’
Muna /mu:'na/	‘macaco sagui’
Mura /mu:'ra/	‘tipo de peixe’
Naitam /naj'taN/	‘como (pronomo interrogativo)’
-naki /na'ki/	‘em, dentro’
Nam /naN/	‘carapanã’
Nama /na'ma/	‘para’
Namdak /naN'dak/	‘tipo de inseto’
Nanima /nani'ma/	‘tipo de peixe’
Nato /na:'tu/	‘cará (peixe)’
Natsi /na:tʃi/	‘milho’
Natsi'am /na:tʃi'ʔaN/	‘pé de milho’
Natsiba /na:tʃi'ba/	‘palha do milho’
Natsikom /na:tʃi'kuN/	‘semente de milho’
Natsipo'i /na:tʃipu'ʔi/	‘barba do milho’
Nha /'ja/	‘gordo, grande’
-nha /ja/	‘seio’
Nhama /ja'ma/	‘mãe’
Nhanim /'janiN/	‘comprido, grande’

Nhokona /ɲuku¹na/	‘passear’
Nikikmam /nikik¹maN/	‘força’
-nim /niN/	NOM
Nok /nuk/	‘raiva’
Nomoi /numuj/	‘tipo de peixe’
no¹opakmi /nu¹upak¹mi/	‘narina dele’
obo¹o /ubu¹ʔu/	‘banana maçã’
Odjo /u¹dʒu/	‘cheio’
-ohpak /uh¹pak/	‘nariz’
Ohu /u¹hu/	‘respiração’
Oki /u¹ki/	‘jenipapo’
Om: /uN/	‘tipo de rã’
Omam /u¹maN/	‘árvore (em geral)’
Omam ita /umaN i¹ta/	‘tronco’
Omamba /umaN¹ba/	‘folha’
Omamdak /umaN¹dak/	‘casca de árvore’
Omamkipom /umaNki¹puN/	‘flor’
Omam¹o /umaN¹ʔu/	‘galho’
Onaham: /una¹haN/	‘diferente’
-opakmi /upak¹mi/	‘narina’
Opatsim /upa¹tʃiN/	‘criança’
Opu /u¹pu/	‘filhote’
-opu /upu/	‘pequeno’
Ori /u¹ri/	‘camarão’
Orih /u¹rih/	‘linha para pescar’
Orihkom /urih¹kuN/	‘corda pequena’
Pádja /pa¹dʒa/	‘tamanduá; urucum’
Padja /pa¹dʒa/	‘todos; parar, sentar’
Paha /pa¹ha/	‘podre, fedido’
Pahki /pah¹ki/	‘pimenta’
Paiko /paj¹ku/	‘avô; velho’
Pamah [pa¹mah]	‘pai’
Pawaru /pawa¹ru/	‘gavião’
Pida /pi¹da/	‘neto, neta’
Pidah: /pi¹dah/	‘onça’
Pidjiki /pidʒi¹ki/	‘pium’
Pija /pi¹ja/	‘rapaz’

Pikom /pi:'kuN/	‘tipo de côco pequeno’
Pima /pi:ma/	‘maçaranduba (árvore)’
Pinah /pi:'nah/	‘anzol’
Pitsi /pi:'tʃi/	‘doce’
Pitsim /pi:'tʃiN/	‘carrapato’
-po /pu/	‘ovo’
Pok ohpak /puk uhpak/	‘proa de canoa’
Pokita /puki'ta/	‘popa de canoa’
Pokmam /pukmaN/	‘cedro (árvore)’
Poru /pu:'ru/	‘tipo de côco’
porokom /puru'kuN/	‘cobra pequena’
Poru /pu:'ruw/	‘frio, friagem’
Potso /pu:'tʃu/	‘japó (pássaro)’
-pu /puw/	‘filhote’
Puhnim /puh'niN/	‘vermelho’
Tabi /tabi/	‘jacu’
Takara /taka'ra/	‘galinha, galo’
Tawa /ta'wa/	‘macaxeira’
Tawi /ta'wi/	‘goiaba’
Tihtam /tih'taN/	‘muito’
Tijaham /tija'haN/	‘amanhã’
Tik /tik/	‘preto’
To /tu:/	‘lá, longe’
Todaki /tuda'ki/	‘sentar’
-tok /tuk/	‘testa’
tom /tuN/	‘cesto de palha’
Tomam /to'maN/	‘pesado’
Topu /tu'pu/	‘poraquê (tipo de peixe)’
Tori /tu'ri/	‘cesto de cipó’
Torokom /turu'kuN/	‘vagalume’
towum /tuwuN/	‘aquele’
Tsahim /tʃa'hiN/	‘gordura, gordo’
Tsaih /'tʃajh/	‘comprido’
-tsak /-tʃak/	‘pisar’
Tsam /'tʃaN/	‘sol’
Tsamahdak /tʃamah'dak/	‘roupa’
Tsanim kaham /tsa'niN ka'haN/	‘muito tempo atrás’

Tsawahmini /tʃawahmi'ni/	‘comida’
Tsikiri /tʃi:ki'ri/	‘capim, grama’
Tsiktsik /tʃik 'tʃik/	‘urina’
Tsipo /tʃi:'pu/	‘nambu (ave)’
Tsiri: /tʃi:ri/	‘tipo de evento cultural’
-tso /tʃu/	‘filha’
tso- /tʃu/	1PL; 1PLPOSS
Tso /tʃu:/	‘pupunha’
tso'aita /tʃuʔaj'ta/	‘nossos tornozelos’
Tso'am /tʃu'ʔaN/	‘nossas pernas’
Tsoammim /tʃuʔaN'miN/	‘nossas canelas (parte do corpo)’
tso'ampadja /tʃuʔaNpa'dza/	‘nossos ossos’
Tsohi /tʃu'hi/	‘suco de pupunha’
tso'i /tʃu'ʔi/	‘nossos pés’
tso'ih /tʃu'ʔih/	‘nossos dentes’
tso'iko /tʃuʔi'ku/	‘nossos olhos’
tso'ikom /tʃuʔi'kuN/	‘nossos dedos do pé’
Tso'itakom /tʃuʔita'kuN/	‘nossos cotovelos’
Tsoki /tʃu'ki/	‘nossas cabeças’
Tsokoni /tʃuku'ni/	‘nossa língua (idioma)’
Tsoma /tʃu'ma/	‘cutia’
Tsomwuk: /tʃuNwuk/	‘tucano’
Tsonha /tʃu'ʃa/	‘nossos seios’
tso'odih /tʃuʔu'dih/	‘cordão umbilical’
tso'opakmi /tʃuʔupak'mi/	‘nossas narinas’
Tsoram /tʃu:'raN/	‘seco’
Tsoro /tʃu:'ru/	‘tipo de côco’
Tsotok /tʃu'tuk/	‘nossas testas’
Tsowi /tʃu:'wi/	‘machado’
Tsoyah /tʃu:'jah/	‘tipo de peixe’
Tsuku /tʃu' ku/	‘morrer, morto’
Tsum /tʃuN/	‘rato’
-tu /tu/	NEG
Tukuna: /tuukuuna/	‘pessoa, índio Kanamari’
-wabara /waba'ra/	‘marido’

Wadja /wa:'dʒa/	‘lua’
Wadjo tiknim: /wa:dʒu tikniN/	‘tipo de macaco’
Wadjo paranim: /wa:dʒu paraniN/	‘tipo de macaco’
Wah /'wah/	‘água; igarapé; avó; fêmea’
Wahbim /wah'biN/	‘pato (lit. 'mutum do rio)'
Wahdak /wahdak/	‘lago’
Wahnaki /wahná ki/	‘no igarape, dentro do igarapé’
Wahnom /wah'nuN/	‘beira do igarapé’
Wahtim /wah'tiN/	‘igapó, fonte de água’
Waih /wajh/	‘caba, marimbondo’
Waikpa /wajk'pa/	‘cantar’
Wakak /wa:'kak/	‘abacaxi’
Wamam /wa:'maN/	‘saudável, forte’
Wanim /wa:.niN/	‘vento’
Waokdji /wawk'dʒi/	‘chegar’
Wapah /wa:'pah/	‘cachorro’
Wapam /wa:'paN/	‘fome, faminto’
Warapikom /warapi:'kuN/	‘fruta’
Warikama /warika'ma/	‘capivara’
Waro /wa:'ru/	‘papagaio’
Watahi /watahi/	‘água’
Watsum /wa'tʃuN/	‘tipo de peixe’
Wiri: /wi:ri/	‘queixada’
Wiribi /wiri'bi/	‘arroz’
Wiwiyok /wiwi'juk/	‘gritar’
Wu /wuu:/	‘pirarucu (peixe)’
Wuni /wuu:'ni/	‘rio’
Ya /'ja/	‘medroso’
Yama /jama/	‘para mim’
Yanim /ja:'niN/	‘brilhante’
Yaya /ja'ja/	‘tipo de sapo’
Yokara /juka'ra/	‘sal’
Yokdja /juk'dʒa/	‘irmã (de mulher); irmão (de homem)’
Yonim /ju:'niN/	‘piolho’
Yopu /jupu/	‘meu filho’
Yotoro /jutu'ru/	‘nambu galinha’

Lista de Palavras (Português - Kanamari)

1PL; 1PLPOSS	tso- /tʃu/
1SGPOSS	Hi- /hi/
1SG	Adu /adu/
1SG; 1SGPOSS	I- /i/
2SG	Idik /i'dik/
3SGPOSS	Ha- /ha/
3SG	Anham /a'ɲaN/
3SG; 3SGPOSS	a- /a/
abacaxi	Wakak /wa:'kak/
abelha	Monha /mu:'ɲa/
açaí	Djam /'dʒaN/
afiado, amolado	Bukam /bu:'kaN/
água	Wah /'wah/
água	Watahi /watahi/
água da chuva	Himhi /hiN'hi/
alto	Kodoh /ku'duh/
amanhã	Tijaham /tija'haN/
andar	Ana /a'na/
animal	Bara /ba'ra/
anta	Mok /muk/
anzol	Pinah /pi:'nah/
aquele	towum /tuwuN/
aranha (tipo de)	Botsam /bu:'tʃaN/
arco	Iwiyo /iwi'ju/
arder	Diyok /di'juk/
arroz	Ha'i pararanim /ha'ʔi parara'niN/
arroz	Wiribi /wiri'bi/
árvore	-mam /maN/
árvore (em geral)	Omam /u'maN/
árvore (tipo de)	Koimaru /kujma'ru/
árvore de maracujá	Borohdakmam /buruhdak'maN/
árvore do jambo	Jambohmam /ʒaNbuh' maN/
assado	Bokanim /buka'niN/
assar	Bok /buk/
ave (tipo de)	Djoriri /dʒuri'ri/

avô	Paiko /paj'ku/
avó	Wah /'wah/
baixo	Kodohtu /kuduh'tu/
banana	Bari /bari/
banana maçã	obo'o /ubu'ʔu/
barba do milho	Natsipo'i /natʃipu'ʔi/
barro	Hom /huN/
batata doce	Kiripam /kiri'paN/
bebida	Kaitsahi /kajtʃa'hi/
beija-flor	Ampi /aN'pi/
beira do igarapé	Wahnom /wah'nuN/
bicho de pé	Ihtato /ihta'tu/
bicho-preguiça	Mawi /ma:'wi/
bodó (peixe)	Mono /mu:'nu/
boi	Boih /bujh/
bom	Bak /bak/
bonito	Baknim /bakniN/
braço dele	Apam /a'paN/
branco	Aparanim /apara'niN/
brilhante	Yanim /ja:'niN/
buraco	-mi /mi/
buraco no chão	Hommi /huN'mi/
buscar	Hina /hi'na/
caba	Waih /wajh/
cabeça	-ki /ki/
cachorro	Wapah /wa:'pah/
caçuma	Koyah /ku'jah/
caldo de peixe	Domhi /duN'hi/
camarão	Ori /u'ri/
caminho	Dam /Dan/
cana-de-acúcar	Mahona'am /mahuna'ʔaN/
canela (parte do corpo)	-ammim /aN'miN/
cantar	Waikpa /wajk'pa/
capim	Tsikiri /tʃi:ki'ri/
capivara	Warikama /warika'ma/
cará (peixe)	Nato /na:'tu/
cará (planta)	Makona /ma:ku'na/

caranguejeira	Kanawa /kana'wa/
carapanã	Nam /naN/
carne (em geral)	Ahai /a'haj/
carne de anta	Mokhai /muk'haj/
caroço da manga	Mamgahkom /maNgah'kuN/
caroço	-kom /kuN/
carrapato	Pitsim /pi:'tʃiN/
casa da manga	Mamgahdak /maNgah'dak/
casa	Hak /hak/
casado	Doham /du'haN/
casca	-dak /dak/
casca (em geral)	Adak /a'dak/
casca de árvore	Omamdak /umaN'dak/
casca de ovo	Apodak /apu:'dak/
cedro (árvore)	Pokmam /pukmaN/
cesto de cipó	Tori /tu'ri/
cesto de palha	tom /tuN/
céu	Kodoh /ku'duh/
chão	Homtom /huN'tuN/
chegar	Waokdji /wawk'dzi/
cheio	Odjo /u:'dʒu/
chicote (de couro de anta)	Mokdak /muk'dak/
chorar	Ikaok /i'kawk/
chuva	him /'hiN/
cinzas	Anodim /anu'diN/
cipó	kori'om /kuri'ʔuN/
clã	Djapa: /dzapa/
cobra	Hihpam /hihpaN/
cobra (tipo de)	Mapiri /mapi'ri/
cobra pequena	porokom /puru'kuN/
côco	Kokoh /ku' kuh/
côco (tipo de)	Pikom /pi:'kuN/
côco (tipo de)	Poro /pu:'ru/
côco (tipo de)	Tsoro /tʃu:'ru/
comida	Tsawahmini /tʃawahmi'ni/
como (pronome interrogativo)	Naitam /naj'taN/
comprido	Tsaih /'tʃajh/
comprido	Nhanim /'naniN/
coqueiro	Kokohmam /kukuh' maN/

coração	Diwahkom /diwah'kuN/
corda pequena	Orihkom /urih'kuN/
cordão umbilical	tso'odih /tʃuʔu'dih/
correr	Dadohi /dadu'hi/
coruja	Kadjo /ka'dʒo
cotovelo	-itakom /ita'kuN/
couro	-dak /dak/
criança	Opatsim /upa'tʃiN/
cru	Ha'oni /haʔu'ni/
cupim	Djori /dʒu:ri/
cutia	Tsoma /tʃu'ma/
dedo do pé	-ikom / i'kuN/
dente	-ih /ih/
dentro	-minaki /minaki/
dentro	-naki /na'ki/
dentro do igarape	Wahnaki /wahna'ki/
diarréia	mapo'am /mapu'ʔaN/
diferente	Onaham: /una'haN/
doce	Pitsi /pi:tʃi/
doença	Konama /kuna'ma/
doente	konanim /kuna'maniN/
doer	Diyok /di'juk/
em pé	Dawam /da'waN/
encher de água	Hinha /hi:'ja/
escama de peixe	Domdak /duN'dak/
escorpião	Kora /ku:'ra/
esquilo	Bada /ba'da/
evento cultural (tipo de)	Haihai /hajhaj/
evento cultural (tipo de)	Kiriwino: /kiriwinu/
evento cultural (tipo de)	Kohana /kuhana/
evento cultural (tipo de)	Mokdak /muk'dak/
evento cultural (tipo de)	Tsiri: /tʃi:ri/
fala	-koni /kuni/
faminto	Wapam /wa:'paN/
fazer	-mam /-maN/
feitiço	Djohko /dʒuh'ku/
fêmea	Wah /'wah/

fezes	Dok /duk/
ficar	Ha'am /ha'aN/
ficar velho	Kidakpa /kidak'pa/
filha	-tso /tʃu/
filhote	Opu /u'pu/
filhote	-pu /pu/
filhote (em geral)	Aopu /awpu/
filhote de pássaro	Kiwadjohpu /kiwa'dzuh pu/
flecha	Duruku'am /duruku'a'ʔaN/
flor	Omamkipom /umaNki'puN/
floresta, mato	Itsonim /itʃu'niN/
folha	Omamba /umaN'ba/
fome	Wapam /wa:'paN/
fonte de água	Wahtim /wah'tiN/
força	Nikikmam /nikik'maN/
formiga (tipo de)	Amtaro /aNta'ru/
formiga de fogo (lit. “formiga ardida”)	Hak diyoknim /hak dijokniN/
frio	Poru /pu:'ru/
fruta	Warapikom /warapi:'kuN/
fruta (tipo de)	Mara /ma:ra/
fumaça	Ha'omi /ha'ʔu'mi/
galho	Omam'o /umaN'ʔu/
galinha	Takara (wah) /taka'ra wah/
galo	Takara /taka'ra/
garrafa, vidro	Kowi /ku'wi/
gavião	Pawaru /pawa'ru/
genro	Itʃakwah /itʃak'wah/
goiaba	Tawi /ta'wi/
gordo	Tsahim /tʃa'hiN/
gordo, grande	Nha /'pa/
gordura	Amitsanim /amitʃa'niN/
gordura	Tsahim /tʃa'hiN/
grama	Tsikiri /tʃi:ki'ri/
grávida	Amim /a'miN/
grilo	Amtsi /aN'tʃi/
gritar	Wiwiyok /wiwi'juk/
hoje	Batih /ba:'tih/

igapó	Wahtim /wah'tiN/
igarapé	Wah /'wah/
índio Kanamari	Tukuna: /tukuna/
ingá	Komamim /kuma'miN/
inseto (tipo de)	Namdak /naN'dak/
interjeição	Bu /'bu/
ir embora	Da'am /da'ʔaN/
irmã (de mulher)	Yokdja /juk'dʒa/
irmão (de homem)	Yokdja /juk'dʒa/
jacaré	Kadjoh /ka:dʒuh/
jacu	Tabi /tabi/
jambo	Jamboh /ʒaN'bu/
japó (pássaro)	Potso /pu:tʃu/
jararaca (cobra)	Homdi /huN'di/
jenipapo	Oki /u:'ki/
Kulina	Koru: /ku'ru/
lá	To /tu:/
lagartixa	Manotsi /manu'tʃi/
lago	Wahdak /wahdak/
lama	Homhoro /huNhu'ru/
lavar	Kodji /ku'dʒi/
lenha	Ihta /ih'ta/
leve	Dahu /da'huu/
língua	-koni /kuni/
linha para pescar	Orih /u'rih/
líquido	-hi /hi/
líquido espesso	horo /hu'ru/
longe	To /tu:/
lontra	Kotsiyah: /kotʃijah/
lua	Wadja /wa:dʒa/
macaco (tipo de)	Amunah: /amunah/
macaco (tipo de)	Wadjo tiknim: /wa:dʒu tikniN/
macaco (tipo de)	Wadjo paranim: /wa:dʒu paraniN/
macaco aranha	Hudja /hu:'dʒa/
macaco barrigudo	Kamomdja: /kamoNdʒa/
macaco bem pequeno (tipo de)	Ihpidji /ihpi'dʒi/

macaco de cheiro	Kadji Kirik: /kadzi kirik/
macaco guariba	Kaina /kaj'na/
macaco sagui	Muna /mu:'na/
maçaranduba (árvore)	Pima /pi:ma/
macaxeira	Tawa /ta'wa/
machado	Tsowi /tʃu:'wɪ/
mãe	Nhama /ɲa'ma/
mal (de saúde)	Baknatu /baknatu/
maloca	Hak nhanim /hak ɲa'niN/
mamão	Kapayo /kapa'ju/
mamão bravo	Bomampi /bumam'pi/
manga	Mamgah /maN'gah/
mão dele	Aba /a'ba/
maracujá	Borohdak /buruh'dak/
marcador de plural	Hinuk /hi'nuuk/
marido	-wabara /waba'ra/
marimbondo	Waih /wajh/
mariposa	Motsiri /mu:tʃi'ri/
mau	Baktu /bak'tu/
medroso	Ya /'ja/
melhor de saúde	Bakna /bakna/
menina	Itsarohpu /itʃaruh'pu/
mentira	Komhu /kuN'hɯ/
meu braço	ipam /i'paN/
meu cotovelo	hi'itakom /hiʔita'kuN/
meu filho	Yopu /jupu/
meu marido	Iwabara /iwaba'ra/
meu nariz	Hi'ohpak /hiʔuhpak/
milho	Natsi /na:tʃi/
minha filha	itso /i'tʃu/
minha mãe	Iba /i'ba/
minha perna	Hi'am /hi'ʔaN/
minhoca	Ihti /ih'ti/
molhado	Horopa /huru'pa/
morcego	Ihnam /ih'naN/
morrer	Tsuku /tʃu ku/

morto	Tsuku /tʃu' ku/
mosca	Manaru /mana:'ru/
muito	Ayuh /a'juh/
muito	Tihtam /tih'taN/
muito tempo atrás	Tsanim kaham /tsa'niN ka'haN/
muito	Ajuh /a'juh/
mulher	Itsaroh /itʃa'ruh/
mutum (ave)	Bim: /biN/
nambu (ave)	Tsipo /tʃi:'pu/
nambu galinha	Yotoro /jutu'ru/
narina	-opakmi /upak'mi/
narina dele	no'opakmi /nuʔupak'mi/
nariz	-ohpak /uh'pak/
nariz dele	Ha'ohpak /haʔuh'pak/
NEG	-tu /tu/
neta	Pida /pi'da/
neto	Pida /pi'da/
ninho (em geral)	Akita /aki:'ta/
nominalizador	-nim /niN/
nora	Inomok /inu'muk/
nossa língua (idioma)	Tsokoni /tʃuku'ni/
nossas cabeças	Tsoki /tʃu'ki/
nossas canelas (parte do corpo)	Tsoammim /tʃuʔaN'miN/
nossas narinas	tso'opakmi /tʃuʔupak'mi/
nossas pernas	Tso'am /tʃu'ʔaN/
nossos cotovelos	Tso'itakom /tʃuʔita'kuN/
nossos dedos do pé	tso'ikom /tʃuʔi'kuN/
nossos dentes	tso'ih /tʃu'ʔih/
nossos olhos	tso'iko /tʃuʔi'ku/
nossos ossos	tso'ampadja /tʃuʔaNpa'dza/
nossos pés	tso'i /tʃu'ʔi/
nossos seios	Tsonha /tʃu'ʔna/
nossos tornozelos	tso'aita /tʃuʔaj'ta/
olhos	-iko /i'ku/
onça	Pidah: /pi:dah/
osso	-ampadja /aNpa'dza/

ovo	-po /pu/
ovo (em geral)	Apo /a'pu/
paca	Kiwa /ki:'wa/
pacu (peixe)	Bamak /ba'mak/
pai	Pamah [pa'mah]
palha do milho	Natsiba /natʃi'ba/
palha	Hakba /hak'ba/
palmito	Kona /ku'na/
papagaio	Waro /wa:'ru/
para (POSP.)	Nama /na'ma/
para ele	Ama /a'ma/
para mim	Yama /jama/
parente	Iwihnim /iwih'niN/
pássaro	Kiwadjoh /kiwa:'dʒuh/
passoar	Nhokona /ɲuku'na/
pato (lit. 'mutum do rio')	Wahbim /wah'biN/
pé	-i /i/
pé de milho	Natsi'am /natʃi'ʔaN/
peixe	Dom /duN/
peixe (tipo de)	Mamuru /mamuru/
peixe (tipo de)	Mura /mu'ra/
peixe (tipo de)	Nanima /nani'ma/
peixe (tipo de)	Nomoi /numuj/
peixe (tipo de)	Tsoyah /tʃu:'jah/
peixe (tipo de)	Watsum /wa'tʃuN/
pele	-dak /dak/
peneira	Dja'am /dʒa'ʔaN/
pequeno	-opu /upu/
pequeno (diminutivo)	-kom /kuN/
periquito	Kiri /ki'ri/
perna	-am /aN/
perna dele	Ha'am /ha'ʔaN/
pesado	Tomam /to'maN/
Pessoa	Tukuna: /tukuna/
pica-pau	Mani /ma:'ni/
pimenta	Pahki /pah'ki/
pintado, colorido	Kanaronim /kana'ruiN/
pintar	Kanaro /kana'ru/

piolho	Yonim /ju:'niN/
piranha (peixe)	Im: /iN/
pirarucu (peixe)	Wu /wu:/
pisar	-tsak /-tʃak/
pium	Pidjiki /pidʒi'ki/
podre, fedido	Paha /pa'ha/
polpa de manga	Mamgahai /maŋga'haj/
ponta	Anotok /anu'tuk/
ponte	Ihtom /ihtuN/
popa de canoa	Pokita /puki'ta/
poraquê (tipo de peixe)	Topu /tu'pu/
porco do mato	Hitsam /hi:'tʃaN/
porta	Hak ono /hak unu/
preguiçoso	Buru /bu'ru/
preto	Tik /tik/
primeiro	Damwara /daNwa'ra/
proa de canoa	Pok ohpak /puk uhpak/
pulga	Komdak /kuN'dak/
pupunha	Tso /tʃu:/
quarto	Hakmi /hak'mi/
queixada	Wiri: /wi:ri/
quente	Horom /hu:'ruN/
raiva	Nok /nuk/-
rapaz	Pija /pi'ja/
rato	Tsum /tʃuN/
rede	Homo /hu'um/
respiração	Ohu /u'huu/
rio	Wuni /wu:'ni/
roçado	Baohnim /bawh'niN/
roupa	Tsamahdak /tʃamah'dak/
ruim	Baktu /bak'tu/
sal	Yokara /juka'ra/
saudável, forte	Wamam /wa:'maN/
seco	Tsoram /tʃu:'raN/
segundo	Momtsana /muNtʃa'na/
seio	-nha /pa/

semente (em geral)	Akom /a'kuN/
semente de milho	Natsikom /na:tʃi'kuN/
semente	-kom /kuN/
sentar	Todaki /tuda'ki/
sereno	Kodohi /kudu'hi/
sobrinho	Itʃakwah /itʃak'wah/
sol	Tsam /'tʃaN/
solteiro	Aboranim /abura'niN/
suco de pupunha	Tsohi /tʃu'hi/-
sujeira	Biri'ima /biriʔi'ma/
sujo	Biri'ima /biriʔi'ma/
suor	Hidjam /hi'dʒaN/
surubim (peixe)	Dom nhanim /duN ja'niN/
tamanduá; urucum	Pádja /pa'dʒa/
tartaruga	Kawuh /ka'wuh/
tatu	Maru /ma:'ru/
telhado	Hakba /hak'ba/
terceiro	Momtsana kaham /muNtʃa'na ka'haN/
terra	Hom /huN/
testa	-tok /tuk/
testa (em geral)	Tsotok /tʃu'tuk/
tia	Anha /a'ja/
tio	Mom /muN/
tipo de rã	Om: /uN/
tipo de sapo	Yaya /ja'ja/
tipo de vaso de barro	Hóri /hu'rɪ/
tipóia para carregar bebê	Kaihdkak /kajh'dak/
todos; parar, sentar	Padja /pa'dʒa/
tomar banho	Kodji /ku'dʒi/
tornozelo	-aita /aj'ta/
traíra (peixe)	Djaikom /dʒaj'kuN/
tremar	Djukam /dʒu'kaN/
tronco	Omam ita /umaN i'ta/
tucandeira (formiga)	Hak /hak/
tucano	Tsomwuk: /tʃuNwuk/
um	Ikik /i'kik/
urina	Tsiktsik /tʃik 'tʃik/

vaca	Boih wah /bujh wah/
vagalume	Torokom /turu'kuN/
vaso de barro	Moro /mu:'ru/
vazio	Apadja /apa'dza/
veado	Bahtsi /bah'tʃi/
velho	Kidak /ki'dak/
velho (homem)	Paiko /paj'ku/
vento	Wanim /wa:niN/
verme	Bitsi /bi:'tʃi/
vermelho	Puhnim /puh'niN/
vomitar	Hori /hu'ri/